

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM HISTÓRIA

ELIZABETE MARIA ESPÍNDOLA

**Cruz e Sousa:**  
**Modernidade e mobilidade social nas duas últimas décadas do século XIX.**

**São Paulo**  
**2006**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO.  
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM HISTÓRIA.

ELIZABETE MARIA ESPÍNDOLA

**Cruz e Sousa:**  
**Modernidade e mobilidade social nas duas últimas décadas do século XIX.**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Odila da Silva Dias.

**SÃO PAULO**  
**2006**

**Comissão Julgadora:**

---

---

---

## RESUMO

O tema desta dissertação de mestrado em História procurou fazer uma re-leitura da experiência de vida de Cruz e Sousa. O presente trabalho tem como idéia central, compreender sua trajetória de vida e os limites da Modernidade. Cruz e Sousa viveu em um período marcado por profundas mudanças no contexto político e social. Sua poesia ocupou lugar importante na pesquisa, bem como, suas cartas a amigos e familiares, pois através delas nos foi possível perceber seus sonhos, desejos, expectativas e desencantos.

Sua trajetória de vida foi adotada como fio condutor, que nos permitiu compreender as contradições, as ambigüidades, as possibilidades e as limitações às tentativas de mobilidade social de um homem livre de cor vivendo em um período marcado pelas discussões em torno do fim do trabalho escravo e da instauração da República.

No capítulo inicial, procuramos fazer uma rápida apresentação de Cruz e Sousa e sua família, os primeiros anos do poeta em Desterro/Florianópolis, sua relação com a cidade, como esta cidade estava organizada e os processos de remodelamento de seu espaço urbano.

No segundo capítulo, procuramos destacar o círculo de sociabilidade do poeta durante sua juventude, onde a atividade teatral, os encontros para leitura e discussão das novidades filosóficas e literárias, bem como os sarais literários foram os principais aglutinadores desse pequeno grupo de jovens.

No terceiro e último capítulo procuramos analisar Cruz e Sousa na cidade do Rio de Janeiro, o círculo de sociabilidade construído na Capital Federal, a publicação de suas principais obras, sua busca por uma colocação e a formação de um grupo de poetas simbolistas identificados com uma estética decadentista.

## ABSTRACT

This History Master's Dissertation tried to make a re-reading of *Cruz e Souza's* life experience. The current paper has as its main purpose to understand his way of life, his limits and his attempts of social mobility. *Cruz e Souza* lived in a period of time where there were deep changes both in the political and social contexts. His disappointment with the society of that period has become into poetry. His poetry has earned important space in the research field and a decadentist symbolist aesthetic was the way he founded to better express this disappointment. The letters he wrote to his friends and relatives were also used in the research, since they enabled us to perceive his dreams, desires, expectations and frustrations.

The course of his life worked as a guide that led us to understand the contradictions, the ambiguities, the possibilities and the limitations concerning to the attempts of social mobility of a free black man living in a period of time marked by discussions about the end of the slavery and the establishment of the Republic .

In the first chapter, we tried to make a brief introduction about *Cruz e Souza* and his family, his first years as a poet in *Desterro / Florianopolis*, his relationship with the city as well as its organization and urban modernization process.

In the second chapter, we emphasize the poet's networking in the society during his youth, where theater and sessions with readings and discussions of philosophy and literary news as well as the literary *soirees* were responsible for gathering this little group of young people.

In the third and last chapter, we analyze *Cruz e Souza* in Rio de Janeiro, his new social circle, the publication of his main works, his search for a room in the world of poetry and the beginning of a group of symbolist poets identified by their decadentist aesthetic.

## AGRADECIMENTOS

A meus pais Roberto Espíndola e Odias M. O. Espíndola, pela compreensão, carinho e apoio.

A Professora Maria Odila Leite da Silva Dias, pela orientação cuidadosa e segura, sempre pronta a ouvir e a acalmar os aflitos que se aventuram no árduo caminho da pesquisa, e principalmente por ter incentivado e acreditado neste projeto ajudando-o a encontrar seu caminho próprio – *Viva !!* As agências financiadoras CAPES e CNPq.

Aos professores do programa, Denise Sant'Ana Bernuzzi, Antônio Pedro Tota, Yvone Avelino e Olga Brites, por suas sugestões que ampliaram caminhos.

Aos amigos, Eduardo Netto e Jânio Costa pela acolhida tão generosamente, pelo carinho e atenção que sempre dispuseram.

As amigas Ana Karine e Simeia Torres, pelas leituras atentas, sugestões e pelo apoio generoso, sem esquecer de Alexandre Pianelli e Marcelo Zarzuela pelas primeiras leituras que contribuíram para que este trabalho saísse do projeto e tomasse corpo.

E finalmente aos colegas do NEAB – Núcleo de estudos afro-brasileiro de Florianópolis, coordenado pelo Professor Paulino Cardoso, onde durante o período em que fui pesquisadora associada encontrei ali apoio, incentivo e sugestões.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>01</b>
<b>CAPÍTULO 1. SEMPRE O SONHO.</b>	
1.1 Meu queridíssimo filho.	08
1.2A Modernidade tenta chegar a Ilha.	20
<b>CAPÍTULO 2. DESEJOS E SONHOS, TRAJETÓRIAS DISTINTAS.</b>	
2.1 O teatro como agente civilizador.	33
2.2 O grupo Idéia Nova.	48
<b>CAPÍTULO 3. CÁ ESTOU NESTA GRANDE CAPITAL.</b>	
3.1 Um admirável mundo novo?	80
3.2 Mealheiro de Almas	89
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>112</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>115</b>
<b>FONTES</b>	<b>122</b>

## INTRODUÇÃO

*Sempre o sonho. Para encantar os círculos da Vida  
È ser tranqüilo, sonhador, confiante, sempre trazer o coração radiante,  
Como um rio e rosais junto de ermidas. Beber na vinha celestial, garrida  
Das estrelas o vinho flamejante  
E caminhar vitorioso e avante  
Como um deus, com a cabeça enfiorecida...<sup>1</sup>*

Na atual Florianópolis, o nome Cruz e Sousa é lembrado como sinônimo de cultura, vivendo em uma espécie de passado mítico sacralizado pela Literatura, muitas vezes a margem dos fatos e ausente de sua própria história. Sua memória foi apreendida como um dos principais representantes da literatura local, e na área central da cidade, passou a dar nome a um conjunto de instituições como o antigo Palácio do Governo, atualmente Palácio Cruz e Sousa<sup>2</sup> edifício que também abriga o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e o Museu Cruz e Sousa.

A presente dissertação de mestrado em História, tem como objetivo a re-leitura da trajetória de vida do poeta Cruz e Sousa na tentativa de reinseri-lo num leque de possibilidades de mobilidade social. Esta tentativa de reinserção nos possibilitou perceber os limites impostos a Cruz e Sousa que viveu a partir da segunda metade do século, período marcado pelas discussões em torno do fim da escravidão no Brasil e a instauração da República.

O Brasil do final de século XIX era um país em grandes transformações e em sintonia com as mudanças que ocorriam no mundo industrial, e que se espalhavam por países e regiões periféricas do sistema capitalista, a este período se convencionou chamar de Modernidade. A questão central deste trabalho reside na tentativa de compreender, quais os limites da Modernidade para Cruz e Sousa ?

A partir desta questão inicial, percebemos que Cruz e Sousa necessitava de um estudo com uma abordagem histórica que iluminasse alguns aspectos de sua vida que continuavam obscuro. Como por exemplo, sua participação e seu envolvimento na causa abolicionista, sua relação com a família e principalmente com seu pai, sua busca por uma colocação em

---

<sup>1</sup>SILVEIRA, Tasso da. *Poesias completas de Cruz e Sousa. Broqueis, Faróis, Últimos Sonetos*. Editora TecnoPrint, 1992, p.112.

<sup>2</sup>O antigo Palácio do Governo construído em meados do século XVIII em 1979 passou a se chamar Palácio Cruz e Sousa em homenagem ao poeta. O mesmo edifício abriga ainda o Museu Santa Catarina e IHGSC.

Desterro/Florianópolis e mais tarde no Rio de Janeiro, e quais as estratégias de sobrevivência que articulou e os amigos que compartilharam de suas experiências.

O esmiuçar de suas experiências nos possibilitou perceber o surgimento de uma sensibilidade de derrota, de desilusão, de desencanto com sua época. Sensibilidade expressada em Literatura, sua opção por uma estética decadentista foi à forma encontrada de expressar o desencanto e o desgosto pela sociedade. Neste esmiuçar das práticas de sobrevivência, que se configuravam como fontes de resistência, intercalando-se com táticas e subterfúgios possíveis de um cotidiano improvisado, sempre em processo de ser reinventado<sup>3</sup> nos possibilitou fugir de um discurso normativo totalizante e hegemônico sobre Cruz e Sousa.

Sua trajetória começa ainda em Desterro, no último quartel do século XIX, período marcado por intensas reformas no espaço urbano de Desterro/Florianópolis. Estas reformas tinham como objetivo elevar a Capital a uma sintonia institucional com as mudanças políticas e sociais vigentes no Brasil após a Abolição e a Proclamação da República.

Dos principais centros urbanos em especial da Capital Federal, a cidade do Rio de Janeiro o grande centro irradiador deste novo estado de espírito modernizador, partiram as novas determinações que marcaram o reordenamento do país segundo as novas determinações impostas pelo capitalismo internacional e tendo como modelo a ser seguido os países industrializados da Europa e Estados Unidos<sup>4</sup>.

Tal desejo reformador encontrou apoio nas vozes dos jovens literatos do *Idéia Nova*, que consideravam-se modernos, atualizados e em sintonia com as novidades filosóficas e literárias européias, erguendo a bandeira pela abolição do trabalho escravo e pelo engajamento político na modernização da sociedade brasileira.

Dos trabalhos consultados acerca de Cruz e Sousa, a maioria constitui-se de análises literárias de suas obras, *Missal*, *Broquéis*, *Evocações*, *Faróis* e *Últimos Sonetos*, bem como estudos sobre as influências de alguns intelectuais simbolistas deste período sobre a poesia cruz e souseana, como Charles Baudelaire, Edgar Allan Poe, Mallarmé entre outros. Logo, um grande

---

<sup>3</sup> DIAS, Maria Odila da Silva. Projeto história. *Trabalho e memória*. Revista do Programa de estudos Pós-graduados em História do Departamento de História, nº 17. Novembro de 1998.

<sup>4</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 3ª edição, 1989. Sobre as reformas urbanas no Rio de Janeiro e as mudanças nos costumes ver: BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Hausmann tropical. A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro*. Secretaria Municipal da Cultura, Turismo e Esporte. Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural. Divisão de Editoração, 1992. Ver também: NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

número de trabalhos importantes no campo da crítica literária que contribuíram muito para a interpretação da obra, mas que se propuseram a uma análise da estética literária<sup>5</sup>.

Outros trabalhos frutos de pesquisa biográfica apresentam ainda, uma rápida descrição de seu papel enquanto literato e de sua trajetória de vida muitas vezes interpretada erroneamente como a de um negro assimilado, onde o enfoque está situado sobre uma vida trágica, reduzindo Cruz e Sousa e sua experiência de vida a um “beco sem saída”; fruto de leituras centradas em dicotomias (preto/branco senhor/escravo), incapazes de percebê-lo como um homem livre de cor<sup>6</sup> com seus sonhos e desejos.

Dentre os primeiros trabalhos sobre Cruz e Sousa e o movimento simbolista, está o de Abelardo F. Montenegro<sup>7</sup>, o autor procurou situar o poeta no tempo e no espaço na tentativa de reconstituir o ambiente onde Cruz e Sousa nasceu e viveu seus primeiros anos, utilizando como suas principais fontes os jornais da época. Trabalho pioneiro escrito no início da década de 50, período onde a questão racial assumiu importância significativa nos estudos sociais. Bastante influenciado pelos trabalhos de Silvio Romero, Roger Bastide e Gilberto Freire, Cruz e Sousa aparece na obra de Montenegro como um filho de ex-escravos adotado e criado pelos antigos senhores de seus pais, numa relação sem conflito e tensões, onde a principal preocupação do poeta estava na busca pela ascensão social através da arte.

Um outro trabalho importante que buscou compreender o movimento literário, foi o de Andrade Muricy<sup>8</sup>, onde o autor estabeleceu uma longa pesquisa de fôlego sobre o movimento simbolista e seus principais nomes. Quanto a Cruz e Sousa o autor traçou uma rápida biografia do poeta, destacando sua importância como o principal representante deste movimento.

---

<sup>5</sup> PEREIRA, Helena Bonito C. *Araripe Júnior e o Simbolismo francês*. São Paulo: Tese de Doutorado em Teoria Literária. USP, 1996. RABELLO, Ivone Daré. *Um canto a margem: uma leitura poética de Cruz e Sousa*. São Paulo: Tese de Doutorado em Teoria Literária, 1998. No catálogo de Dissertações e Teses da UFSC encontramos os trabalhos de: VALADÃO, Tânia C.T. *De arte e de dor. Proposta nova para leitura de Evocações*. Florianópolis: Dissertação de mestrado em Literatura. UFSC, 1995.

<sup>6</sup> Categoria que permite pensar Cruz e Sousa como um homem livre, dissociado da experiência do cativo, pois nasceu de ventre livre, portanto livre de restrições civis, entretanto a ascendência africana, principalmente após a segunda metade do século XIX com a racionalização das desigualdades sociais, o remete ao estigma da cor.

<sup>7</sup> MONTENEGRO, Abelardo F. *Cruz e Sousa e o Movimento Simbolista no Brasil*. 3ª ed., Florianópolis, FCC Edições, 1998.

<sup>8</sup> MURICY, Andrade. *Panorama do Movimento Simbolista brasileiro*. 1ª ed., Rio de Janeiro Instituto Nacional do Livro, 2 volumes, 1952.

Os trabalhos de Evaldo Pauli<sup>9</sup> e de Raymundo Magalhães Júnior<sup>10</sup>, seguem muito próximos da abordagem de Abelardo Montenegro, onde a questão da ascensão social através da arte assume importância singular. Trabalhos que procuraram focalizar de diferentes ângulos, o peso e o significado da produção literária de Cruz e Sousa, bem como, tentaram compreender como, um homem negro, filho de ex-escravos e sem berço, buscou ascender socialmente e ambicionou ocupar posição de prestígio no meio literário no Brasil do final do século XIX. Esta foi uma das razões que despertou nosso interesse por Cruz e Sousa, porém não foi apenas a sua importância singular que nos motivou a adotá-lo como fio condutor desta investigação. Nossa intenção reside em orientar o estudo para a análise de sua trajetória de vida, tecendo em torno da figura de Cruz e Sousa o pano de fundo socio-cultural de sua vida.

Cruz nasceu e viveu a partir da segunda metade do século XIX, em um período marcado por intensas mudanças políticas e sociais, ao mesmo tempo em que o Brasil recebia a influência de todo um conjunto de teorias e correntes filosóficas, como o positivismo, o evolucionismo, o materialismo, o liberalismo e as teorias raciais que por aqui aportaram no final do século XIX, contribuindo para um recrudescimento das relações sociais entre africanos, afrodescendentes e os eurodescendentes, como forma de garantir a estes últimos os seus direitos e privilégios.

Em vida Cruz e Sousa publicou três obras, *Tropos e Fantasias* pequeno livro em prosa com a parceria de Virgílio Várzea publicado no ano de 1885 em Desterro, pela Tipografia do Jornal Regeneração, de propriedade de Duarte Paranhos Schutel, órgão ligado ao Partido Republicano. Livro que foi custeado pelos autores, “trazendo-lhes algumas notas de elogios e o dissabor de uma cobrança pública e indevida”<sup>11</sup>.

Mais tarde fruto de um amadurecimento intelectual intenso publicou *Missal e Broquéis* em 1893 no Rio de Janeiro pela Editora Magalhães & Cia. Missal introduziu o Simbolismo no Brasil, foi escrito na forma de poesia em prosa algo até então feito apenas por alguns autores europeus como o francês Charles Baudelaire. Aproveitando o pequeno espaço editorial aberto para a publicação de Missal, Cruz e Sousa aproveitou então, para lançar Broquéis, livro de poemas que revela uma técnica estilística ímpar.

---

<sup>9</sup>PAULI, Evaldo. *Cruz e Sousa. Poeta e Pensador*. 1ª ed., São Paulo, Editora do escritor, 1973.

<sup>10</sup>JÚNIOR, Raymundo Magalhães. *Poesia e vida de Cruz e Sousa*. 3ª ed., Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1975.

<sup>11</sup> SOARES, Iaponan. *Ao redor de Cruz e Sousa*. 1ª ed., Florianópolis, Editora da UFSC, 1988.p.57.

Após sua morte em 19 de março de 1898, foi publicado no mesmo ano, *Evocações*, livro em prosa escrito grande parte quando o autor já residia no Rio de Janeiro, organizado por Saturnino de Meirelles amigo e admirador de Cruz e Sousa que tomou para si a incumbência de publicar a obra pela Tipografia Aldina no Rio de Janeiro. *Faróis*, livro de poesia publicado no ano de 1900 pela tipografia do Instituto Profissional, com notas de Nestor Vitor. Quanto a *Últimos Sonetos*, este foi publicado em 1905 em Paris, pela Aillaud & Cia, com um desenho de Maurício Jubim e prólogo de Nestor Vitor, que nesta época residia em Paris e foi o responsável pela publicação da obra.

Seguindo na trilha da produção literária de Cruz e Sousa, proponho revisitar sua produção, mais especificamente sua prosa e seus artigos publicados em jornais e revistas da época. Para Sidney Chalhoub:

a proposta é historicizar a obra literária – seja ela conto, crônica, poesia ou romance –, inseri-la no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social, – destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social – algo que faz mesmo ao negar fazê-lo<sup>12</sup>.

Segundo Chalhoub para os historiadores a literatura é testemunho histórico e se faz necessário definir de forma sucinta, o caráter histórico do testemunho literário. Pois qualquer obra literária está situada em meio a um processo histórico, e guardadas as devidas proporções, cada obra literária apresenta propriedades específicas e precisa ser adequadamente interrogada.

é preciso ponderar as características específicas da fonte literária. E aqui as primeiras perguntas do historiador social são: “De que literatura se está falando? Quais as suas características? Como determinado autor – ou ‘escola’ – concebe a sua arte? Esse parece ser um ponto de partida

---

<sup>12</sup>CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Afonso. *A História Contada, capítulos da história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998. p.8.

obrigatório para esclarecer o estatuto de uma obra literária como testemunho histórico; uma “determinação objetiva” de tal tipo de evidência. Ao invés de pensar, de forma essencialista ou idealista, nas relações entre “literatura e história”, o que nos interessa é inserir autores e obras literárias específicas em processos históricos determinados<sup>13</sup>.

A relevância deste trabalho está justamente na possibilidade de uma abordagem histórica de Cruz e Sousa, propondo um diálogo com vertentes da história social e da crítica literária, inserindo-o na arena das polêmicas e conflitos de sua contemporaneidade. Essa tentativa de esmiuçar seu modo de viver nasceu, com base em uma hermenêutica do cotidiano, com o intuito de percebermos os modos informais através dos quais Cruz e Sousa, buscou se inserir na história como sujeito. Da mesma forma que uma releitura da cidade de Desterro, tomando Cruz e Sousa como fio condutor, no intento de compreendermos o ambiente cultural de Desterro e a presença de um forte discurso modernizador da cidade.

Na sua primeira fase de produção ainda muito jovem em Desterro/Florianópolis Cruz e Souza esteve atento às mudanças, e participou ativamente da campanha abolicionista. Mais tarde já amadurecido e vivendo na Capital Federal, iniciou uma segunda fase de vida, intensificando suas leituras dos principais simbolistas, aderiu à estética decadentista e através dela expressou o seu desencanto com seu tempo histórico.

No capítulo inicial, procuramos fazer uma apresentação de Cruz e Sousa, os primeiros anos do poeta em Desterro e sua relação com a família em especial com seu pai, bem como os laços de solidariedade entre os afrodescendentes. Neste mesmo capítulo procuramos analisar Desterro e a relação do poeta com a cidade em processo de modernização e remodelamento de seu espaço urbano.

No capítulo seguinte, procuramos analisar o círculo de sociabilidade que se formou durante sua juventude, onde o teatro, os encontros para leitura e discussão das novidades filosóficas e literárias, bem como os sarais literários foram os principais aglutinadores desse pequeno grupo de jovens que mais tarde deu origem ao grupo Idéia Nova. As trajetórias de vida de cada membro do grupo Idéia Nova também foram analisadas na intenção de compreendermos suas escolhas individuais.

---

<sup>13</sup>CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Afonso. Op.cit; p.08.

Para os dois primeiros eixos de discussão utilizamos uma historiografia sobre a cidade de Desterro e a produção literária local, uma produção de circulação mais regional e localizada. Nela podemos notar a preocupação em estabelecer uma visão predominantemente cronológica e factual, cuja base interpretativa buscou destacar os feitos de seus principais representantes. Utilizamos também uma produção historiográfica mais recente, formada a partir dos anos 90, que chamou a atenção para as transformações no quadro urbanístico da cidade, para as atividades do porto e para a emergência de uma classe de mercadores, armadores e outros negociantes que de certa forma passaram a dividir e a ocupar os espaços políticos com uma velha elite oriunda dos cargos burocráticos e militares.

No terceiro capítulo, destacamos sua passagem pela cidade do Rio de Janeiro, o círculo de sociabilidade construído na Capital Federal, a publicação de suas principais obras, sua busca por uma colocação na imprensa carioca, sua opção pela estética simbolista decadentista e a formação de um grupo de poetas simbolistas.

Este segundo eixo de historiográfico, diz respeito a uma produção que possui uma circulação maior, em termos nacionais. Incluem-se nesta abordagem os estudos de caráter mais sociológicos, como o de Florestan Fernandes, os de crítica literária, como os de Alfredo Bosi e Antônio Candido e ainda, aqueles que se debruçaram sobre uma abordagem mais circunscrita historicamente, como os de José Murilo de Carvalho, Nicolau Sevcenko, Hebe de Mattos, Keila Grinberg e Maria Odila Silva Dias.

Como corpo documental da pesquisa, utilizamos alguns poemas de Cruz e Sousa, publicados em *Tropos e Fantasias*, *Missal*, *Broqueis*, *Evocações* e *Últimos Sonetos*. Utilizamos também alguns jornais da época, dentre eles em especial – *O Moleque*.

Seus poemas, principalmente aqueles escritos em prosa, juntamente com seus textos publicados nos jornais, formam um corpo documental importante para análise das idéias sociais presentes na obra de Cruz e Sousa. Suas correspondências ocuparam lugar importante nessa pesquisa, pois possibilitaram uma aproximação do homem Cruz e Sousa, percebendo suas expectativas, seus desejos, suas frustrações e seus percalços, bem como sua relação com o grupo de amigos que o acolheram e compartilharam de suas experiências na Capital da República, formando o primeiro grupo de poetas simbolistas aglutinados em torno de Cruz e Sousa. Completando o quadro documental, utilizamos ainda os registros de batismo e casamento

da Cúria Metropolitana de Florianópolis, na tentativa de percebermos as relações de solidariedade existente entre os afrodescendentes.

## CAPÍTULO I

### SEMPRE O SONHO

#### 1.1 Meu Queridíssimo filho.

Ao entramos em contato com o universo literário de Cruz e Sousa, o que primeiramente chamou nossa atenção foi sua luta na tentativa de alargar suas possibilidades de mobilidade social, garantidas pelos direitos civis e sua dedicação à produção literária simbolista. Tais afirmativas logo de início colocaram algumas implicações importantes, a primeira delas diz respeito à questão dos direitos civis para os afrodescendentes, questão que para Cruz e Sousa estava intimamente ligada a sua sobrevivência, visto que era proveniente de uma família de libertos com poucos recursos e de uma Província com pouca expressão no cenário político e econômico. A segunda questão importante foi sua dedicação a uma produção literária bastante específica identificada com a corrente simbolista decadentista.

Entretanto a esta última observação uma série de trabalhos na História da Literatura e principalmente na crítica literária nas últimas décadas vem iluminando muitos aspectos importantes da obra de Cruz e Sousa.<sup>14</sup> Por este motivo o presente trabalho se dedicou ao estudo da trajetória deste poeta, que viveu em um período marcado pelos debates em torno do fim do trabalho escravo, da constituição do sentido de cidadania, da mudança de regime político, e principalmente dos limites sociais encontrados pelo poeta.

Um outro fato importante que acabamos percebendo ao analisar sua trajetória de vida, presente de forma muito sutil ou mesmo negligenciado nos trabalhos biográficos que

---

<sup>14</sup> Sobre o movimento simbolista e seus principais representantes ver: MURICY, Andrade. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 2 volumes, 1952. BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1998. Trabalhos mais recentes como o de: BALAKIAN, Ana. *O Simbolismo*. São Paulo. Perspectiva, 1985. PEREIRA, Helena Bonito Couto. *Araripe Júnior e o Simbolismo francês*. São Paulo Tese de Doutorado em Teoria Literária USP, 1996. ALBUQUERQUE, Henrique Cavalcanti. *Decadentismo e desilusão: o desencanto pela modernidade na Literatura do Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo, Dissertação de mestrado. PUCSP, 2004.

encontramos, foi sua relação familiar, ou melhor, seus laços parentais. A princípio, estas relações nos ajudaram a desfazer uma imagem ainda encontrada no meio literário local e entre as principais obras de seus memorialistas. Durante algum tempo se afirmou que, Carolina Eva da Conceição e Guilherme de Sousa, pais de Cruz e Sousa, por suas origens humildes em nada influenciaram a trajetória de vida do poeta, e que Cruz ao partir para o Rio de Janeiro, ignorará até mesmo sua origem. Por este motivo, nesta primeira parte do trabalho, procuramos mostrar os laços afetivos e de solidariedade presentes na relação familiar de Cruz e Sousa. Contudo, as relações de parentesco e os laços de solidariedade que os uniam permitiu-nos utilizá-los como porta de entrada para compreendermos as relações de parentesco entre os afrodescendentes.

João da Cruz e Sousa nasceu em Desterro, atual Florianópolis, em 24 de novembro do ano de 1861. Filho de Guilherme de Sousa, mestre pedreiro e cativo e de, Carolina Eva da Conceição uma lavadeira liberta. O sobrenome Sousa pertencia ao Marechal Guilherme Xavier de Sousa do qual seu pai foi escravo, sendo alforriado pelo Marechal em 1864 antes da partida deste para a Guerra do Paraguai, época em que Cruz e Sousa contava com três anos de idade<sup>15</sup>.

Em pesquisas realizadas na Cúria Metropolitana de Florianópolis, encontramos o registro de casamento dos pais de Cruz e Sousa, realizado em 16 de agosto do ano de 1871, na Freguesia de Nossa Senhora do Desterro e Capela do Rosário. Segundo registro, Guilherme de Sousa filho de João (ambos libertos) recebeu em matrimônio Carolina Eva de Conceição filha de Eva (ambas libertas), na ocasião apresentaram e receberam por seus filhos os dois menores João da Cruz e Sousa e Norberto de Sousa. Logo, temos uma família formada por libertos, avô paterno, avó materna, pai e mãe e dois filhos nascidos livres.

Para compreendermos melhor, as relações familiares e de parentescos entre os africanos e afrodescendentes, faz-se necessário levarmos em conta alguns estudos importantes na historiografia acerca da família no Brasil durante o período em que o trabalho escravo esteve em pleno vigor, como por exemplo, os estudos feitos pela Escola Sociológica de São Paulo hegemônica na questão racial nos anos de 1960 e 1970, tendo como seus principais representantes Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso. O primeiro “deu especial atenção à família escrava. Se não levantou novas fontes sobre a questão, concedeu-lhe um lugar central na sua discussão teórica do escravismo”<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> MONTENEGRO, Abelardo F. *Cruz e Sousa e o Movimento Simbolista no Brasil*. 3ª edição. Florianópolis: FCC Edições, Fortaleza: EUFC, 1998.

<sup>16</sup> SLENES, Robert. *Na senzala uma flor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p.30.

Em seus trabalhos, Fernandes procurou analisar o impacto do cativo sobre o trabalhador negro, abordando o escravismo não apenas como sistema econômico mais também como um regime organizado capaz de sobreviver às formas de resistências subalternas<sup>17</sup>. Para este pensador as duras condições da escravidão tiveram um efeito nefasto sobre aqueles que viveram sob a experiência do cativo, o esforço dos senhores em “[tolher e solapar] todas as formas de união ou de solidariedade dos escravos,”<sup>18</sup> tornou os grupos de parentescos instáveis e destruiu as normas de conduta familiar. O mais assustador e pessimista nesta observação de Fernandes, foi à conclusão, de que a experiência do cativo teria um impacto profundo e duradouro na cultura dos negros e na sua experiência como pessoas livres por gerações.

A questão da família na historiografia brasileira passou a receber maior atenção a partir da segunda metade da década de 90. Os trabalhos de Hebe de Mattos, Manolo Florentino e José Roberto Góes e de Robert Slenes inauguram uma nova abordagem onde se buscou explorar os sentidos da liberdade. Sem minimizar a importância dos dois primeiros trabalhos, concentramos nossa análise em relação à família de Cruz e Sousa utilizando o mesmo pressuposto de Robert Slenes para quem “as relações de parentesco constituem um nexo importante para a (re)criação das esperanças e recordações das pessoas, isto é, para a formação de memórias, projetos e identidades”<sup>19</sup>.

Embora Cruz e Sousa, não tenha sofrido diretamente a experiência do cativo, pois sua mãe era liberta quando este nasceu, portanto era um homem livre de cor, Cruz era proveniente de uma família com uma longa trajetória marcada pela escravidão. Seus pais foram escravos bem como seus avós, entretanto souberam superar os obstáculos e as duras condições imposta pelo cativo. O fato de possuírem um ofício possibilitou a Guilherme de Sousa e a Carolina Eva garantirem o sustento da família.

Os trabalhos mais recentes acerca da presença de famílias de africanos e afrodescendentes entre libertos e cativos no Brasil apontam para o fato de que, vivendo em um universo em que conviviam lado a lado livres, libertos e cativos, as relações de parentesco constituíam importantes estratégias para a recriação das esperanças e recordações, contrapondo-se aos estudos elaborados pela escola sociológica centrada em relações dicotômicas senhor/escravo. Podemos perceber a permanência destes laços, presentes de forma muito sutil,

---

<sup>17</sup> Op.cit. p.30.

<sup>18</sup> FERNANDES, apud, SLENES, op. cit. p.31.

<sup>19</sup> SLENES, op. cit., p.31.

nas correspondências trocadas entre Cruz e Sousa e seus pais. Carta de Carolina Eva da Conceição:

Desterro 6 de Janeiro de 1890.

Meu queridíssimo filho.

Estimarei que esta vá encontrar-lhe de saúde que a nossa e (é) como sabe.

Recebi sua carta a qual fiquei muito satisfeita em saber que foi bem de viagem.

Meu caro filho você diz que sentiu muito (a) separação pois o que hei de dizer eu? Eu como mãe deveria sentir assim (assim) como sinto mil vezes demais pois é o único consolo que tinha estar perto de meu Querido Filho; mas somos tão infelizes que não podemos obter esse favor de nos estar-mos (estamos) juntos a gozar de uma extremosa vida. Só rogo a Deus que sejas feliz de alcançar um meio de vida que possa ajudar-nos a passar esses pocos (poucos) dias de vida; o qual, já não me acho com coragem de procurar as coisas de vida como dantes: Só teria prazer e consolação se eu me visse perto desse meu Querido Filho vivendo uma vida feliz.

Que prazer (,) que consolação não seria para mim? Aceite lembranças da comadre Thomazia e do vizinho Custódio e a Marcelina está melhor. Aceite a benção e o mesmo seu pai e as saudades são sem fim<sup>20</sup>.

O que podemos perceber de forma explícita são as preocupações de uma mãe que lamenta a separação causada pela partida de Cruz e Sousa para o Rio de Janeiro, mas se observarmos para além do explícito, podemos perceber o desejo e a esperança em dias melhores, depositada na expectativa de uma possível colocação ou conquista de um meio de vida. A carta segue repleta de sentimentos afetivos, lamentando a separação entre mãe e filho. Em uma outra carta enviada ao poeta, desta vez por seu pai, Cruz recebeu a notícia da morte de sua mãe. Carta de Guilherme de Sousa:

---

<sup>20</sup>Cartas de: Carolina Eva da Conceição e Guilherme de Sousa. Apud. ALVES, Faria Uelinton. *Reencontro com Cruz e Sousa*. Papalivro, 1998, p.82.

Desterro 27 de agosto de 1891.

Meu querido filho.

Esta tem dois fins, o primeiro é acusar a tua carta na qual vinha um vale no valor de 50000 réis e outro é com grande pesar, é o de ter falecido minha boa mulher e tua extremosa mãe.

Deves ficar certo de que nada lhe faltava e o doutor Rolla muito trabalhou para salvá-la.

Peço escrever-lhe agradecendo os esforços que empregou.

Agradeço-te muito, o que dizer, de nunca te esqueceres do meu velho pai e peço a Deus que sempre te proteja pa. (para) fazeres o mesmo a mim.

Tua mãe faleceu no dia 25 e (a) dias passei um telegrama noticiando sua moléstia e o qual não recebi resposta alguma, julgando por isso que não tenhas recebido.

Receba lembranças dos vizinhos: Custódio, Thomazia, e de teu pai, recebe abençoção e um apertado abraço.<sup>21</sup>

A carta foi escrita de forma clara e objetiva, pondo o poeta a par dos últimos acontecimentos, percebemos além das dificuldades financeiras que a família enfrentava, as relações de solidariedade existentes demonstrado no pedido de agradecimento ao médico, Dr. Rolla bem como os laços afetivos e de solidariedade reafirmados entre pai e filho. Ao final de ambas as cartas aparecem recomendações e cumprimentos de pessoas próximas à família, amigos e vizinhos. Segundo informações contidas no registro de casamento de Carolina e Guilherme ambos eram analfabetos, o que nos leva a crer que tenham contado com a ajuda destas pessoas para escrever as cartas.

Em uma outra pesquisa desta vez nos registros de batismo de libertos da Cúria Metropolitana, encontramos os registros de batismo de duas crianças libertas. A primeira de nome Maria Filha de Inocência Antônia Malheiros batizada em 09 de julho de 1881, e a segunda também de nome Maria, filha de Maria José de Lima batizada em 21 de agosto do mesmo ano<sup>22</sup>. Em ambos os registros constam como padrinhos, João da Cruz e Sousa e sua mãe Carolina Eva da Conceição. Tais registros apontam para a presença de relações de solidariedades construídas em torno de uma rede de relações pessoais, que envolviam parentes, amigos, vizinhos, senhores, ex-senhores. Segundo Paulino Francisco de Jesus Cardoso,

---

<sup>21</sup>ALVES. Op.cit. p.83.

<sup>22</sup> Cúria Metropolitana de Florianópolis, Livro de registro de batismo nº 16 ano 1880 – 1885.

(...) laços que permitiam aos africanos e aos afrodescendentes, ora obrigar-se, ora unir-se a senhores e ex-senhores; a aliar-se à gente miserável sem eira e nem beira, pertencentes aos mundos dos livres. Mas, também, a ligar-se firmemente aos 'seus' pais, filhos, avós, tios, compadres, afilhados, madrinhas, uma infinidade de parentes rituais e consangüíneos<sup>23</sup>.

Uma concepção bem mais abrangente de família que se distancia por completo do modelo de família nuclear idealizada pelas elites burguesas e mais distante ainda do modelo de família que os viajantes da segunda metade do século XIX esperavam encontrar. Ao olharem para as famílias cativas perceberam-nas apenas como ninhadas. Imagem esta que perdurou durante anos nos estudos históricos sendo apropriados pelos integrantes da Escola Sociológica, que baseavam seus estudos nos relatos destes viajantes.

Contudo, observando mais atentamente a relação familiar de Cruz e Sousa, um outro fato significativo repousa na importância que seu pai exerceu sobre sua trajetória de vida ainda em Desterro, como podemos observar em um episódio ocorrido durante a matrícula de Cruz e Sousa e seu irmão Norberto de Sousa no Ateneu Provincial.

Cruz iniciou seus estudos por volta do ano de 1869 em escola pública onde recebeu as primeiras letras. Em 1872 estava matriculado, juntamente com seu irmão mais jovem Norberto de Sousa no Colégio da Conceição de direção de Dona Rozalina Paes Leme situado ao lado da Praça Getúlio Vargas “em vasto edifício, com bela chácara para recreio e exercícios de ginástica dos alunos oferecendo as mais vantajosas comodidades para estada de colegiais internos”<sup>24</sup>.

Pode-se perceber pelo anúncio publicitário feito em jornal local que o Colégio da Conceição não era um colégio público, e que Cruz e Sousa e seu irmão mesmo com poucos recursos chegaram a freqüentar o ensino particular o que será confirmado mais adiante com seu ingresso no Ateneu Provincial. Mais tarde juntamente com o irmão ingressou no Ateneu Provincial que “começou a funcionar em maio de 1874 e assumiu as atividades do Colégio da Conceição. Era uma escola mantida pelo poder público, mas não gratuita”<sup>25</sup>.

---

<sup>23</sup>CARDOSO, Paulino Francisco de Jesus. *Negros em Desterro. Experiências de populações de origem africana em Florianópolis 1860/1888*. São Paulo. Tese de Doutorado PUCSP, 2004.p.148.

<sup>24</sup>SOARES, Iaponan. *Ao redor de Cruz e Sousa*. Florianópolis. UFSC, 1988.p.16.

<sup>25</sup> Apud, op.cit. p.16.

Em pesquisa no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina localizamos parte do regulamento interno do Ateneu, o qual dizia ser permitido ao Presidente de Província,

poder mandar admitir ao instituto, a custa dos cofres provinciais, quatro menores pobres, como pensionistas, seis como meio-pensionistas, e dez como externos, uma vez que sejam de reconhecida inteligência e de família honesta, dando em todo caso, preferência aos filhos de empregados públicos da Província, que se tenham distinguido pelo bom desempenho do seu cargo<sup>26</sup>.

Nesta ocasião, Guilherme Sousa com base neste artigo requereu ao Presidente da Província que seus filhos João e Norberto crianças nascidas livres, fossem aceitos como alunos externos da nova escola como permitia a legislação. Embora o regulamento mencionasse a preferência por filhos de funcionários públicos, Guilherme de Sousa fez com que se reconhecessem outros atributos que seus filhos também possuíam, como por exemplo, o fato de terem estudado em outra escola onde foram excelentes alunos.

A importância deste fato, que para muitos pareceu algo sem muita relevância para o momento, estava na consciência de que Guilherme Sousa ex-escravo tinha de seus direitos, ou melhor, dos direitos de seus filhos, requerendo por meio legal este direito, buscando a possibilidade de letramento o que no futuro poderia possibilitar uma maior mobilidade e ascensão social.

O requerimento foi encaminhado ao Diretor do Ateneu, Professor Jacinto Furtado de Mendonça Paes Leme esposo de Dona Rozalina Paes Leme a qual emitiu o seguinte parecer.

Os meninos João e Norberto filhos de Guilherme de Sousa são dois meninos muito aproveitáveis. Este pela sua vivacidade e aquele pela aplicação; ambos foram alunos do Colégio da Conceição onde sempre estudaram com aproveitamento, e por isso, sabendo mais que seu pai,

---

<sup>26</sup> Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Regulamento do Ateneu Provincial. Artigo nº13.

pobre jornaleiro, tudo sacrifica pela educação desses dois meninos, julgo-os no caso de serem favorecidos.<sup>27</sup>

O mesmo foi deferido por um ofício de 30 de junho do mesmo ano de 1874 em que o Presidente autorizou ao diretor do Ateneu a matrícula de ambos na forma requerida. O que torna importante destacar durante todo o processo, foram às relações construídas entre diferentes grupos. Em uma cidade como Desterro, as oportunidades eram escassas e restritas ao mundo dos portugueses e seus descendentes, estratégia que possibilitou uma aproximação entre o mundo dos livres e libertos de origem africanas e o mundo dos portugueses e seus descendentes; buscando ampliar seu espaço de autonomia necessário para viabilizar projetos, sonhos ou simplesmente garantir a sobrevivência.<sup>28</sup>

Quanto ao desempenho de Cruz e Sousa e Norberto segundo fontes encontradas no jornal O Conservador responsável pela publicação das avaliações de aproveitamento parece-nos bastante satisfatório. Cruz e Sousa e seu irmão passaram a freqüentar as aulas no Ateneu, cursando português, francês, inglês, geografia, matemática até o ano de 1877 quando Cruz e Sousa e seu irmão deixaram de freqüentar as aulas do Ateneu. Por falta de uma documentação mais precisa, não podemos afirmar com certeza se ambos concluíram os estudos e quais foram os motivos da saída. O que podemos afirmar é que durante o período em que estiveram freqüentando o Ateneu Cruz e Sousa e Norberto foram aprovados em todas as avaliações de aproveitamento que prestaram ao final de cada ano, pois suas notas juntamente com as de seus colegas, eram divulgadas na imprensa<sup>29</sup>.

Por volta de 1881 encontramos Cruz e Sousa trabalhando como caixeiro cobrador de uma firma de exportação de carne para Montevidéu, este parece ter sido o primeiro trabalho de Cruz e Sousa, entretanto, alguns registros de seus memorialistas apontam para o fato de que na mesma época Cruz também dava aulas particulares, forma encontrada de completar sua renda. Neste período fundou com os amigos que conheceu no Ateneu Provincial, Virgílio Várzea e Santos Lostada um pequeno jornal literário chamado Colombo, e ao que parece, o empreendimento

---

<sup>27</sup> Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Correspondência da Instituição Pública ao Presidente da Província, ofício de 17 de junho de 1874.

<sup>28</sup> CARDOSO, op. cit., p.148.

<sup>29</sup> JORNAL O CONSERVADOR, Desterro, 26 novembro, 1875. Apud. SOARES. p.17

contava apenas com recursos próprios dos fundadores. Com pouco recurso, o semanário teve vida curta e apenas sobreviveu alguns meses.

Ainda com relação a sua família, em uma das páginas de *Evocações*, livro de prosa poética que chegou ao prelo em 1897, mas que só foi publicado após a morte do poeta encontramos uma homenagem a seu pai Guilherme de Sousa, onde Cruz e Sousa relembra o pai já falecido:

Deixa sinfonicamente cantar sobre ti a sacrossanta alegria branca e forte do profundo Reconhecimento que te votei na existência! Deixa correr sobre o teu virtuoso flanco de lutador, sobre as tuas mãos rudes e abençoadas, sobre os teus olhos hipocondríacos de senil desterrado de Reinos ignotos, sobre o teu coração suave de cordeiro imaculado, as grandes e maravilhosas lágrimas repurificantes que nesta hora sublimizam o meu ser de uma divinização incomparável! Velho tronco robusto de onde seivas prodigiosas de Afeição porejam sempre!<sup>30</sup>

Neste trecho extraído de *Evocações*, Cruz e Sousa homenageou seu pai devotando a ele todo a gratidão e reconhecimento pelos esforços de uma vida em luta pela sobrevivência, remetendo a um plano transcendental as recompensas não alcançadas em vida.

No poema estão presentes referências diretas ao espiritual, ao sagrado e ao divino, a cor branca usada pelo poeta em outros poemas, reaparece aqui como uma alusão à pureza. Podemos observar no poema termos como “senil desterrado” de “Reinos ignotos” possivelmente fazendo uma referência a uma terra longínqua, talvez buscando as origens de seu pai. Guilherme de Sousa foi representado no poema como um lutador, com a bravura e força dos que não desistem. Ao mesmo tempo em destacou toda a força da figura paterna presente em detalhes simples como nas mãos rudes do trabalhador, marcadas pela luta cotidiana da sobrevivência de um mestre pedreiro.

Em uma relação de equidade Cruz comparou o pai a um velho tronco robusto, onde robustez, força e segurança dividem o mesmo espaço com uma figura de coração doce e suave

---

<sup>30</sup> SOUSA, Cruz e. *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Editora José de Aguiar Ltda, 1961, p.610.

de cordeiro imaculado, a palavra “Afeição” aparece aqui escrita em maiúscula, elemento formal próprio do Simbolismo.

Possivelmente a maior contribuição que Guilherme de Sousa tenha delegado a seu filho Cruz e Sousa, tenha sido sua própria experiência de vida, a luta pela sobrevivência e sua determinação possibilitaram a manutenção da família, a recriação das esperanças, dos projetos e sonhos. Ainda relacionada à questão da educação, para Cruz e Sousa ela não se traduziu em tentativa de embranquecimento, mais sim, em uma tentativa de alcançar uma maior mobilidade social, ou seja, um direito a liberdade, esta também parece ter sido a tônica de outros libertos que lançaram mão da educação para alargar seus direitos e o sentido de cidadania.

Em seu estudo sobre a trajetória de Luiz Gama<sup>31</sup>, Elciene Azevedo procurou compreender a trajetória de uma das figuras mais importantes do movimento abolicionistas paulista. Nascido e criado em Salvador em meio às insurreições baianas das décadas de 1830, filho de uma africana liberta de nome Luiza Mahin e de um fidalgo português, Luiz Gama nasceu livre. Porém, após a prisão de sua mãe, foi vendido ilegalmente por seu pai como cativo para o Rio de Janeiro e de lá para São Paulo, onde viveu como escravo doméstico até os 17 anos. Autodidata, alfabetizou-se ainda no cativeiro, de onde segundo o próprio Luiz Gama, fugiu arditamente conseguindo “provas inconcussas” de sua liberdade.

Contudo, nenhum de seus biógrafos conseguiu esclarecer que provas foram estas, e tão pouco, apontou algum processo de ação de liberdade. Um ano depois, em 1848 Luiz Gama estava livre e ganhando a vida como praça da força pública de São Paulo. Alguns anos mais tarde, Gama conseguiu uma vaga como escrivão o que lhe possibilitou ser nomeado amanuense da Secretaria de Polícia de São Paulo. Ousado nas palavras, Luiz Gama publicou em 1859 seu primeiro livro de poesias intitulado *As primeiras trovas burlescas de Getulino*, na obra dedicou-se a combater a escravidão e a discriminação racial. A sátira foi à forma encontrada por Luiz Gama de transformar sua indignação em palavra escrita.

Entretanto, foi através de sua atuação como jornalista que seu nome se tornou conhecido já nas décadas de 1860. Ligado ao Partido Liberal, participou da criação do Club Radical e mais tarde do Partido Republicano Paulista. Por motivos político foi demitido do cargo de amanuense e passou então a ganhar a vida como advogado provisionado trabalhando a favor da liberdade dos

---

<sup>31</sup> AZEVEDO, Elciene. *Orfeu de Carapinha. A trajetória de Luiz Gama na Imperial cidade de São Paulo*. Campinas: Unicamp, 1999.

escravos, levando aos tribunais as causas de liberdade, muitas delas com base na Lei de 1831 que proibia a entrada de africanos, tornou-se notório advogado. Seguindo nesta mesma trilha, e para melhor demonstramos as experiências daqueles que viram na educação a possibilidade de garantia dos direitos civis e da ampliação do sentido de cidadania, o trabalho de pesquisa de Keila Grinberg<sup>32</sup>, aponta para a trajetória de vida do jurista moderado Antônio Pereira Rebouças.

De jurista, deputado parlamentar na Bahia, a Conselheiro do Imperador, sua trajetória de vida impressiona. Filho de uma liberta Rita Basília dos Santos com Gaspar Pereira Rebouças alfaiate português, Rebouças nasceu na Bahia no ano de 1798. Com poucos recursos, viu na instrução a possibilidade clara de mobilidade social. Autodidata nos estudos da lei tornou-se rábula trabalhando mais tarde como advogado provisionado tornando-se um dos maiores especialistas na área do direito civil.

Hábil com as palavras, proferiu vários discursos na Assembléia Legislativa da Bahia e na Câmara dos Deputados, onde acumulou inimigos políticos. Seu trabalho como parlamentar foi marcado principalmente pelas discussões sobre as garantias dos direitos de cidadania dos libertos, ou seja, daqueles indivíduos que nasceram escravos no Brasil e sendo alforriados ao longo de suas vidas, teriam seus direitos a cidadania garantidos pela constituição.

Uma de suas discussões históricas sobre esta questão, foi travada em torno da reforma da lei da Guarda Nacional, em que a tentativa de limitar o acesso de libertos (por conta da clausula da ingenuidade) ao posto de oficial da guarda foi veemente condenada por Rebouças.

Seus irmãos seguiram o mesmo caminho, José Pereira estudou música em Paris e Bolonha, tornando-se mais tarde maestro da Orquestra do Teatro de Salvador, Manoel Maurício estudou medicina também na Europa assumindo a cadeira de botânica e zoologia da Escola de Medicina de Salvador. Os irmãos Rebouças foram beneficiados em suas carreiras assumindo cargos públicos, através da supressão do Estatuto da “mancha de sangue”, que impedia aos descendentes de africanos de assumirem cargos públicos. Antônio Pereira Rebouças recebeu ainda alguns títulos e

---

<sup>32</sup> GRINBERG, Keila. *O fiador dos brasileiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

comendas, como o de Oficial da Ordem do Cruzeiro em 1842 e o de Conselheiro do Imperador em 1861.

Apesar das profundas diferenças que envolveram as trajetórias de vida, Cruz e Sousa, Luiz Gama e Antônio Pereira Rebouças, se faz importante destacarmos alguns pontos em comum entre estas três personagens singulares. Primeiramente ambos nasceram de mães libertas, portanto eram homens livres de cor, embora Luiz Gama tenha passado pela experiência do cativo, este nasceu de ventre livre e fora vendido ilegalmente, todos viram na instrução a forma mais clara de mobilidade social, cada um a seu modo, pois é preciso levar em conta a conjuntura histórica e social em que atuaram e foi esta conjuntura que determinou trajetórias e estratégias de sobrevivências distintas para cada um deles, bem como, suas escolhas e as oportunidades apresentadas.

Luiz Gama e Antônio Pereira Rebouças tornaram-se advogados provisionados, porém, vale lembrarmos que neste percurso o primeiro durante sua atuação como advogado abolicionista contou com a proteção e o apoio, inclusive financeiro, da Loja Maçônica abolicionista. Já Antônio Pereira Rebouças, sua participação nas lutas de Independência e sua atuação no Partido Constitucional contra o Partido Absolutista na Bahia, no contexto da crise do Primeiro Reinado, alavancaram seu nome e deu a Rebouças um norte para as suas atuações e engajamento, que conciliava moral, política e liberdade constitucional.

Quanto a Cruz e Sousa, viveu em uma cidade Capital com pouca expressão no cenário político, com uma sociedade tacanha e de difícil mobilidade social. As oportunidades foram escassas e quando surgiram pairavam sobre elas um forte recrudescimento das relações raciais. Cruz e Sousa não contou com o apoio político ou financeiro de um forte apadrinhamento, o máximo que conseguiu foram fracas recomendações.

Como Luiz Gama defendeu a Abolição e a substituição do Império por um regime democrático, fez amigos entre os abolicionistas e republicanos locais, entretanto ao seguir para a Capital Federal se vê sem nenhum apoio contando apenas com o auxílio de um pequeno empréstimo e com a ajuda de jovens literatos com poucos recursos e que como ele, lutavam por uma colocação na imprensa carioca e por um emprego público que pudesse garantir a estabilidade. A favor de Rebouças e Luiz Gama contava ainda a oportunidade de terem se dedicado ao estudo das leis e conseguido atuarem como advogados provisionados. Nossa intenção ao levantarmos alguns pontos em comum nas trajetórias de Rebouças, Luiz Gama e

Cruz e Sousa não reside na tentativa fazermos um estudo comparativo, pois fugiria do âmbito deste trabalho, mais sim, de destacarmos a percepção de ambos, de que a instrução era o caminho viável para a mobilidade social. Ao longo deste trabalho de pesquisa, procuramos mostrar as opções e as escolhas feitas por Cruz e Sousa, assim como, os limites impostos a ele pela sociedade em sua trajetória.

## **1..2 A Modernidade tenta chegar a Ilha.**

O termo modernidade carrega uma série de significados, pode ser compreendido como um período em que se deu início a aceleração das técnicas de produção, ou ainda, como um período de profundas mudanças nos hábitos, desde o vestir-se a forma de socializar-se. Entretanto, o que tentamos destacar como ponto importante para a compreensão do período estudado, são as mudanças ocorridas na relação do homem com a natureza e com o tempo. A modernidade compreende um período de mudança, como grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem de universo e do lugar que ocupamos nele.

A partir destes apontamentos tentamos compreender o contexto histórico de Desterro/Florianópolis durante as duas últimas décadas do século XIX. Interessa-nos neste tópico, percebermos como a cidade de Desterro estava organizada, seu espaço urbano, os principais bairros, as reformas urbanas ocorridas neste período, a forte presença de um discurso modernizador e principalmente, as expectativas de um grupo de jovens dentre estes, Cruz e Sousa, que viram neste período a possibilidade de crescimento, de autotransformação e de transformação daquela sociedade.

Durante o tempo em que Cruz e Sousa residiu em Desterro, esta não passava de uma pequena cidade luso-brasileira com seu traçado antigo que mais lembrava uma vila portuguesa, suas ruas eram curtas, estreitas, sujas e sinuosas. A cidade era protegida por encostas e morros, bem como pelas fortalezas de Sant'Anna, Santa Bárbara, São João e Nossa Senhora da

Conceição na entrada da barra sul, lembranças de uma época de presença militar e da necessidade de assegurar a territorialidade lusitana.

Possuía no seu quadro urbanístico uma Igreja Matriz situada no alto de uma colina, a sua frente o largo com um pequeno jardim denominado na época de Oliveira Belo, que mais tarde deu lugar a atual Praça XV de Novembro. Alguns edifícios se destacavam na provinciana paisagem como o quartel do Campo do Manejo, o Palácio do Governo, o Forte de Santa Bárbara mais tarde transformado em Capitania dos Portos. O Mercado Público construído em 1855, para substituir as antigas barraquinhas de quitandas de cativos, juntamente com o porto, por onde chegavam os principais produtos, como peixe, farinha, frutas e verduras provenientes do interior da Ilha e descarregadas nos trapiches, constituíram os espaços mais importantes para o entendimento desta cidade<sup>33</sup>.

Sua geografia era marcada por alguns bairros importantes para a economia da cidade, como o bairro da Tronqueira, lugar de curtumes, olarias, lavadeiras, soldados e marinheiros. O bairro da Pedreira território de escravos, libertos e outros desterrados. A Figueira, bairro de fluxo intenso de pessoas, concentrava os trapiches, os armazéns, os estaleiros, as inúmeras casas de negócios, enfim, uma região de grande atividade que atraía toda sorte de pessoas em busca de moradia e trabalho<sup>34</sup>. Próximos a esta região localizavam-se também os bairros da Toca e o Rita Maria na área portuária. Mais ao norte da cidade, o Beira Mar Praia de Fora, lugar que ao longo do final do século XIX e durante todo o século XX recebeu (e ainda recebe) os novos e antigos abastados de uma elite comercial, com suas casas em estilo chalé e belíssimas chácaras.

Faziam parte do quadro urbanístico de Desterro, os inúmeros rios, córregos e riachos que cortavam a geografia da cidade e que foram por muito tempo motivo de preocupações e de calorosas discussões nos jornais.

---

<sup>33</sup> Sobre os aspectos urbanos e sócio-econômicos de Desterro/Florianópolis, ver estudos de: CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora de Desterro. Notícia I, II e Memória I, II*. Florianópolis, UFSC, 1979. Cabral, médico e historiador, dedicou-se a um estudo para recuperar o lugar dos açorianos na colonização do Brasil meridional. Seu trabalho juntamente com os trabalhos de Fernando Henrique Cardoso, em especial, *Negros em Florianópolis*, desenvolvido na década de 50, constituem-se em um quadro historiográfico rico para as pesquisas atuais. Ver outros trabalhos mais recentes como: ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na primeira República*. São Paulo. Dissertação de Mestrado em História. PUCSP, 1989. OLIVEIRA, Henrique Pereira. *Os filhos da falha: assistência aos expostos e remodelação das condutas em Desterro (1828-1887)*. São Paulo. Dissertação de Mestrado em História. PUCSP, 1990. CARDOSO, Paulino F. de Jesus. *Negros em Desterro. Experiências de populações de origem africana em Florianópolis, 1860/1888*. Tese de Doutorado, São Paulo, PUC/SP, 2003.

<sup>34</sup> CARDOSO, op.cit. p.56.,

Os rios e córregos também constituíam territórios importantes para as lavadeiras, mulheres cativas ou libertas como Carolina Eva da Conceição, mãe de Cruz e Sousa, que através desta atividade retiravam o seu próprio sustento ou de seus senhores. O Rio da Bulha ou Rio da Fonte Grande se constituíam no principal ponto de encontro dessas mulheres, Oswaldo Rodrigues Cabral fez importante descrição sobre a atividade:

Por todo o trajeto dos riachos e cursos apontados, agrupavam-se as lavadeiras, as primeiras horas da manhã, clareando, batendo a roupa nas pedras e cantando, enquanto esfregavam entre os dedos as peças espumantes de sabão. Para que as águas não fugissem, correntosas com pressa além do razoável, procuravam as lavadeiras, a custa de pedras e lama, tranquilos remansos, ficando neles águas represadas, limosas, coberta por uma nata de sabão e detrito<sup>35</sup>.

O alarido provocado por essas mulheres, o pavor das águas estagnadas e servidas chamando a atenção da saúde pública, juntamente com o processo de urbanização iniciados no final do século XIX, foram privando-as das fontes, bicas e córregos.

Contudo, no decorrer das últimas duas décadas do século XIX, a cidade iniciou um intenso processo de urbanização que durou até as três primeiras décadas do século XX, sendo estabelecido um perímetro na área central da cidade que se constituiu em superfície de intervenção para uma série de projetos e práticas moldadas pelos valores de uma modernidade e de uma racionalidade científico-higienista européia, segundo apontou os estudo de Hermetes dos Reis Araújo sobre Desterro/Florianópolis neste período<sup>36</sup>.

Neste processo de intervenção, os córregos e rios se constituíram em um dos problemas centrais. Responsáveis por abrigarem não somente as águas das chuvas, mas também os esgotos de toda a cidade, passaram a receber atenção especial no sentido de saneá-los, visto que estes atravessavam os principais bairros recebendo todos os tipos de dejetos da população, desaguando no mar, nas praias situadas no entro da cidade.

---

<sup>35</sup> CABRAL, apud. PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas, mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis UFSC, 1994. p.131.

<sup>36</sup> ARAUJO, Hermetes dos Reis. *A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na primeira República*. São Paulo. Dissertação de Mestrado em História. PUCSP, 1989. Ver capítulo IV do estudo.

Destino certo para os dejetos produzidos pela população, as praias foram um capítulo à parte. Oswaldo Rodrigues Cabral em seu estudo sobre os aspectos urbanos de Florianópolis, declarou que o lixo era lançado a praia a qualquer hora, as águas servidas e os dejetos somente à noite, das 22 horas até as 5 horas da manhã seguinte:

Eram nestas horas silenciosas, tristes e apagadas da cidade, que desciam do Mato-grosso, da Tronqueira, de mais longe ou de mais perto, de quase todas as casas, os negros escravos com os vasilhames a cabeça, solenes com a sua coroa de tampa, gingando sobre o empedramento mal nivelado das ruas, pingando aqui, gotejando ali, o caldo nauseabundo, rumo à água do mar<sup>37</sup>.

Numa cidade sem água encanada, sem rede de esgoto ou luz elétrica, os cativos utilizados nos trabalhos domésticos eram os responsáveis por todas as atividades que correspondiam ao abastecimento e manutenção de uma casa. Eram eles os responsáveis por transportar o lixo da casa e as águas servidas, buscavam a água, lavavam as roupas, costuravam, cozinhavam, compravam mantimentos no mercado, levavam recados, entre outras atividades.

Oswaldo Rodrigues Cabral em seu estudo sobre Nossa Senhora de Desterro, apontou para as inúmeras queixas e reclamações através da imprensa, a maioria delas cobravam maior atitude das autoridades. Em 1865 o jornal O Mercantil publicava a seguinte nota:

Despejos – A pedido da respectiva vizinhança, chamamos a atenção do Sr. Fiscal desta cidade para que faça cessar o despejo de águas fedorentas que se faz no Largo do Palácio. Essas águas, segundo se diz, são deitadas fora de um grande barril ou pipa que o morador da casa a que se alude, conserva no pátio. Contra abusos semelhantes praticados em outros largos e ruas temos tido muitos pedidos a reclamar.<sup>38</sup>

---

<sup>37</sup> CABRAL, op.cit., p.177.

<sup>38</sup> Op.cit., p.173.

A nota pedia maior empenho com relação à atuação dos fiscais, os responsáveis por averiguar e multar aqueles que não cumprissem as posturas em Desterro. A presença de animais soltos perambulando pelas ruas foi motivo de inúmeras reclamações nos jornais de Desterro. A presença incômoda destes animais estava sempre relacionada à questão da salubridade, a eles Cabral dedicou atenção especial:

Naquele tempo era comum encontra-los nas ruas centrais e até no Largo do Palácio. Dos porcos se havia cuidado, desde 1830, quando as Posturas passaram a estabelecer a sua apreensão, cabendo metade ao fiscal, outra metade aos presos da Cadeia, que poderiam, assim, uns e outros, ter o rancho melhorado, sem maiores despesas. A disposição era até certo ponto sábia, pois animava o esporte de caça-los, aos porcos, naturalmente, nas ruas da Cidade<sup>39</sup>.

Observador atento ao cotidiano de Desterro, o estudo de Cabral permitiu observar a forma como estas pessoas improvisavam o seu cotidiano na tentativa de superar as adversidades. Possuidor de uma narrativa em certo ponto “burlesca”, Cabral mostrou o caos urbano convivendo lado a lado com o desejo de imprimir uma certa normalidade e civilidade. Nem sempre esta convivência foi tranqüila, como podemos observar no trecho que segue abaixo:

Avistada a caça, começava a correria. O animal, acuado pela gritaria dos caçadores, pela alegria da molecada, pelo latir dos cães que se incorporavam à prática do salutar desporto, ficava desorientado e embarafustava pelas ruas, defendendo-se a correr, grunhindo com aquele vigor próprio da espécie, quando a instinto lhe adverte que algo está para acontecer. Metia-se pelas pernas dos transeuntes, pelas barracas das quitandeiras, levantando um verdadeiro clamor, com todo a carnaval no seu encalço. Só faltava mesmo, tocarem os sinos a rebate<sup>40</sup>.

---

<sup>39</sup> CABRAL, op.cit., p.185.

<sup>40</sup> Op.cit., p.185.

A preocupação com a higiene das casas e dos moradores, principalmente nos bairros populares, foi questão que norteou o estudo de Cabral. Em seu trabalho de pesquisa, o autor utilizou como principais fontes os jornais da época, repletos de notícias sobre os problemas urbanos. Ao longo das duas últimas décadas do século XIX e principalmente início do XX, as reclamações, queixas e pedidos de providência traziam no tom as influências de um forte discurso médico-higienista, que exigia a adequação da cidade aos novos parâmetros, valores e normas de comportamentos de acordo com o modelo de civilização europeu.

Os primeiros estudos de Cabral com base nos jornais da época produziram uma imagem negativa da cidade e do homem litoral, imagem que se perpetuou ao longo do primeiro quartel do século XX. Entretanto, atermos a tal fato fugiria dos objetivos desta pesquisa. O que interessa-nos é perceber quais as mudanças que tal discurso higienista reformador produziu sobre a cidade?

As manifestações de remodelamento envolveram aspectos bastante amplos como a demolição de habitações, na época julgadas insalubres nos bairros populares da Tronqueira, Toca e Figueira. Derrubadas às habitações populares iniciou-se a construções de edifícios públicos, abertura e pavimentação de ruas e avenidas, o ajardinamento de praças e também outras obras e serviços públicos, como a instalação das primeiras redes de água encanada, esgoto e energia elétrica. Nas áreas próximas a alfândega como as ruas do Ouvidor (atual Deodoro), do Livramento (atual Trajano) e do Príncipe (atual Conselheiro Mafra) passaram a receber melhoramentos no sentido de facilitar o acesso e as atividades marítimas.

O desejo reformador encontrou apoio significativo em 1888, com a participação de Hercílio Luz, quando este ocupou o cargo de Engenheiro de Obras da Província e passou a encaminhar os trabalhos dos primeiros aterros que estavam sendo feitos nas áreas que incluíam a Ponte do Vinagre sobre o Rio da Bulha e região da Praia da Figueira<sup>41</sup>. Mas, além das mudanças no espaço físico da cidade tal desejo reformador produziu também uma mudança nas relações sociais.

O estudo de Hermetes dos Reis Araújo apontou ainda para o fato de que tais mudanças foram além dos aspectos urbanísticos, elas estabeleceram novas formas de “racionalização das relações sociais, políticas e econômicas onde igualmente novas concepções e práticas político-médicas redefiniram novos objetos e novas formas de intervenção social”.<sup>42</sup> A demolição das

---

<sup>41</sup> ARAÚJO, Hermetes dos Reis. *A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na primeira República*. São Paulo. Dissertação de Mestrado em História. PUCSP, 1989, p.198.

<sup>42</sup> ARAUJO, op.cit., p21.

residências era uma tentativa de reestruturação dos modos de viver citadino de acordo como os novos parâmetros e concepções sanitárias e organicistas do funcionamento social.

Segundo Paulino Cardoso, em seu estudo sobre a presença africana em Desterro na segunda metade do século XIX, nos anos de 1870 e 1880, todo um conjunto de relações e hierarquias sociais passou a ser reconfigurada<sup>43</sup>.

Este fato pode ser atribuído à entrada em cena de novos elementos, pertencentes a uma pequena elite formada por comerciantes e armadores, de origem não lusa, que embora circunscrita em torno do provincianismo local, passaram a cosmopolitizar-se segundo os padrões vigentes pela cultura oficial das elites brasileiras, contribuindo de forma decisiva para a modificação na hierarquia social.

Desde os primórdios de sua colonização, a atividade comercial possibilitou o surgimento de um grupo de comerciantes e seus sobrados, estes comerciantes de origem lusa, passaram a ocupar também os quadros burocráticos civis e militares. Entretanto, a partir da segunda metade do século XIX, com o incremento da navegação e do comércio entrada e saída de produtos através do porto, entrou em ascensão uma pequena elite ligada à exploração das atividades de comércio e navegação.

Uma leitura mais atenta do estudo de Cabral permitiu-nos observar a entrada em cena de alguns nomes de famílias que passaram a freqüentar as páginas dos jornais com maior freqüência. Nomes como, Wendhausen, Wanzellers, Vahl e Hoepcke denunciavam uma origem não lusitana e passaram aos poucos a dividir espaço com nomes de famílias tradicionais pertencentes à elite de origem lusa ligada, desde os primórdios da colonização, a cargos burocráticos civis e militares e ao comércio, famílias como os Pinto da Luz, Caldeira de Andrade, Silveira e Sousa, Livramento, Lobo, entre outros.

A partir destes apontamentos, podemos perceber que de uma antiga vila militar constituída por uma elite burocrática formada por civis e militares e de comerciantes de origem lusa vivendo da exploração do comércio, da pesca e da mão de obra cativa, Desterro tomou a forma de uma cidade portuária e comercial. Confirmando este crescimento nas atividades comerciais, Joana Maria Pedro em seu estudo sobre as imagens femininas na formação da elite de Desterro, apontou para as mudanças no âmbito político e social, ocorridas ao longo da segunda metade do

---

<sup>43</sup> CARDOSO, Paulino F. *Negros em Desterro. Experiência de populações de origem africana em Florianópolis, 1860/1888*. Tese de Doutorado. São Paulo, PUCSP. 2003 p.18.

século XIX e que contribuíram de forma decisiva para esta intensificação das atividades comerciais no porto de Desterro:

Tal década, marcada pela abolição do tráfico de escravos, pela expansão cafeeira e pela Lei de Terras, representou também, um conseqüente aumento nos preços dos alimentos que subiram até 200%. O aumento dos preços do café no mercado externo, e a subseqüente destinação da mão-de-obra escrava para a produção deste artigo, promoveram uma procura geral dos demais alimentos, estimulando as exportações para as áreas cafeeicultoras. É nesta conjuntura que Santa Catarina insere-se, fortemente, no mercado, com um aumento de 105% de suas exportações entre 1851 e 1855<sup>44</sup>.

Ainda segundo Joana Maria Pedro, as agências de navegação e estaleiros, as atividades comerciais das casas de exportação e importação de produtos tanto para a Corte como para outras Províncias, dentre as quais podemos destacar, Barbosa Veiga & Cia., João do Prado Lemos & Cia., Ernesto Vahl & Cia., entre outras, e a elevação do porto de Desterro como o mais importante porto da Província, promoveram uma acumulação de riquezas, criando uma próspera elite de comerciantes, armadores e agenciadores de navios<sup>45</sup>.

Sobre a origem dessa nova elite, segundo Laura Hüberner, quando casas comerciais britânicas estabelecidas na Corte, resolveram expandir representações para Santa Catarina, se uniram a firmas como as de Antônio Joaquim Wanzeller e Wellman & Blade.<sup>46</sup>

Ainda segundo o estudo de Paulino Cardoso com base em Laura Hüberner, foi neste período em que se afirmaram as novas casas comerciais que eram desde 1870 dirigidas por comerciantes de origem não lusitana e que foram ocupando os espaços tradicionalmente controlados pelos lusos.<sup>47</sup>

Para Cardoso, não foram somente os comerciantes que lucravam com a atividade do comércio, “no universo dos trabalhadores de origem africana, o porto de Desterro ocupou um lugar

---

<sup>44</sup>CEAG-Centro de assistência gerencial de Santa Catarina. Evolução histórico-econômica de Santa Catarina. Florianópolis, 1980 p.58/59. Apud, PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas, mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis UFSC, 1994, p.22.

<sup>45</sup>PEDRO, op.cit., p.25/26.

<sup>46</sup>HÜBERNER, Laura M. *História econômica e financeira*. In. MELO, Osvaldo Ferreira. (Org) *História sócio-cultural de Florianópolis*. Florianópolis: IHGSC, Editora Lunardelli, 1991 p.185 a 189.

<sup>47</sup>HÜBERNER, Apud, CARDOSO, p.16/17.

especial. Afinal, era através dele que muitos retiravam não apenas seus meios de sobrevivência, mas, muitas vezes a necessária poupança para a compra da alforria<sup>48</sup>.

A elite proprietária das agências de navegação e estaleiros e das casas de exportação e importação, em sintonia com as mudanças no cenário político e cultural, desejou imprimir na cidade um novo estilo de vida que aos poucos foi substituindo as categorias oriundas do passado colonial e pertencente à antiga elite. Ainda segundo Cardoso, as tensões políticas que marcaram os primeiros anos da República em Santa Catarina, não foram devidas à ascensão de classes mercantis em confronto com as antigas elites civis e militares, mais sim, de estilos de vida. Dentre essas famílias podemos destacar os nomes Horn, Hoepcke, Wanzellers, Vahl e Wendhausen.

Ao longo das duas últimas décadas alguns passaram a ocupar cargos políticos, a exemplo de Germano Wendhausen. Filho do comerciante André Wendhausen, Germano foi um dos principais líderes abolicionista e amigo de Cruz e Sousa, atuou também na política como deputado provincial. Outros, destacaram-se ainda como profissionais liberais, eram médicos ou engenheiros e mais tarde passaram também a ocupar cargos políticos, a exemplo de Duarte Schutel. Filho de um médico suíço estudou medicina no Rio de Janeiro, ainda na Corte nos anos de 1860 destacou-se como literato e jornalista, escrevendo para a Revista Popular. Quando retornou para Desterro tornou-se diretor e redator de seu próprio jornal, a folha Regeneração, foi parlamentar em 1864 pelo Partido Liberal assumindo pela primeira vez a função de deputado parlamentar, nos anos de 1876 e 1883 foi inspetor de saúde pública. Através de seu jornal acolheu e publicou muitos artigos e poemas dos jovens literatos locais, dentre estes estavam Cruz e Sousa e Virgílio Várzea.

No Brasil desde as últimas décadas do século XIX, fermentava-se um novo estado de espírito crítico preocupado com a construção de uma nação e de um Estado moderno seguindo os exemplos do modelo europeu de civilização. Em sintonia com esta preocupação, a elite local de Desterro passou a forjar um estado de espírito modernizador, seu desejo reformador encontrou apoio entre alguns representantes da política local como Hercílio Luz e mais tarde Gustavo Richard.

Neste período a imprensa assumiu o papel de veículo de divulgação e de denúncia. Como vimos anteriormente, os jornais estavam repletos de reclamações e queixas que exigiram das autoridades providencias. Neste contexto de disputas entre estilos de vida, dois grupos dividiam os mesmos espaços, o primeiro grupo formado pelas famílias tradicionais que preservavam a

---

<sup>48</sup>CARDOSO, op.cit., p.62.

herança colonial portuguesa, arraigados a um romantismo tardio e renitente, o segundo grupo formado por uma elite de comerciantes de origem não lusa identificada com o estilo burguês e que aos poucos passava a descobrir as novidades estético-filosóficas apoiando-se em um positivismo patriótico e difuso, absorvendo as idéias e concepções do realismo literário.

Em meio a estas disputas e identificados com o discurso modernizador temos dois jovens literatos Virgílio Várzea e Cruz e Sousa, que aderiram as novidades estético-filosóficas e através dos jornais escreveram manifestos exaltando as novas concepções de arte e leitura social. Alimentaram a expectativa de encontrar seu lugar através do exercício do jornalismo, para tanto, tentaram criar um jornal com estilo próprio de seus fundadores.

A pequena folha foi chamada de *O Moleque* e foi fundada por Othon D'êça, mas logo passou para os cuidados de Virgílio Várzea e Cruz e Sousa. A redação do jornal situava-se em uma casa na rua da Constituição a quem da Ponte do Vinagre próximo a área central da cidade.

De estilo irreverente e provocador, se autodenominava como um órgão noticioso, moderno nervoso. A pequena folha era publicada quatro vezes ao mês e trazia em suas páginas caricaturas onde os temas eram os fatos da vida política e os personagens dela. Como colaborador Cruz escrevia satirizando e condenando a morosidade dos políticos e o descaso com a cidade, em nota publicada em julho de 1885, condenou a sujeira e o estado de abandono em que se encontravam as praias:

(...) Já este assumpto de praia, não é dos mais decentes porque lembra immundice, enchurro, lodo, podridão e tal e couda...

Não obstante, todas essas rasoabilidades da Lógica, precisamos fallar da... praia e ... sempre da praia.

(...) Pois esta praia, esta tão sympathica e conhecida, que vê desfilar na sua frente todos os camavaes, todos as procissões, camavaes de mesma maneira, camavaes sagrados, todas as manifestações políticas, esta praia, dizemos, não tem sequer as honras de limpeza, é uma praia suja, (...).<sup>49</sup>

---

<sup>49</sup> Biblioteca do Estado de Santa Catarina. Jornal *O Moleque*, 19 de julho de 1885, p.02.

A nota oscilava entre a ironia e o ataque frontal, os esgotos e os lixos, depositados nas praias continuaram, por um longo período, sendo o centro de muitos protestos na imprensa local. A praia em questão era a do Menino Deus, local conhecido dos moradores, por onde passavam os festejos do carnaval e as procissões. No trecho seguinte da nota, com certa ironia, o autor chamava a atenção das autoridades cobrando as devidas providências:

(...) Se a Câmara por um esquecimento dos seus deveres, se lembrar do limpamento da Praia do Menino Deus, nós prometteríamos uma vela de sebo a Santa Vergonha e ao Milagroso Santo Cynismo para que ella tivesse um bom parto de idéias fucturas nas fucturas presidências (...).<sup>50</sup>

A mesma terminava assinada por Zé K. e criticava a morosidade e a falta de comprometimento das autoridades para com a cidade lembrando-os de seus deveres e obrigações. Encontramos registrados dentre um dos principais memorialistas<sup>51</sup> de Cruz e Sousa, a afirmação de que Zé K. foi um dos pseudônimos muito utilizados por Cruz e Sousa, tal afirmativa coincide com o período em que Cruz e Sousa trabalhava como colaborador na pequena folha, ao lado de Virgílio Várzea. Seguindo esta mesma tônica, encontramos publicado no jornal *O Moleque* uma pequena sátira, onde desta vez o alvo era a atuação dos fiscais:

O fiscal  
Passa na rua com ares de engenheiro,  
Usa bonet, trajando blusa parda.  
N'elle se encherça da polícia um guarda  
Que monta um magro e trotador sendeiro  
Fazer mal é capaz ao mundo inteiro;  
Se vê água, uma multa nunca tarda,  
De que uma parte, elle contente guarda,

---

<sup>50</sup> Op.cit., p.02.

<sup>51</sup> SOARES, Iaponan. *Ao redor de Cruz e Sousa*. Florianópolis: Editora da UFSC. 1988, p.78.

A sorrir-se de alegre ante o dinheiro.  
Eleitor é, mas de votar se arreda,  
Si o feroz animal assim decreta,  
Que em política tem a pose treda,  
No districto primeiro, venenosa.  
Matéria deita aos cães, esse pateta,  
Que a alcunha de peito bronze goza.  
A.. d'Olpho<sup>52</sup>

O autor satirizava a ação do fiscal e a autoridade que ele representava. A crítica denunciava uma relação de dependência, apadrinhamento e troca de favores entre aqueles que eram nomeados para os cargos de fiscal e a autoridade responsável por escolher e nomear tais fiscais. A nota terminava com a assinatura de A. d'Olpho, possivelmente um dos pseudônimos utilizado pelos colaboradores do jornal, ou talvez pelo próprio Cruz e Sousa. Interessante notarmos a participação da pequena folha nas discussões referentes aos problemas de urbanização da cidade.

Foi através do jornalismo que estes jovens tentaram imprimir uma consciência crítica acerca do ambiente sócio-cultural de Desterro. Julgavam-se portadores de uma consciência crítica da realidade com base nos postulados da idéia de progresso e racionalidade. Influenciados por um ideário evolucionista e positivista, e pelas concepções do realismo literário, pois nesta época já conheciam Darwin, Spencer e Comte, como veremos mais adiante, tentaram acender algumas concepções, julgavam-se portadores de uma nova consciência crítica sobre a realidade local.

Estes jovens passaram também a condenar as atitudes que destoassem aquilo que acreditavam. Condenavam os abusos cometidos nos castigos físicos praticados por senhores que possuíam cativos, ao mesmo tempo em que festejava as iniciativas de alforrias, como apontou este trecho de uma nota publicada no *Moleque*:

O Sr. João do Prado Lemos, deu liberdade a cinco escravizados.  
Magnífico.  
Só por isso S.S. tem todo o direito a um aperto de mão do Moleque.  
E venha elle, o aperto de mão, franco sincero e robusto como o acto do  
digno negociante.  
E anda assim que é bom.

---

<sup>52</sup> Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. Jornal O Moleque, 16 de abril de 1885, p.03.

Applausos, applausos.  
Trac<sup>53</sup>.

A causa abolicionista foi tema recorrente nas páginas do *Moleque*, contudo, voltaremos a este tema ao abordarmos a poesia de Cruz e Sousa. Quanto à elite local, e seu projeto modernizador, o estudo Araújo apontou ainda para o fato de que:

(...) A esta burguesia, ansiosa por ascender a posições que lhe garantissem segurança material e prestígio, e a incorporação às modas e os hábitos que importava do Rio de Janeiro, não era mais suficiente ser branco, católico e proprietário, era preciso ser civilizado, ter gosto e ser higienizado”.<sup>54</sup>

No capítulo seguinte procuramos compreender o ambiente cultural de Desterro, na tentativa de percebermos qual o significado de ser “civilizado” e ter “gosto”, e principalmente como este mesmo ambiente cultural alimentou as expectativas dos jovens Virgílio Várzea e Cruz e Sousa, propiciando o surgimento de um grupo de literários intitulados *Idéia Nova*.

---

<sup>53</sup> Jornal O Moleque 17 de maio de 1885, p.01.

<sup>54</sup> Op.cit. p.203.

## CAPITULO II

### DESEJOS E SONHOS, TRAJETÓRIAS DISTINTAS.

#### 2.1 O teatro como agente civilizador.

A partir da segunda metade do século XIX, mais precisamente nas duas primeiras décadas, podemos perceber uma intensificação das atividades comerciais em Desterro, ocorrida principalmente através de sua movimentação portuária, fato este que possibilitou a uma pequena elite formada por comerciantes proprietários de casas de exportação e importação, de agências de navegação e dos estaleiros, assumirem alguns contornos relevantes na hierarquia social da antiga cidade. Entretanto, o ambiente cultural e artístico não acompanhava o mesmo ritmo, segundo afirmativa encontrada na produção historiográfica dos principais memorialistas<sup>55</sup>.

Com base em tal afirmativa, buscamos explorar neste segundo capítulo, o ambiente cultural de Desterro e suas principais manifestações culturais. Em pesquisas junto aos periódicos da Biblioteca Pública do Estado, percebemos o aparecimento de um número significativo de anúncios sobre atividades de sociedades teatrais amadoras, bem como, notícias sobre a passagem de companhias teatrais profissionais provenientes de outras Províncias.

Nossa intenção reside em compreender de que forma este ambiente cultural proporcionou o surgimento de algumas sociedades dramáticas amadoras. Durante nossa pesquisas encontramos nos mesmos período registros da participação de jovens em atividades teatrais e na produção literárias, por este motivo, buscamos compreender, como este mesmo ambiente cultural propiciou a um grupo de jovens, envolvidos com as atividades dramáticas envolverem-se também

---

<sup>55</sup> BOITEUX, Lucas A. *Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense*. Vol. III Florianópolis: Imprensa Oficial, 1951. Ver também: CABRAL, Oswaldo R. *Nossa Senhora do Desterro*. Vol.II. Florianópolis: Lunardelli, 1979. MONTENEGRO, Abelardo F. *Cruz e Sousa e o Movimento Simbolista no Brasil*. 3ª edição. Florianópolis: FCC Edições, Fortaleza: EUFC, 1998. SOARES, Iaponan. *Ao redor de Cruz e Sousa*. Florianópolis, 1989.

com atividades literárias dando origem, alguns anos depois, ao grupo literário “*Idéia Nova*”. Nossas atenções recaem sobre o grupo e as trajetórias individuais destes jovens.

Em uma rápida leitura dos principais memorialistas, a primeira vista a impressão que se tem sobre Desterro, é a de que esta possuía uma vida cultural inexpressiva sendo o seu único espaço de espetáculos, o palco do *Teatro Santa Izabel*, muito mal conservado faltando-lhe desde uma iluminação apropriada a cenários e cortinas. Iaponan Soares em seu estudo sobre Cruz e Sousa, destacou a opinião de um cronista da época que reclamava providências, alegando que, “no palco custa a conhecer os atores, o que só conseguem os que estão mais distantes ou pela voz ou á custa de binóculos esta situação favorecia a ocorrência de pequenos furtos causando desconforto e perturbando o andamento dos espetáculos.”<sup>56</sup> Abelardo Montenegro, um dos principais biógrafos de Cruz e Sousa afirmou em seu estudo que:

“A vida social naquela época, de quase nenhum brilho se revestia. O público jazia em permanentes férias a respeito de entretenimentos. O mundo elegante aproveitava furiosamente, as oportunidades que se ofereciam. Em geral, a nota do dia davam-nas às Companhias Teatrais.”<sup>57</sup>

O autor segue afirmando que a vida social em Desterro era marcada por uma certa monotonia, sendo quebrada pela passagem de algumas companhias teatrais, pelas touradas, pelos circos e pela devoção ao Senhor Bom Jesus em oratórios nas residências.

Entretanto, uma leitura mais atenta nos jornais da época, apontou para o fato da passagem de um número significativo de companhias teatrais profissionais e da presença de uma quantidade variada de sociedades dramáticas amadoras particulares que se apresentavam em locais improvisados e não somente no palco do Santa Izabel. Cabral em seu estudo já citado sobre Desterro apontou para o fato de que a passagem de pequenas companhias teatrais por Desterro

---

<sup>56</sup> Jornal O Despertador, de 18 de março de 1879. Apud. SOARES, Iaponan. *Ao redor de Cruz e Sousa*. Florianópolis, 1989, p.45.

<sup>57</sup> MONTENEGRO, op.cit. p.26.

neste período não se constituiu algo fora do comum, tais indícios nos levaram a duvidar da monotonia de tal ambiente.

Possivelmente as afirmações feitas pelos memorialistas, apontem para uma outra direção, a de que Desterro mesmo após a segunda metade do século XIX, quando atingiu um relativo crescimento econômico, não possuía uma casa de espetáculos a altura de sua posição, enquanto Capital da Província. Uma casa de espetáculos que abrigasse as companhias teatrais profissionais e que atendesse aos anseios da elite local que ascendia socialmente a posições de prestígio e segurança material, e que desejava incorporar a moda e aos hábitos que importavam do Rio de Janeiro, acima de tudo, era preciso agora ser civilizado. Neste sentido, as duas principais casas de espetáculos de Desterro apontadas pelos memorialistas como espaço de divertimento da elite, foram primeiramente o *Teatro São Pedro de Alcântara* e mais tarde o *Santa Izabel*.

Começamos nossa análise pelo Teatro São Pedro de Alcântara, fundado em meados de 1850 foi durante aquele período a maior e mais importante casa de espetáculos de Desterro até 1869. A diretoria do teatro pertencia a Sociedade Dramática Particular Catharinense, seu funcionamento se dava através do aluguel de seu espaço para as companhias que nela desejassem apresentar algum espetáculo. Segundo Vera Collaço em seu estudo sobre o teatro em Nossa Senhora de Desterro, a diretoria do São Pedro era eleita a cada semestre e tinha seu quadro de sócios divididos entre contribuintes e úteis.

Os sócios úteis ficam encarregados das montagens dos espetáculos e da administração do teatro. Já os sócios contribuintes são os que sustentam a estrutura da sociedade, do teatro e as produções dos espetáculos, com uma contribuição mensal, que em 1857 estava estipulada em 1\$000 réis<sup>58</sup>.

O acesso ao teatro era destinado somente aos sócios e seus familiares. Entretanto, encontramos nos jornais muitas reclamações por parte da diretoria, quanto ao comportamento de seus sócios. As queixas eram referente ao não pagamento das mensalidades e ao fato dos sócios

---

<sup>58</sup> COLLAÇO, Vera Regina Martins. *Um painel do teatro catarinense no século XIX: com enfoque em Nossa Senhora do Desterro*. São Paulo. Dissertação de mestrado em História, USP, 1984, p.25.

levarem ao teatro pessoas que não eram seus dependentes. Ao mesmo tempo, os sócios respondiam as reclamações cobravam o cumprimento de um cronograma de apresentações, ou récitas, por parte da diretoria.

Contudo, o público freqüentador pagante ou “penetra” eram pessoas pertencentes à elite local, público para o qual os espetáculos se destinavam.

Em 1855, o teatro passou por sua primeira reforma, funcionando em péssimas condições foi interdito em 1858, voltando a funcionar dois anos depois. Porém, mesmo após a reforma, o Teatro São Pedro de Alcântara não demoraria muito a fechar suas portas devido ao péssimo estado de conservação, sendo que, a última notícia que se tem do teatro data de 1869. Entre os anos de 1861 e 1865, três sociedades dramáticas particulares ocuparam a direção do teatro, eram elas, S.D.P. São Pedro de Alcântara, S.D.P. Juvenil Catharinense e a S.P.D. Recreio Dramático<sup>59</sup>.

Diante da situação precária, em que se encontrava o teatro São Pedro, constituiu-se uma comissão responsável por discutir a construção de um novo teatro, entre seus membros estavam Manoel Moreira da Silva e João Pinto da Luz. A partir destas reuniões, constituiu-se a Sociedade Empreendedora, que tomou para si, a tarefa de executar tal intento em fevereiro de 1854. Mas, somente em 29 de julho de 1857 o teatro Santa Izabel teve sua pedra fundamental lançada<sup>60</sup>. Contudo, levaria algum tempo até a cidade finalmente inaugurar a obra.

Uma série de contratemplos que iam desde furações, eleições e reeleições de diretoria, discussões quanto ao local da obra, falta de dinheiro, e um pedido de empréstimo junto ao governo, fato este que levou o governo provincial a tomar posse da obra pelo não pagamento do empréstimo feito pela Sociedade Empreendedora, contribuíram para que a construção do edifício leva-se em torno de 21 anos para a sua completa conclusão. Contudo, o governo não tomou posse de imediato, e em agosto de 1870 põe o prédio a leilão. Sem um comprador, o governo assumiu o encargo do término da construção, chegando mesmo a ser cogitada a possibilidade do prédio ter um fim administrativo governamental.

Em 1871 ainda com o prédio inacabado, ocorreu a primeira apresentação, feita pela Associação Bohemia Dramática Paulistana e em 1873 aportava em Desterro a Real Companhia Italiana, neste ano as obras ainda continuavam inacabadas. Finalmente em 1875 a casa foi inaugurada, com o nome de Teatro Santa Izabel, a data escolhida foi o 7 de setembro, desta forma

---

<sup>59</sup> FABRIN, João Baptista. *Grandes casas, novidades e curiosidades*. Florianópolis. Trabalho de conclusão do curso de História. UDESC, 2002, p.18 a 25.

<sup>60</sup> CABRAL, op.cit., p.155.

o governo provincial comemorava uma data oficial entregando uma obra aos “cidadãos” desterrenses, ficando o espetáculo de estréia a cargo da Sociedade Dramática Particular Recreio Catharinense, quanto ao público, este contou com a mais exuberante elite de Desterro, seguida da figura do presidente provincial João Capistrano Bandeira de Mello e Filho.

Quanto ao funcionamento do teatro, sua administração ficou sob a responsabilidade de José Feliciano Alves de Brito até o ano de 1877. Neste mesmo ano a casa foi alugada a Moysés William Comsett<sup>61</sup>, pelo prazo de dois anos. Em 1879, com o término do contrato de locação e com o total pagamento das dívidas, referentes à construção por parte da Sociedade empreendedora, o teatro retornou para o governo sendo este o responsável pelos arrendamentos e aluguéis.

Com relação as suas disposições internas, ficava determinado que o arrendatário da casa ficaria responsável pelas apresentações e ficava a seu encargo a organização da vinda de companhias teatrais particulares de outras províncias. Entretanto, o governo provincial se fazia presente através da figura do fiscal, responsável por cuidar do espaço físico e de fazer cumprir o contrato de arrendamento. No ano de 1885 o teatro Santa Izabel passou a ser administrado única e exclusivamente pelo governo provincial, que criou novos cargos e poderes.

A mudança de nome do teatro Santa Izabel ocorreu em 1894, passando a se chamar Teatro Álvaro de Carvalho, resolução do então interventor Moreira César, nome que se mantém, até os dias atuais.

Contudo, convém enfatizar a importância destas duas casas de espetáculos neste período, porém, sem deixar de destacar que este era um espaço onde somente a elite estava autorizada a desfilar, ou seja, meia dúzia de famílias de comerciantes, armadores e funcionários civis e militares. Aqueles que poderiam pagar em média 1 mil réis para assistir os espetáculos. Segundo Cabral em abril de 1876 José de Araújo Coutinho arrendatário do Teatro Santa Izabel realizou uma série de espetáculos para o qual:

“(...) contratara ou formara uma nova Companhia, que realizou numerosos espetáculos na Capital, com repertório quase que inteiramente novo. A Empresa, creio, era Alves de Brito, sendo as

---

<sup>61</sup> Jornal O Conservador. Desterro 13 de Outubro de 1877 n°464, p.03. APUD, COLLAÇO, Vera. Op.cit.,p.63.

entradas tabeladas em 8 mil réis os camarotes, 2 mil réis as cadeiras e bancos e 1 mil réis as galerias, (...)<sup>62</sup>.

O teatro se constituiu um meio de diversão destinado a uma pequena camada social. Uma elite em ascensão que buscou se afirmar socialmente, tal afirmação se dava por meio da diferenciação em relação às camadas populares, consideradas incultas e imorais. Este processo de diferenciação pode ser percebido através dos conteúdos das peças apresentadas. Em sua maioria eram grandes dramas, gênero que segundo Cabral agravada ao gosto do público, "(...) estes dramalhões, cheios de situações tocantes, comovedoras, ferindo a alma dos espectadores que não se envergonhavam de deixar correr, barbas abaixo, lágrimas abundantes."<sup>63</sup>

Cabral faz uma observação bastante interessante deste processo de diferenciação e sobre o conteúdo das peças apresentadas:

Não importava que a vida real fosse diferente, que ninguém falasse da mesma forma que registravam "as partes", isto é, os textos; que ninguém usasse aquele vocabulário; que ninguém tomasse as poses nem fizesse os gestos de um ator, no palco. O teatro não era o espelho de uma realidade – mas do que se traduzia por um ideal daquilo que deveria ser a realidade – nas palavras, nas poses, nas atitudes, nas frases recheadas de imagens românticas, nos gestos repletos de galanteios (...)<sup>64</sup>.

Deseja-se criar uma sociedade de acordo com um modelo de comportamento idealizado, civilizado, cortês, e neste contexto o teatro tinha como função educar de acordo com o modelo idealizado, este modelo não representava a realidade, mais sim o que ela poderia vir a ser. O espetáculo não estava restrito apenas a peça a ser encenada, tudo fazia parte dele, os gestos delicados das mulheres em seus belos trajés, segurando o leque em uma noite quente de verão, o cumprimento cortês e cavalheiresco dos homens, os gestos comedidos, tudo fazia parte de um

---

<sup>62</sup> CABRAL, op.cit., p.187.

<sup>63</sup> Op. cit., p.169.

<sup>64</sup> CABRAL, op. cit., p.169.

grande espetáculo, de uma grande encenação. Muitas das peças apresentadas foram inclusive escritas por autores pertencentes às sociedades dramáticas locais.

Em 1855 José da Silva Azevedo escreveu o drama *Adolfo* ou *O Crime e a Glória* apresentada no Teatro São Pedro de Alcântara, nos anos seguintes - *A Gondoleira de Veneza* e *Os Dois Juramentos*. Algumas delas foram encenadas inúmeras vezes e em todas às vezes contou com um público fiel. Dentre as peças que caíram no gosto do público estavam os dramas, *A Honra da minha Filha*, *Anjo do sacrifício*, *O caixeiro da Taberna*, *Os degraus do Crime*, *A Escrava Andréia*, *Dom César de Bazan*, *Othelo* e *O Sr. Dumblick*.

Através dos próprios títulos das peças podemos perceber a preocupação com os preceitos morais condenando os vícios e exaltando as virtudes que regiam a sociedade burguesa européia e servindo como um meio condutor a civilização e ao progresso. Para além da diversão o teatro representava um instrumento de educação para a elite que se considerava a representante da moralidade e dos valores de distinção. O teatro era neste ambiente o introdutor e o mantenedor da moralidade.

Uma nota publicada no jornal *O Argos* nos dá a dimensão do que se pensava sobre o teatro:

Um viajante célebre, para avaliar da moral e da civilização de um povo, entrava nos seus templos e nos seus teatros, a moral estava nos primeiros e a civilização nos últimos. Incontestavelmente, o teatro é o termômetro do grau de civilização de um povo. Aí, de um relance de olhos se pode julgar da índole, da instrução, da civilização e mesmo da moral pública e doméstica do espectador. Afora o abuso que se possa fazer do teatro, é ele uma escola animada, que num só quadro nos mostra a luta das paixões e o triunfo da virtude sobre o crime (...).

Se ao teatro cabia a função de educar nos preceitos da conduta burguesa, a moralidade cabia a responsabilidade de garantir a civilização e o progresso de um povo. Ao mesmo tempo, tais peças produziam uma diferenciação entre uma elite culta e civilizada, que se julgava portadora de uma consciência crítica e de uma missão civilizadora. Observadas por este prisma as camadas populares eram vistas como imorais.

Ainda no terreno dos espetáculos particulares, outros espaços surgiram, menores e menos aparelhados, porém, não menos importante. Tais espaços, garantiram público às pequenas

companhias teatrais que passavam por Desterro e as sociedades dramáticas amadoras, que não possuíam condições de pagar o arrendamento de uma casa maior. Ao mesmo tempo, o acesso a tais espetáculos era cobrado a um valor módico, o que possibilitava aos populares apreciarem os espetáculos. Nestes espaços a interação entre o público e o espetáculo se dava de forma diferente, sem a preocupação com as atitudes comedidas, as gargalhadas despreocupadas com qualquer código de postura, etiqueta ou preceito moral, os aplausos não comedidos, a ovação exaltada, ou ainda, a preocupação com um figurino que por si só indica o grupo social o qual o indivíduo pertencia.

Desde de 1850 a cidade vinha desenvolvendo considerável atividade teatral, em seu estudo, Cabral destacou à presença neste período de um número significativo de pequenas companhias teatrais amadoras. Nos jornais da época encontramos também um número expressivo de anúncios de sociedades dramáticas que se apresentavam em pequenos teatros e até mesmo em armazéns e sobrados alugados.

As vezes, para apresentações de novidades e curiosidades – destas que ainda percorrem o País e que já não encontram a afluência que outrora se verificou - preparavam-se os salões existentes, nos térreos dos sobrados, geralmente ocupados por lojas e depósitos de mercadorias, ou exposições dos mostruários dos “cometas” – viajantes comerciais principalmente os de fazendas – onde podiam eles abrir as enormes malas, verdadeiras arcas, que continham as amostras. Em geral, situavam-se nos térreos dos hotéis, ou então em lojas desocupadas<sup>65</sup>.

Estes espaços adaptados funcionaram como alternativas durante o período em que o Teatro São Pedro de Alcântara esteve fechado devido ao seu mau estado de conservação, ou mesmo quando encerrou suas atividades, não estando ainda terminadas as obras do Santa Izabel.

Ainda segundo Vera Collaço, a procura de outros espaços quando o São Pedro ainda estava funcionando pode ser atribuída ao fato de que a procura dava-se por grupos de jovens pertencentes a duas sociedades existentes denominadas de juvenis, a S.D.P. Juvenil

Catharinense e a S.D.P. Recreio Juvenil, a autora apontou para o fato de que por serem sociedades juvenis não estavam autorizadas a atuar no São Pedro de Alcântara<sup>66</sup>. Ou talvez ainda, por serem sociedades particulares pequenas e não possuírem apoio financeiro suficiente que viabilizasse o arrendamento, a organização, a administração dos encargos e a montagem dos espetáculos.

Em um artigo publicado no jornal *A República*, Virgílio Várzea lembrou a ocasião em que conheceu Cruz e Sousa. Em seu relato contou que conheceu o jovem Cruz e Sousa, na época com 15 anos de idade e Várzea com 13 anos, conheceram-se durante uma solenidade artística onde ambos representavam sociedades dramáticas amadoras distintas:

(...) celebravam-se o aniversário de um dos dois teatrinhos de rapazes que lá existiam, cujo nomes não me acorrem agora. Um tinha a sua sede à antiga rua do Príncipe (atual Conselheiro Mafra) aos rés do chão do sobrado do antigo capitão de navios e capitalista Manoel Moreira da Silva, principal chefe do partido conservador da Província; o outro à rua da Paz (atual Jerônimo Coelho) no porão da residência do Sr. Fialho, conferente da Alfândega. Desta era orador Cruz e Sousa e daquela o subscritor desta crônica, a quem coube saudar, em nome da sua sociedade dramática, a diretoria da outra. Respondeu-me Cruz e Sousa. Desde então ficamos amigos.<sup>67</sup>

A declaração de Virgílio Várzea ao jornal, veio a confirmar a presença de tais sociedades, a participação de jovens e os poucos recursos que alguns contavam. Contudo ela levantou algumas questões importantes, como por exemplo, de que sociedades dramáticas Várzea estava falando, quem eram seus principais integrantes, quais peças representavam e para qual público destinava-se os espetáculos?

Algumas destas sociedades dramáticas eram formadas por jovens, estudantes, entusiastas e alguns abolicionistas. Virgílio Várzea e Cruz e Sousa foram alguns destes jovens que na época encontravam-se engajados com atividades artísticas, demonstrando deste muito cedo o

---

<sup>65</sup> CABRAL, Oswaldo R. Op.cit., p.160.

<sup>66</sup> COLLAÇO, Vera. Op. cit., p.112.

<sup>67</sup> VARZEA, Virgílio. *Jornal A República*, Florianópolis, 24 de março de 1923. Apud. SOARES, op.cit. p.23.

interesse pelos palcos. As sedes das associações artísticas concentravam-se nas principais ruas de comércio e negócio de Desterro. As ruas do Príncipe (atual Conselheiro Mafra) e da Paz (atual Jerônimo Coelho) juntamente com a rua Augusta (atual João Pinto) concentravam neste período um grande número de casas de comércio.

As sociedades funcionavam com poucos recursos contando com a “boa vontade” dos comerciantes locais. Segundo informou Várzea, uma delas ocupava o sobrado pertencente a Manoel Moreira da Silva, comerciante, armador e principal líder do partido conservador. Segundo nota publicada no jornal O Mensageiro, Manoel Moreira foi um dos principais integrante de uma comissão que discutia a construção do novo teatro, o Santa Izabel, do qual falamos anteriormente<sup>68</sup>.

A segunda sociedade citada por Várzea, estava instalada no porão da residência do Sr. Fialho, conferente da Alfândega, sendo Cruz e Sousa o seu orador. Apresentavam-se em pequenos teatros e também em locais, porém em algumas ocasiões chegaram a ocupar o palco do Santa Izabel. As peças encenadas seguiam a mesma tônica dos dramalhões, e no caso específico destas duas sociedades à causa abolicionista começava a ser estimulada, através da leitura de poemas cheios de ideais libertários entre um ato e outro, ou ainda com a montagem de algumas peças como A escrava Andréia, ou ainda A filha da escrava, de Artur Rocha.

Entretanto, ao que parece nem todas estas sociedades enfrentaram constantes problemas de ordem financeira. Algumas contavam com membros da elite local em sua diretoria e no seu quadro de artistas amadores, segundo afirmou Cabral. Em 1864, a sociedade dramática Recreio Dramático, contava entre os seus diretores eleitos membros de famílias pertencentes à elite local, segundo afirmou Cabral. Com efeito, contavam-se entre eles, o Coronel Guilherme Xavier de Sousa, Manoel José de Oliveira, o conhecido advogado, tabelião e político do partido conservador, Francisco Duarte Silva Júnior e Luis Eduardo Otto Horn<sup>69</sup>. Nos anos seguintes, algumas mudanças foram feitas na diretoria da sociedade, contudo, a origem de seus membros continuava a mesma.

Mesmo atuando em sociedades pequenas, alguns destes jovens conseguiram marcar presença no palco da mais importante casa de espetáculos, o Santa Izabel. Para Cruz e Sousa e Virgílio Várzea este fato se deu com a passagem da Companhia teatral de Francisco Moreira de

---

<sup>68</sup> Jornal O Mensageiro, 26 de setembro, 1855. Apud, CABRAL, op.cit., p.155.

<sup>69</sup> CABRAL, op.cit., p.163.

Vasconcelos. Sua chegada foi muito festejada sendo notícia nos jornais locais<sup>70</sup>. O elenco trazia a pequena atriz Julieta dos Santos que na época contava com dez anos de idade e da qual se dizia ser “uma linda e simpática menina cuja viveza e acerto na conversação denunciavam um gênio vivo e uma inteligência clara”<sup>71</sup>.

Porém, a presença nos palcos não ocorreu através de uma apresentação teatral, Cruz e Sousa e Virgílio Várzea aproveitaram a oportunidade para mostrar as suas produções literárias entre o intervalo de um ato a outro. Os poemas faziam homenagens aos atores, aos aniversariantes, ou a figuras ilustres da cidade presentes na platéia. Nesta época já produziam alguns poemas chegando até mesmo a publicar nos jornais, contudo, eram produções sem um pendor estético definido, ou nada que indicassem o que viriam a ser mais adiante.

Atento aos interesses dos jovens Moreira de Vasconcelos empresário da companhia de Julieta dos Santos, se aproximou dos novos poetas para estimular essa publicidade, deste encontro de interesses surtiram dois resultados concretos, o primeiro um emprego para Cruz e Sousa, o segundo, a publicação de uma coletânea de quarenta páginas em homenagem a pequena atriz, contendo vinte poemas escritos por Cruz e Sousa, Virgílio Várzea, Santos Lostada e Moreira de Vasconcelos.

Quanto ao emprego de Cruz e Sousa, em 15 de fevereiro de 1883 partiu com a Companhia de Moreira de Vasconcelos em viagem pelo país, o jornal *Regeneração* órgão ligado ao partido liberal de propriedade de Duarte Schutel, e onde Cruz e Sousa publicou muitos de seus poemas, registrou o fato, “(...) Segue empregado da Companhia o jovem e inteligente patricio João da Cruz e Sousa”<sup>72</sup>.

A pequena nota discreta não fazia menção à função que Cruz desempenharia, que era a de ponto e secretário, ficando responsável por soprar as falas aos atores, sempre atuando por traz dos bastidores.

A longa excursão proporcionou ao poeta pela primeira vez a oportunidade de circular por várias Capitais declamando suas poesias em recitais e reuniões de clubes abolicionistas. A companhia de Moreira de Vasconcelos mais tarde passou a se chamar companhia teatral Julieta dos Santos, seguindo viagem para o Rio Grande do Sul chegando até a região Norte do país, apresentando-se em várias cidades dentre elas Salvador, Recife e São Luis do Maranhão.

---

<sup>70</sup> Jornal O Despertador, 23/12/1882. Apud. SOREAS, op. cit. p.16

<sup>71</sup> Op.cit., p.16

<sup>72</sup> ARQUIVO da Biblioteca Pública do Estado. Jornal, *Regeneração*. 15 de Fevereiro de 1883.

Em Salvador, a companhia dramática explorou o tema do trabalho escravo, levando ao palco a peça - *A filha da Escrava*, de autoria de *Artur Rocha*. Cruz e Sousa aproveitou a oportunidade e pronunciou uma conferência pela libertação dos escravos. Em abril de 1884 a companhia dramática deixou a Bahia, seguindo para o Nordeste.

Em Pernambuco no Teatro Izabel de Recife a estréia ocorreu no dia 24 de abril de 1884. Repercutiam na capital os acontecimentos recém ocorridos do Ceará, que havia libertado os escravos em 4 de maio. Cruz e Sousa proferiu discursos de conteúdo abolicionista e declamou a poesia - *Nova Orientação*.

A imprensa local publicou *Aleluia*, versos dedicados pelo poeta ao Clube Ceará Livre, de Recife. Em 8 de junho de 1884 a companhia seguiu para o Ceará, onde permaneceu dois meses, mais uma vez Cruz e Sousa aproveitou a oportunidade para realizar conferência sobre o Abolicionismo.

Alguns de seus discursos proferidos nas cidades por onde passou foram publicados no jornal *O Moleque*, onde Virgílio Várzea era redator. Entretanto, não pude ter acesso a este discurso, devido aos problemas existentes na conservação do jornal. A coleção de *O Moleque* na Biblioteca Pública Estadual de Florianópolis não atingiu a data citada pelo poeta. A que encontrei na Universidade Federal de Santa Catarina também não alcançava esta altura dos acontecimentos. Ao final de dois anos excursionando pelo país, Cruz estava de volta a Desterro.

Sobre o período, em que estive envolvido nas atividades teatrais amadoras em Desterro, podemos destacar o encontro e o convívio de Cruz e Sousa com outros jovens através das atividades teatrais nos grupos amadores. Deste encontro e convívio, nasceu paralelamente às atividades teatrais amadoras, um interesse em comum pela literatura. Estes jovens passaram então a escrever e declamar seus poemas durante as apresentações teatrais, bem com, conseguiram publicar alguns de seus poemas nos jornais locais. Os temas são os mais variados, desde homenagens a amigos e figuras da vida pública, ao amor.

Porém, outras formas de diversão, além do teatro, existiam naquele mesmo ambiente cultural, e dizem respeito aos espetáculos populares, que aconteciam em espaços improvisados como armazéns, depósitos, praças e nas ruas.

Um armazém situado à rua do Livramento nº 2 ficou famoso por abrigar as manifestações populares, como “o anão que se exibia das 6 da tarde às 9 da noite tocava pistão e dançava, a 500

réis por pessoa”.<sup>73</sup> Os espetáculos dos prestidigitadores, dos cosmoramas, dos circos e das rinhas de galos, faziam parte deste cotidiano improvisado e dentre estes, o circo parece ter ocupado lugar especial nos dizeres de Cabral.

Mas, em verdade, popular mesmo era o Circo, o circo de cavalinhos, que o povo podia assistir sem ter de tirar o chapéu da cabeça, comendo amendoim torrado, o circo com suas doceiras do lado de fora (...) com o palhaço de cara pintada, que saía pelas ruas montado de costas, num burrico, anunciando o espetáculo com perguntas a que toda a molecada contestava (...).<sup>74</sup>

O espaço do circo consistia em um espaço livre das convenções, das ações comedidas do ambiente do teatro. Segundo Cabral o circo era o espaço,

para o povo pobre que não podia fazer parte das associações teatrais e assistir peças de chorar e rir, principalmente de chorar, a um mil réis por cabeça, (...).” O circo era do povo, da gente de pé no chão, da gente sem paletó, da gente que não sabia ler, que ia para ver as novidades de fora (...).<sup>75</sup>

Entre os muitos registros da passagem de companhias circenses encontramos em apenas uma delas a Ginástico Americano, proibição da entrada de escravos. Quanto à presença de escravos em atividades internas das companhias não encontramos registros.

Outra manifestação cultural destacada no estudo de Cabral foi o carnaval. Do período compreendido entre 1856 a 1884 tem-se em Desterro a atuação de um número considerável de sociedades carnavalescas.

---

<sup>73</sup> CABRAL, op. cit., p.246.

<sup>74</sup> Op. cit., p. 246.

<sup>75</sup> CABRAL, op. cit., p.247.

No ano de 1855 encontramos o registro de duas Sociedades, *A Carnaval Desterrense* e *A Recreio Carnavalesco*. Em 1873 surgia *Os Democratas* e *Os Romeiros da Alegria*. Seis anos mais tarde restavam em torno de quatro sociedades, *Os Companheiros do Silêncio*, *A Filhos do Purgatório*, *Os Bons Arcanjos* e *a Diabo a Quatro*.

Em 1884 a Sociedade Bons Arcanjos realizou os bailes no Clube 12 de Agosto e a Sociedade Diabo a Quatro, no Teatro Santa Isabel<sup>76</sup>. Entre os diretores destas sociedades encontramos nomes de muitos membros da elite local, e segundo indicação do próprio Cabral, o local escolhido para a realizavam os bailes era freqüentado por esta mesma elite. Ao que tudo indica eram sociedades fechadas da qual faziam parte políticos, médicos e membros dos quadros militares; nos bailes era obrigatório o uso de fantasias e máscaras, segundo Cabral:

A gente fina dessas sociedades fantasiava-se de Conde, Príncipe, Duque - tôda a nobreza – e de Mouros, Pierrots e Dominós. Para tanto faziam fantasias de sêda, de veludo e outros tecidos pesados e caros, enfeitando-os com lantejoulas, vidrilhos e outros adornos. Havia cabeleiras, pretas ou brancas, lisas e cacheadas, bigodes e outros postijos – e até calvas<sup>77</sup>.

Contudo, a atuação das sociedades não estava limitada apenas aos clubes, estas desfilavam nos dias de festejo pelas principais ruas da Constituição, Augusta, Príncipe, Livramento, Ouvidor, Carioca, Campo do Manejo até o Largo do Palácio, era o chamado *Zé-Pereira*, onde os sócios saíam pelas ruas com caixas e pratos a fazer batuque anunciando o início dos festejos.

A rua era o espaço onde outras sociedades menores e menos pomposas organizaram-se para fazer o carnaval de rua a moda da época. Aqueles que não podiam pagar por caras fantasias, saíam as ruas vestidos de sujos, “arrumavam uma roupa velha qualquer, vestiam-na pelo avesso, pintavam a cara ou arranjavam uma velha mascara, em geral pavorosa, e estava feita a preparação para a festa.”<sup>78</sup>

---

<sup>76</sup> Op. cit., p. 236.

<sup>77</sup> CABRAL, op. cit., p.237.

<sup>78</sup> Op. cit., p. 237.

Sobre os festejos de rua, a Câmara Municipal tentava “organizar” a diversão. Através das Posturas, proibiam-se o uso dos entrudos<sup>79</sup>, das bacias d’águas, dos esguichos, e dos banhos despejados dos sobrados. Entretanto ao que parece a proibição não funcionou, sendo que em 1856 um Edital da Câmara dizia:

era permitido “às pessoas descentes”, o antigo uso do divertimento do entrudo, nos três dias do costume, empregando, para isso, os nomeados limões de cheiro<sup>80</sup>.

Importante ainda destacarmos, a participação de algumas Sociedades Carnavalescas na campanha abolicionista, em especial a Bons Arcanjos e a Diabo a Quatro que juntamente com as Sociedades Dramáticas, Amadores da Arte e União Artística aliaram-se ao Clube Abolicionista.

Em uma carta de Cruz e Sousa endereçada a Germano Wendhausen principal líder abolicionista, Cruz enviava recomendações aos amigos, Manoel Bitencourt, ou como era mais conhecido Artista Bitencourt, exímio sapateiro que participou ativamente da campanha abolicionista e da fundação do Clube Abolicionista, ao Margarida, ou Francisco Antônio das Oliveiras Margarida, diretor do jornal O Abolicionista e a toda a leal e gloriosa falange do Diabo a Quatro<sup>81</sup>. Cruz e Sousa fez parte de atividades dramáticas, e ao que tudo indica, fazia parte da sociedade carnavalesca Diabo a Quatro, ambas as atividades sociedades defendiam a causa da abolição.

Ao entrarmos em contato com o ambiente cultural de Desterro procuramos mapear suas principais manifestações. Nosso ponto de partida foram algumas afirmativas feitas por memorialistas que apontavam para um ambiente cultural no qual os habitantes jaziam em

---

<sup>79</sup> Os entrudos eram objetos confeccionados com cera quente no formato de limões, finos e transparentes quanto atingiam o alvo estouravam espalhando o líquido. Dentro traziam, geralmente água perfumada com essência de alfazema ou água de Flórida. No caso dos mais baratos, água simples ou perfumes comuns. Os entrudos eram confeccionados por viúvas pobres eram vendidos em casas de comércio e por cativos ambulantes nas ruas.

<sup>80</sup> Op. cit., p. 227.

<sup>82</sup> Carta de Cruz e Sousa a Germano Wendhausen. MUZART. op. cit., p.32.

permanentes férias quando o assunto era divertimento. Porém, numa leitura mais atenta dos jornais da época encontramos um ambiente onde as manifestações culturais se faziam presentes.

Entre a elite, com os espetáculos das companhias teatrais profissionais que por aqui passavam, com a organização de sociedades teatrais amadoras que envolviam principalmente os jovens, ou ainda nos bailes de carnaval. Nas camadas populares, com as apresentações teatrais de sociedades amadoras e profissionais em espaços improvisados, com os espetáculos circenses em suas apresentações nas ruas e praças, ou ainda através do carnaval.

Neste processo de mapeamento nos foi possível observar a participação de alguns jovens em atividades artísticas, dentre este Cruz e Sousa e Virgílio Várzea. O encontro, segundo o próprio Várzea, ocorreu através da participação de ambos em atividades teatrais em grupos amadores, cada um representando sociedades distintas, na função de oradores. Através do teatro passaram a conhecer grandes autores como Dante, Petrarca, Dumas, Victor Hugo e Eça, deste convívio nasceu o interesse em comum pela literatura.

Interesse que passou a ser amplificado com a chegada do presidente provincial Gama Rosa, que introduz ao grupo, as novidades filosóficas-literárias. O círculo de amizades do poeta se ampliou de forma significativa com a entrada de Oscar Rosas e Araújo Figueiredo. Neste período a cidade iniciava seu processo de modernização e estes jovens vêem a oportunidade de conquistar um espaço nas letras local.

A chegada do jovem médico e presidente Provincial, Gama Rosa estimulou a produção dos jovens intelectuais, que passaram a reunir-se em torno de Gama Rosa, criando um pequeno grupo literário intitulado Idéia Nova. O contato com as novidades filosóficas e literárias produziu um desejo de renovação nas letras locais. Sobre este desejo, sobre as produções literárias, bem como, as trajetórias de vida do grupo, falaremos no segundo tópico deste capítulo.

## **2.2 O grupo Idéia Nova.**

Neste segundo tópico acompanhamos a trajetória de um grupo de jovens literatos, que se formou em Desterro nas rodas de leituras, nos sarais literários, nas sociedades dramáticas

amadoras e nas tipografias dos jornais localizados nas adjacências da praça central. Em comum esses jovens nutriam o gosto pela literatura, pela teoria evolucionista, pelo pensamento liberal e pela escola realista, nutriam também, o desejo de viver das letras em Desterro ou na Capital Imperial. No entanto, não seria exagero afirmar que a passagem de Francisco Luiz da Gama Rosa presidente da Província de Santa Catarina pelo curto período de pouco mais de um ano, tenha influenciado de forma definitiva nas trajetórias de três jovens literatos daquela Província.

Natural do Rio Grande do Sul, mais precisamente da cidade de Uruguaiana, Francisco Luiz da Gama Rosa residiu em Desterro até completar os estudos no Ateneu Provincial. Mais tarde fez como a maior parte dos jovens instruídos provenientes de famílias que possuíam algum recurso, partiu para o Rio de Janeiro onde estudou medicina. Na capital da República entrou em contato com as novidades filosófico-literárias que circulavam por lá. Após concluir seus estudos contando com 32 anos, foi designado para o cargo de Presidente da Província de Santa Catarina entre os anos de 1883-84.

Defensor da doutrina evolucionista Gama Rosa afirmava que, “ela representava a grande doutrina emancipadora da mentalidade humana”.<sup>82</sup> Fiel defensor da higiene, dizia que a ela competia resolver os problemas da conservação, expansão e aperfeiçoamento das sociedades. Logo que chegou a Desterro tratou de colocar em prática sua afirmativa. Concentrando suas ações no meio urbano tratou de implementar seu discurso político higienista. Iniciou com poucos recursos algumas obras, no sentido de promover a reurbanização de Desterro, muitas dessas obras foram continuadas por seus sucessores e somente concluídas nas primeiras décadas do século XX.

Mesmo residindo em Desterro num curto período procurou gente com quem conversar. “Na impossibilidade de procurar com quem aprender, procurou a quem ensinar”.<sup>83</sup> Rosângela Miranda Cherem, em seu estudo sobre a chegada do regime republicano em Desterro/Florianópolis, traçou um rápido perfil do ambiente cultural nos anos que antecederam a chegada do regime republicano a Capital.

Durante os encontros nos salões literários trocavam-se e confundiam-se as idéias, atraindo jovens para discutir Darwin, Zola, Comte, Spencer e Proudhon. Não demorou muito, a novidade despertou a atenção e o interesse dos jovens literatos que logo formaram em torno de Gama Rosa

---

<sup>82</sup> MONTENEGRO, Abelardo F. *Cruz e Sousa e o Movimento Simbolista no Brasil*. 3ª edição. Florianópolis: FCC Edições, Fortaleza: EUFC, 1998 p.44.

<sup>83</sup> MELO, Osvaldo F. *Introdução à história da literatura catarinense*. Florianópolis, Lunardelli, 1982.p.82.

um grupo conhecido como o grupo Idéia Nova. Eram todos jovens, com pouca escolaridade, e provenientes de famílias com poucos recursos, deste grupo faziam parte Araújo Figueiredo, Oscar Rosas, Santos Lostada, Cruz e Sousa e Virgílio Várzea<sup>84</sup>.

A este último, se atribuiu à autoria de um soneto manifesto intitulado “Alerta”, publicado no jornal *Regeneração* em 10 de janeiro de 1884:

Alerta, meu amigo! - e vamos batalhar.  
A luz da Idéia Nova! A linha da vanguarda!  
O forte alexandrino façamos rebrilhar,  
Valentes derrubemos a douda e Velha Guarda!<sup>85</sup>

O poema trazia forte crítica ao romantismo, e a uma geração de intelectuais românticos liderados por Eduardo Nunes Pires principal representante do romantismo nas letras locais. Entretanto, a publicação do poema representou naquele momento uma opção declarada ao realismo, uma tomada de atitude, convidando a todos para lutar pela idéia nova, a vanguarda literária, ao mesmo tempo em que se referia a geração que os precedeu como a velha guarda, algo ultrapassado que pertencia ao passado.

A par das novidades filosófico-literárias, apresentadas por Gama Rosa, e inseridas no processo de modernização da cidade, este grupo de jovens literatos, deu origem a uma inabalável fé nos postulados do progresso e da racionalidade. Em seu estudo Nicolau Sevchenko, apontou para o fato de boa parte dos intelectuais buscavam uma forma de explicação para a sua realidade, um período em que,

os intelectuais brasileiros voltaram-se para o fluxo cultural europeu como a verdadeira, única e definitiva tábua de salvação, capaz de selar de uma vez a sorte de um passado obscuro e vazio de possibilidades e de

---

<sup>84</sup> No terceiro capítulo de seu estudo, Rosângela Miranda Cherem traçou um rápido perfil sobre a produção literária catarinense em especial do grupo idéia nova. CHEREM, Rosângela Miranda. *Faróis de um tempo novo. O amanhecer republicano em Desterro*. São Paulo. Tese de Doutorado USP, 1998.p.159.

<sup>85</sup> *Jornal Regeneração*. Apud CHEREM, 1998 p.159.

abrir um mundo novo, liberal, democrático, progressista e abundante de perspectivas ilimitadas, como ele se prometia.<sup>86</sup>

Contudo, em seu desejo de promover uma mudança no ambiente literário, Várzea deixou transparecer o ponto vulnerável do grupo, os escassos conhecimentos sobre a causa defendida, como podemos observar no último trecho do mesmo soneto, onde Várzea misturava autores românticos e positivistas:

Batamos rijamente os tontos pessimistas,  
Que o séc'lo é de Gigantes, d'assombro e conquistas  
E não de Augusto Comte, de Dumas ou Hugo.<sup>87</sup>

Nas confusões e trocas de escolas literárias, Várzea deixou escapar a fragilidade teórica do grupo, que logo foi apreendido pela crítica local. Apesar de algumas confusões, os integrantes do *Idéia Nova*, passaram a ser reconhecidos como modernos e anti-românticos. A chegada de Gama Rosa a Desterro, contribuiu para dar visibilidade a uma produção literária que já vinha sendo fomentada desde as atividades nas sociedades teatrais amadoras. Embora ainda pequena, esta produção estava comprometida com a estética realista. Em outras palavras, protegidos pelos auspícios do poder, os jovens literatos puderam romper com as antigas concepções estéticas românticas.

Naquele momento Gama Rosa representou a possibilidade concreta destes conquistarem seu espaço nas letras no âmbito local.

A partir de então passaram a escrever e publicar nos jornais locais, contribuindo para o surgimento de uma nova identidade para uma geração que se considerava mais atualizada e sintonizada com as tendências européias, colocando em xeque a estética da geração anterior.<sup>88</sup> Arrolados em um processo de transformação social acreditaram, ou melhor, apostaram na promessa de um novo mundo, liberal, democrático, progressista e de possibilidades ilimitadas. Estavam diante da possibilidade de reinventar a cidade e a si próprios.

---

<sup>86</sup>SEVCENKO, Nicolau. *A literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo. 3ª edição. Brasiliense. 1989, p.78.

<sup>87</sup>SACHET, Celestino. *A literatura catarinense*. Florianópolis. Lunardelli 1985, p.56.

Alguns anos antes, na Capital do Império um grupo de intelectuais cariocas, ficou conhecida como a “geração modernista de 1870” e se intitularam como “mosqueteiros intelectuais”. Esta geração pregava as reformas redentoras do país que eram, “a abolição”, “a república”, “a democracia,”<sup>89</sup> com um certo atraso, esta também passou a ser a tônica deste pequeno grupo de literatos em Desterro. Segundo Nicolau Sevcenko,

(...) os tópicos que esses intelectuais enfatizavam como as principais exigências da realidade brasileira eram, a atualização da sociedade como modo de vida promanado da Europa, a modernização das estruturas da nação, com a sua devida integração na grande unidade internacional e a elevação do nível cultural e material da população. Os caminhos para se alcançar esses horizontes seriam a aceleração da atividade nacional, a liberalização das iniciativas - soltas ao sabor da ação corretiva da concorrência – e a democratização entendida como a ampliação da participação política.<sup>90</sup>

Na tentativa de efetuar uma maior sintonia com estas questões, os jovens literatos do *Idéia Nova*, passaram a considerar o próprio ato de escrever um esforço rebelde tomando as referências européias e compartilhando as novas concepções científicas como verdade absoluta e única forma de salvação para a sociedade brasileira. A palavra engajamento passou a dar o tom aos seus escritos, tornando-se a condição ética do homem de letras. Passaram então a reunirem-se algumas vezes a casa de Gama Rosa, outras na modesta residência de Cruz e Sousa no recanto da Praia de Fora.

A casa do poeta tornou-se o ponto de reunião do grupo, segundo Virgílio Várzea, “os transeuntes olhavam curiosamente pasmos da algazarra incessante que os inspirados bardos faziam (...).”<sup>91</sup> Em uma outra citação desta fez de Horácio de Carvalho também integrante do grupo, afirmou que, os autores eram discípulos incorruptíveis da Escola Naturalista e “educados suficientemente, rijamente, nas proféticas teorias de Darwin, Herbert Spencer, Hartmann, Haeckel

---

<sup>88</sup> SACHET, op. cit., p.55 a 57.

<sup>89</sup> SEVCENKO, op.cit., p.78

<sup>90</sup> Op.cit., p.79.

<sup>91</sup> VARZEA, Virgílio. Apud, MONTENEGRO, op. cit. p.36.

e outros”<sup>92</sup>. No mesmo depoimento seguiu afirmando que, “conseguiram dar a nossa literatura uma face toda nova, original e evolucionista”<sup>93</sup>.

Ainda que conhecidos apenas em Desterro, e com muitas limitações, o grupo de literatos que deu origem ao *Idéia Nova*, foram também capazes de processar conhecimentos e valores, e procuraram ao seu modo efetuar uma maior sintonia com as questões de seu tempo. Porém, apesar do espírito renovador que esta produção literária trazia consigo, ela não foi suficiente para romper com “o gosto estético do pessoal da terra que ainda navegava nas águas cansadas e calmas de um romantismo cinqüentão”.<sup>94</sup>

A “*Idéia Nova*” enfrentou no meio literário local, forte reação contrária, e os jornais transformaram se em palco de disputas que iam de críticas a estética literária a ataques pessoais. Seus principais membros, Virgílio Várzea, Araújo Figueiredo e Cruz e Sousa foram os alvos principais destas críticas, e nem mesmo Gama Rosa, a quem chamavam pejorativamente de mecenas, foi poupado. “O mecenas, movimentando, eclosionando e evoluindo, não adianta idéia alguma, como quem não tem idéias, novas ou velhas, ou receia alargar-se para não dar cincadas.”<sup>95</sup>

A polêmica alimentou os sarcasmos e deu origem a pseudônimos esdrúxulos, que escondiam entre outras coisas a disputa pelo pouco espaço nas letras entre românticos e modernos. Estes últimos buscavam conquistar seu público e uma maior visibilidade. Quanto aos românticos, estes desejavam manter seu público e seu status. Já estabelecidos, gozavam de certa visibilidade garantida por uma identidade que fundia tradição, autoridade e influência, e que lhes permitiam circular por diversos ambiente e ocupar posições de prestígio. Quanto aos membros do *Idéia Nova* grupo outsiders, buscavam conquistar um espaço que lhes garantissem uma certa visibilidade capaz de projetá-los ao mesmo nível dos já estabelecidos<sup>96</sup>.

Nas críticas direcionadas ao *Idéia Nova*, eram constantes o uso de pseudônimos pejorativos. Gama Rosa era chamado de Capa Rosa, Cruz e Sousa por Cruz da Idéia, Virgilio Várzea por Varsóvia e Santos Lostada por Costada, e o grupo por sua vez era chamado de Cruzes da Idéia Nova. Um dos críticos que assinava como Piron disparava duras críticas ao grupo:

---

<sup>92</sup> Jornal do Comércio. 09 de agosto de 1885. Apud, MONTENEGRO, op.cit. p.48.

<sup>93</sup> Op.cit. Apud op.cit p.48.

<sup>94</sup> SACHET, Celestino. *A literatura catarinense*. Florianópolis. Lunardelli 1985op.cit. p.55 a 56.

<sup>95</sup>MONTENEGRO, op.cit. p44.

Os micróbios de Piron não perdoavam aos Cruzes da Idéia Nova, aos Idiotas da terra, os Ideólogos, aos Satélites do Sol presidencial, aos Pobres Meninos, as Tristes Águias condoreiras<sup>97</sup>.

O uso da palavra micróbio pode ser entendido aqui como uma possível crítica ao discurso higienista de Gama Rosa ao mesmo tempo em que denunciava a proximidade entre Gama Rosa e os jovens literatos, indicaram certa dependência destes jovens ao poder. Em um outro trecho, Piron comparou a Câmara Municipal de Desterro com a Idéia Nova:

Esta Câmara, afinal, é um mito, uma Idéia Nova, ninguém a entende, não há forma de saber-se quando se reúne, nem o que delibera.<sup>98</sup>

O uso de pseudônimos era uma estratégia utilizada por ambos os literatos. Iaponan Soares, no seu já citado trabalho, apontou para uma série deles utilizados por Cruz e Sousa. Dentre os mais conhecidos estão, Zé K., Zat, Zot, Trac e Coriolano Scevola. Virgílio Várzea utilizou-se também desse recurso, assinando muitos poemas e notas ligeiras nos jornais como Reis, Viriato Reis, Alfredo Delórm e Victor Vidigal. Soares apontou ainda para o fato de que o uso constante de pseudônimos por Várzea e Cruz e Sousa, durante o período em que o foram redatores do jornal *O Moleque*, seria um recurso para o fato de que *O Moleque* era um jornal pequeno, publicado quatro vezes por mês e com poucos recursos, tal afirmativa parece fazer sentido, levando-se em consideração as condições do jornal e da imprensa local, onde os jornais costumavam ter vida curta.

A polêmica entre os grupos em alguns momentos ultrapassou as páginas dos jornais como destacou Rosângela Miranda Cherem. Em um episódio, em que de um lado estava o jovem oficial de gabinete do presidente Gama Rosa o jovem Virgílio Várzea, que na época contava com 19 anos, e de outro, o professor de latim e primeiro escriturário do tesouro, o já quarentão Eduardo Nunes Pires. Segundo Rosângela Miranda Cherem, depois do latinista Eduardo Nunes Pires, ter

---

<sup>96</sup> NORBERT, Elias. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2000.

<sup>97</sup> MONTENEGRO, op.cit. p. 45.

sido criticado pelos jovens literatos do *Idéia Nova* por sua desatualização, no auge do entrevero, esse teria respondido com insultos, num caderno de registros de uma certa alfaiataria freqüentada por pessoas conhecidas na cidade. Ao tomar conhecimento do fato, Virgílio Várzea respondeu com um longo poema publicado nas páginas do *Regeneração*, cuja mensagem poderia ser resumida nas estrofes:

Ó idiota emproado/ Com pretensões a talento,  
Tu tens o crânio castrado./ Ó idiota emproado  
És literato atrasado/ E, poeta bolorento,  
Ó idiota emproado/ Com pretensões e talento  
(...)  
Eu não te julgo na altura/ De poderes criticar  
Por seres cavalgadura/ Eu não te julgo na altura  
Precisas de ferradura./ És da raça cavalgar  
Eu não te julgo na altura/ De poderes criticar

Alguns anos depois o fato foi registrado no Anuário Catarinense<sup>99</sup>, ainda segundo Rosângela Miranda Cherem,

apesar dos esforços para reconhecer diferenças, românticos e modernos conviviam num espaço muito próximo. Localizados ao redor ou nas adjacências da praça central onde ficavam os velhos sobrados comerciais com as poucas oficinas tipográficas, freqüentavam os mesmos modestos cafés, restaurantes e confeitarias, além das alfaiatarias e das barbearias<sup>100</sup>.

As críticas ao grupo *Idéia Nova*, levantavam uma outra questão importante; elas denunciavam a proximidade destes jovens literatos com a figura de Gama Rosa. E neste caso

---

<sup>98</sup> Op. cit. p.45.

<sup>99</sup> Anuário Catarinense, nº 1, p.54.

<sup>100</sup> CHEREM, op.cit. p.204.

específico, duas questões distintas apontadas por Cherem, e que aqui também destaco, são importantes para a análise do grupo e das trajetórias individuais de seus integrantes.

A primeira questão referisse a necessidade destes jovens de abrigarem-se sob os auspícios de um valioso padrinho. A segunda questão, diz respeito ao mérito, este por sinal estava atrelado a uma aceitação ou não, da sociedade, que era implacável em seu julgamento.

Sobre o primeiro aspecto, destacamos a figura de Gama Rosa que reproduziu em Desterro a expressão de uma prática longamente arraigada, a qual tomava possível preencher cargos públicos a partir das relações e dos critérios afetivos estabelecidos<sup>101</sup>. Sérgio Buarque de Holanda desenvolveu uma importante reflexão sobre a transposição da ordem privada a esfera pública, destacando o comportamento do homem cordial<sup>102</sup>. Seguindo este mesmo raciocínio, João Cezar de Castro Rocha em seu estudo sobre o público e o privado na cultura brasileira, trouxe a tona tal discussão, para Rocha,

O homem cordial é o precipitado de uma formação social caracterizada pela hipertrofia da esfera privada e pelo primado das relações pessoais. Neste caso, os dois fatores se associam e tornam a conduta da “coisa pública” um apêndice das disposições particulares de grupos familiares ou camadas dominantes<sup>103</sup>.

Durante o período em que Gama Rosa esteve à frente da presidência provincial, nomeou para cargos de confiança no governo alguns dos integrantes do grupo Idéia Nova. Virgílio Várzea foi seu secretário de gabinete, Santos Lostada e Cruz e Sousa foram indicados para promotores públicos no interior da Província. Lostada chegou a assumir o cargo de promotor público e se manteve nele por algum tempo.

Quanto a Cruz e Sousa, encontramos registrados entre os seus principais memorialistas, que o poeta chegou a receber indicação para promotor público em Laguna, mas foi impedido de

---

<sup>101</sup> CHEREM, op. cit. p.205.

<sup>102</sup> Sobre o homem cordial e suas manifestações na vida social ver em especial o 5º capítulo de: HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo. 26ª Edição. Companhia das Letras, 1995.

<sup>103</sup> ROCHA, João Cezar de Castro. *Literatura e Cordialidade. O público e o privado na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, 1998, p.25.

assumir o cargo diante das manifestações contrárias daquela cidade. Segundo seus biógrafos uma comissão representando os interesses daquela cidade se dirigiu ao presidente Gama Rosa contestando sua escolha, o motivo do protesto, segundo os memorialistas, não estava na questão do mérito, mais sim na cor do indicado. Se realmente chegou a receber tal indicação, ela deve ter ocorrido entre os anos de 1883/84 aproximadamente quatro anos antes da Abolição do trabalho escravo no Brasil, embora Cruz e Sousa fosse um homem livre, para aquela sociedade e naqueles anos, era inconcebível ter entre seus promotores um homem livre de cor.

Mas, diferente de Cruz e Sousa, Várzea e Lostada embora tenham enfrentado duras críticas para se manterem nos cargos, permaneceram neles enquanto Gama Rosa esteve no poder. Após sua saída foram logo demitidos, e enfrentaram um período de extrema dificuldade. Entretanto, depois de amenizadas as disputas políticas e a troca de regime político, chegaram a ocupar outros cargos no governo. Quanto a Gama Rosa, este exerceu uma prática bastante arraigada e recorrente naquela sociedade. Ainda segundo João Cezar de Castro Rocha,

o homem cordial, cujas raízes deitaram solo na freqüente instabilidade do espaço público, traço marcante da experiência histórica latino-americana, a disjunção entre o pai de família e o homem de negócios, a separação entre a casa e a rua parecia uma impertinência inaceitável (...) <sup>104</sup>.

Ao chegar em Desterro, Gama Rosa procurou com quem se relacionar, envolvido nas discussões com as questões teóricas de seu tempo, cercou-se daqueles que estavam em sintonia com suas idéias, um grupo de jovens literatos a par das novidades filosófico-literárias que aos poucos conquistaram sua confiança. Sem laços de parentescos com estes jovens, mas vivendo em um período de instabilidade política no espaço público, nomeou alguns destes jovens para cargos ligados ao seu governo. Intimamente imbricada a esta questão do apadrinhamento, encontramos uma outra referente à noção de mérito intelectual.

Na última década do Império, articulando apadrinhamento e mérito, os jornais serviram a muitos propósitos, sendo a porta de entrada e o ponto de encontro para os interesses intelectuais e

---

<sup>104</sup> ROCHA, op.cit.,p. 25.

políticos. Desse modo, através da imprensa, os escritores encontravam espaço para expor suas idéias, sobretudo a partir dos anos em que a abolição tornou-se uma importante bandeira. Entretanto, numa cidade como Desterro onde a maioria da população era analfabeta parte dela composta por cativos, livres e libertos e com uma burguesia que possuía poucos recursos, o horizonte literário não era um dos mais promissores.

As publicações daqueles anos foram efêmeras, cercadas pelas mais diversas limitações materiais e humanas. Deparando-se com este número pouco expressivo de leitores que iam pouco além dos próprios políticos e intelectuais, na luta para serem aceitos e publicados, os escritores, poetas e jornalistas tiveram muitas dificuldades para encontrar seu público<sup>105</sup>.

Para prosseguir no ofício esses intelectuais viam-se limitados quase que exclusivamente a produzir para jomais; incluindo poesias, folhetins, contos e anúncios publicitários. Dessa forma não podiam abrir mão dos empregos públicos, os quais possibilitavam tanto a garantia de sobrevivência como o sossego para viabilizar sua produção literária.

A trajetória dos membros do grupo *Idéia Nova* estava intimamente ligada à questão do exercício intelectual e da ocupação dos cargos públicos. Observando mais atentamente este grupo, do qual fazia parte Cruz e Sousa, buscamos compreender melhor, as conseqüências que este apadrinhamento representou para cada um dos membros. Decidimos então, traçar um breve resumo dos principais fatos que marcaram a trajetória de vida de cada um dos membros do *Idéia Nova*. Começamos nossa análise por Santos Lostada.

Com poucos recursos para cursar uma escola secundária, procurou garantir sua sobrevivência através do comércio urbano trabalhando como caixeiro na casa de comercio de Marciano de Carvalho. A atividade de caixeiro de casa comercial era proibida pelas posturas a cativos, era exercida por brancos pobres e por homens livres de cor, como foi o caso de Cruz e Sousa, que chegou também a exercer esta atividade, e sobre o qual falaremos posteriormente.

---

<sup>105</sup> CHEREM, op.cit., p. 208.

Lostada chegou a participar de pequenos grupos teatrais e dos sarais literários. Muitas de suas poesias foram publicadas em revistas e jornais, dentre este o Regeneração. Em 1883, passou a escrever no semanário O Caixeiro. Logo após, Gama Rosa assumir o poder, foi seu oficial de gabinete, mais tarde foi indicado para o cargo de promotor público em Itajaí, além de contador e membro do juízo municipal de órfãos da capital.

Nem todos concordavam com as nomeações para tais cargos, entretanto, este era um critério socialmente reconhecido e válido. Porém, tais indicações não passaram por desapercibida entre seus desafetos e opositores.

O jornal Despertador, de 1º de Outubro de 1884, ligado ao Partido Conservador, não poupou duras críticas Lostada, questionando principalmente seu mérito.

Onde está o mérito? Na honradez de um caixeiro que, pela sua inteligência e estima conquistou um lugar de confiança como a nomeação de promotor público, ou naqueles magistrados que, por serem prevaricadores, desobedientes e anárquicos, vão, como tais, ser responsabilizados perante os tribunais?<sup>106</sup>

Por sua vez, Lostada rebateu as críticas dizendo que não haveria conseguido sair do balcão da venda do cidadão Marciano de Carvalho para ir ocupar cargos de certa representação, se não houvesse mérito para isso.

Contudo, ao assumir o novo presidente provincial, Francisco José da Rocha, Lostada foi logo demitido de suas funções públicas. Amigos e parceiros do jornal Regeneração manifestam sua solidariedade publicando um pequeno texto no dia 1º de fevereiro de 1886, dizendo,

O nosso jovem amigo Manoel dos Santos Lostada, ex-promotor público da comarca de Itajaí, foi recentemente mais uma vítima da desbragada reação do Sr. Rocha. Moço de uma inteligência a toda prova, com alguma prática já do Fôro, sem paixão política, foi à sanha do Sr. Rocha, injustamente demitido<sup>107</sup>.

---

<sup>106</sup> Jornal Despertador. Apud, CHEREM, op.cit.,p.221.

<sup>107</sup> CHEREM op.cit. p.221.

Com a chegada da República Santos Lostada engajou-se na causa do Partido Republicano Catarinense. Com o novo regime procurou manter as amizades com políticos de diferentes posições. Junto com Araújo Figueiredo, Lostada acompanhou os últimos passos de Cruz e Sousa. Através de correspondências manteve um contato freqüente com Cruz, solidarizando-se com sua difícil situação. Em março de 1898, quando soube que aquele poeta buscava restabelecer-se em Minas Gerais, pediu auxílio através do jornal República. E logo em seguida, quando soube de sua morte, fez publicar a relação com as 35 assinaturas dos que haviam contribuído.<sup>108</sup>

Em 1915, o remanescente do Grupo Idéia Nova passou a fazer parte da direção da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. E preservando o elo afetivo com os amigos da mocidade, admirador da estética realista, 30 anos depois do convívio com Gama Rosa, continuava afirmando que o romantismo, tanto quanto a fome, era um veneno que corrompia a alma humana.<sup>109</sup>

Um outro membro importante deste grupo foi Araújo Figueiredo. Aprendiz de tipógrafo no jornal de Duarte Schutel desde os 15 anos, Figueiredo publicou seus versos no jornal Regeneração. Escreveu também no jornal Abolicionista, Jornal do Comercio, Tribuna Popular e O Estado. Após vivenciar juntamente com Cruz e Sousa as dificuldades de viver do ofício de jornalista em Desterro, parte para o Rio de Janeiro, onde através do conterrâneo Oscar Rosas, conheceu Olavo Bilac, Raul Pompéia e Emiliano Perneta. Na capital do Império escreveu em jornais como Tempo e Novidades, os quais já contavam com a colaboração de Cruz e Sousa e Virgílio Várzea, e também no Diário de Notícias, na Folha Popular e na Cidade do Rio de propriedade de José do Patrocínio.

Não diferindo muito de seus colegas, Araújo Figueiredo viveu uma vida marcada por muitas dificuldades. Chegou a exercer cargo de Promotor Público em Tubarão cidade ao Sul do Estado de Santa Catarina indicado pelo republicano Gustavo Richard. Entretanto, às disputas políticas levaram-no a fugir muitas vezes, numa destas ocasiões, viu-se obrigado a fugir com a esposa ardendo em febre, vestido de mendigo. Naqueles anos marcados pelas perseguições políticas de teve seu amigo e companheiro de militância, o juiz Joaquim Lopes de Oliveira, fuzilado a mando de Moreira César.<sup>110</sup>

---

<sup>108</sup> Op.cit. p. 221.

<sup>109</sup> NEVES, Gustavo. Santos Lostada, p. 70.

<sup>110</sup> CHEREM, op.cit., p.225.

Em busca de melhores condições de vida partiu para São Paulo onde passou por Santos, Campinas, Itu, seguindo mais tarde Rio de Janeiro. Depois de estabelecida certa normalidade na política local, Figueiredo passou a viver sob o credo kardecista, assistindo enfermos e fazendo de sua casa um abrigo para os infortunados. Desenvolveu a mediunidade e passou a prescrever remédios homeopáticos. Nos anos 20 chegou a Academia Catarinense de Letras em suas obras predominaram as preocupações espirituais, místicas e as angústias e inquietações. Desde jovem, Cruz e Sousa chamava-o de querido companheiro e excelso poeta<sup>111</sup>.

Com relação à produção literária de Araújo Figueiredo, além de algumas poesias esparsas e colaboração em diversos jornais, foram publicados Madrigais em 1888 e Ascetério em 1904. Em 1966, numa edição intitulada Poesias, foram incluídas além daquelas duas obras outras como: Praias de Minha Terra, Novenas de Maio, Filhos e Netos e Versos Antigos. A análise conjunta dos poemas desta publicação póstuma indicou uma grande simpatia pelas pessoas simples como mães, lavadeiras, pescadores, náufragos, rendeiras, moças da praia, amigos e familiares. Para Rosângela Miranda Cherem os personagens de Araújo Figueiredo parecem,

Testemunhar e traduzir parte dos destinos do corpo e da alma, aventuras, lembranças, amores, perdas e revezes, enfim, espaços que a República não tocara. Assim, se a vida era apenas sofrimento, morte e mistério, a poesia era uma espécie de abrigo e consolo. Apontando o papel do poeta num tempo adverso e o papel da poesia numa Sociedade que parecia ainda não ter achado suas referências.<sup>112</sup>

Outro nome que pode nos ajudar a compreender a trajetória desta geração de literatos foi Virgílio Várzea. Filho de marujo, aos 13 anos iniciou seus estudos na Escola Naval do Rio de Janeiro, interrompendo-os para viajar pelo mundo afora como marinheiro. Na volta dessas viagens, permaneceu algum tempo do Rio de Janeiro trabalhando na papelaria e tipografia do conhecido republicano Esteves Júnior onde iniciou-se nos ideais anti-monárquicos.

Como indicamos anteriormente, Virgílio Várzea foi amigo de Cruz e Sousa desde o tempo do Ateneu Provincial, com quem participou de atividades teatrais. Anos mais tarde, integrou a

---

<sup>111</sup> CHEREM, op. cit., p.225.

<sup>112</sup> Op. cit, p.226.

equipe de redatores do jornal *Tribuna Popular*, com Cruz e Sousa, parceria que prosseguiu depois nas páginas do *Regeneração* ao lado de Araújo Figueiredo.

Em 1884, Gama Rosa tomou conhecimento de seu trabalho através da leitura de um soneto intitulado *Transformismo*, na seção literária do *Despertador*. Rosa ficou surpreso com o fato de que naquele meio estreito e atrasado, como era então a capital da província, houvesse um jovem que lia Darwin e o interpretava.<sup>113</sup> Estabelecida esta aproximação entre o grupo e Gama Rosa, Várzea foi em seguida nomeado para oficial de gabinete, e mais tarde, ocupou o cargo de Promotor Público na cidade de São José. Entretanto, com a saída de Gama Rosa da presidência da Província, Várzea foi logo demitido do cargo de promotor, como indicou uma nota publicada no jornal *O Moleque*:

O promotor público de São José, foi demittido por gosto do presidente da Província e por empenho do Sr. Moreira que encarregou-se de soprar ao ouvido de Ex. todo o mal que elle poder fazemos: Felizmente Virgílio Várzea não precisa de uma promotoria para viver, (...) dos Paranaguas do mundo, para limpar.... a sua penna de escriptor. E tanto é assim que elle desde há muito esperava por isso, visto um tal adulador Abreu anda apregoando, por ahi, que elle tomasse cuidado com uma demissão<sup>114</sup>.

A instabilidade do espaço público levava a uma constante substituição destes representantes em seus cargos, muitas vezes tais substituições foram motivadas por desafetos ou disputas políticas. Demitido do cargo, Várzea voltou-se à atividade nos jornais. Na oficina tipográfica do jornal *Regeneração*, escreveu e publicou juntamente com Cruz e Sousa, *Tropos e Fantasias*, pequeno livro de poesias publicado em 1885 e dedicando-o a Santos Lostada, Luiz Delfino e Oscar Rosas.

Uma nota publicada na primeira página do jornal *O Moleque*, indicava sua nova colocação: “Assumi hoje a redação deste periódico, o luminoso escriptor e poeta Virgílio Várzea.”<sup>115</sup> Substituindo Othon Gama D’êça, Várzea assumiu o cargo de redator do jornal, sendo substituído

---

<sup>113</sup> SACHET, Celestino. *A literatura catarinense*. Florianópolis. Lunardelli 1985. Apud, CHEREM, p.221.

<sup>114</sup> Jornal *O Moleque* 02 de março de 1885, p.02.

<sup>115</sup> Jornal *O moleque* 09 de março de 1885, p.01.

mais tarde por Cruz e Sousa. Neste mesmo jornal, publicou um pequeno poema intitulado “Poema Realista”:

Poema Realista  
O dia que elle chegou,  
Pela forma do semblante,  
Todo o povo calculou  
Um presidente pedante;  
Um sujeito sem talento,  
Só cheio de prettencção,  
Que veio aqui tomar tento  
E passa por figurão;  
Uma nullidade, enfim,  
Espartilhada e faceira,  
Que veio fazer carreira,  
Sendo uma cousa Chimfrim,

O poema indicava uma clara oposição de Várzea, que põem em dúvida a capacidade do novo presidente José Lustosa da Cunha Paranaguá, que assumia o cargo temporariamente. Para o poeta o novo presidente não passava de um sujeito pedante, sem talentos, sem pretensões, uma nulidade um carreirista. Os ataques ao presidente provincial não se limitavam apenas a por em dúvida a sua capacidade administrativa, algumas vezes assumia um tom de provocação e deboche, o Moleque publicou durante semanas a seguinte nota: “O Sr. Presidente Paranaguá continua devendo as assignaturas do mezes de janeiro e fevereiro”.

Nos últimos quatro anos do Império até 1891, encontramos Virgílio Várzea ocupando o cargo de secretário da capitania dos portos de Desterro. Em uma nora publicada Por Cruz e Sousa no jornal O Moleque na coluna *Júbilos*, Cruz cumprimentou o colega por sua nova nomeação: “(...) foi nomeado secretário da Capitania do Porto, o nosso distincto collega, chefe de redação, Virgílio Várzea, o brilhantíssimo talento,(...)”.<sup>116</sup>

Porém, com a mudança do regime, Várzea foi novamente demitido pelo almirante Wandenkolk a pedido do presidente estadual Lauro Müller. O motivo da demissão foi atribuído aos artigos com críticas a administração local, que Virgílio Várzea assinou na “Tribuna Popular escritos

---

<sup>116</sup> Op. cit., 17 de março de 1885, p.02.

entre os anos de 1884 e 1892.”<sup>117</sup> A folha abrigou os jovens do grupo Idéia Nova por longo tempo. Sendo inicialmente abolicionista, com a República a mesma folha tornou-se federalista e atacou impiedosamente o Governo de Lauro Müller.

Várzea chegou a ser eleito deputado estadual pelo Partido *União Federalista* no Governo do Tenente Machado opositor de Lauro Muller. Depois de cumprir seu mandato, voltou a residir no Rio de Janeiro justamente no período em que Cruz e Sousa também residia na Capital carioca. Várzea tornou-se professor de Português e de Literatura, atuando na imprensa, onde deflagrou luta contra o romantismo.<sup>118</sup> Colaborou no Diário Mercantil de São Paulo, dirigido pelo jornalista português Eduardo Salomonde, que escolheu o colega catarinense como correspondente na capital da República.<sup>119</sup>

Escreveu para os principais jornais cariocas dentre eles Crônicas do Rio, Cidade do Rio, Gazeta de Notícias, O País, Jornal do Comércio, Correio da Manhã além de Diário de Notícias e A Imprensa, ambos de Rui Barbosa.<sup>120</sup> Exerceu o cargo de inspetor escolar do Distrito Federal até se aposentar. Foi também membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina em 1913 e da Academia Catarinense de Letras em 1921.

Suas obras têm como cenário o mar e seus personagens, o folclore, às festas religiosas, à vida simples dos tipos humildes que habitaram a mesma cidade em que nasceu e cresceu. Em 1900 publicou o livro - Santa Catarina - A Ilha, retratando a vida rústica dos pescadores e demais habitantes. Entretanto, foi durante este período Várzea demonstrou em suas obras todo o descrédito proporcionado pela República. Podemos perceber sua decepção como o novo regime no romance intitulado George Marcial, publicado em 1901. Nele Várzea não poupou críticas a antiga e a nova elite do país.

(...) Iguamente no teatro, viu uma gente sem refinamento, barulhenta e espalhafatosa:

a semelhança de caricaturas de todas as espécies, comendadores, empregados públicos, deputados, homens da bolsa, obesos negociantes de molhados e outros, rodeados das respectivas famílias, perfilavam-se, alguns com o rosto cheio de sono, os olhos cansados

---

<sup>117</sup> Anuário Catarinense nº 6, p. 119 à 122. Apud. CHEREM, op. cit., p.228.

<sup>118</sup> SACHET, Celestino. Op. cit., p. 63.

<sup>119</sup> Anuário Catarinense nº 6 p. 119 à 122.

<sup>120</sup> Op. cit., nº 4, p. 66 e 67.

pela intensidade dos bicos de gaz, que lhes esbrazeavam a pele reluzente de suor (...) na arquibancada eram centenas de estudantes, vadios da cidade, operários, polícias secretas, mulatos, crioulos, meninos vagabundos.<sup>121</sup>

Segundo Alfredo Bosi, durante o período da campanha abolicionista e republicana até as agitações dos primeiros anos no novo regime, os intelectuais brasileiros conheceram amplamente o uso da palavra como instrumento de ação.<sup>122</sup> No entanto, o esvaziamento das causas defendidas, seguida da decepção com o novo regime, fez com quem os literatos do Idéia Nova, voltassem para uma literatura com temas regionais. Esta pareceu-nos a escolha feita por alguns dos membros do grupo, excetuando Cruz e Sousa. Seguindo este raciocínio podemos perceber nos últimos anos de Várzea, certo desencanto e conformismo com o novo regime.

Através de alguns aspectos da trajetória de Santos Lostada, Araújo Figueiredo e Virgílio Várzea foi possível observarmos que, a estética realista e o desejo de atualização, rompendo com a estética da geração que os antecedeu, definiu localmente um grupo de intelectuais que ambicionaram revolucionar a produção literária local. A causa abolicionista lhes reforçou a identidade enquanto integrantes do grupo Idéia Nova. Mas, após a proclamação ocorreu uma espécie de ampliação da temática civilizatória, expondo um dilema frente aos desgastes do Império e os desapontamentos republicanos.

Segundo Rosangela Cherem, a partir desde momento, os intelectuais passaram a se relacionar de modo mais heterogêneo, expressando as diversidades e singularidades, tanto através de suas obras, como também através de suas práticas e engajamentos, e continua:

Provenientes de famílias modestas e sem lastro político que lhes pudesse garantir proteção e estabilidade, aqueles intelectuais buscaram no convívio com o Estado um meio de proteção e obtenção de favores, vinculando-se a correntes políticas e ocupando os diversos cargos daí decorrentes ou possíveis de serem ocupados<sup>123</sup>.

---

<sup>121</sup> VÁRZEA. Apud. CHEREM, op.cit.,p. 228.

<sup>122</sup> BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura brasileira*. São Paulo Cutrix,1998. p.255.

<sup>123</sup> CHEREM, op.cit., p.228.

Para concluirmos a análise deste tópico, destacamos a trajetória de um dos mais importantes integrantes do grupo Idéia Nova, aquele que talvez melhor exprimiu as agruras e contradições deste período, o poeta Cruz e Sousa.

Filho de ex-escravos nasceu livre, abolicionista e poeta simbolista, antes de fixar-se definitivamente no Rio de Janeiro, Cruz viveu um longo período na cidade onde nasceu Desterro. Chegou a trabalhar como caixeiro-cobrador e balconista na casa comercial do Sr. Camilo, comerciante de origem lusa que importava carne de Montevidéu. A atividade de caixeiro-cobrador era permitida a homens livres de cor e proibida a cativos, segunda as póstumias municipais de Desterro. Sobre a forma como se portava e se vestia, Virgílio Várzea traçou um interessante retrato de Cruz e Sousa,

possuía um talhe ESPIÈGLE e elegante, muito preocupado com sua pessoa, (...) Tinha uns dentes belíssimos e alvos, fazendo quando sorria, uma pequenina lua de opala, a sua boca um negro-escarlate, onde bailava uma ironia casquilhante perene. Era um crioulo de compleição magra e estatura meã. Não obstante, tinha o rosto oval, de traços delicados e de um conjunto atraente e simpático. Nos seus olhos, grandes e bonitos, havia um forte brilho intelectual e uma vaga expressão de tristeza e humildade .<sup>124</sup>

Paulo Leminski traçou uma rápida descrição do poeta a partir das suas vestimentas. “Cruz vestia-se como um Dandy<sup>125</sup>, fantasista e caprichoso em suas roupas africanamente escandalosas”, seu raciocínio baseia-se em um depoimento de Araújo Figueiredo, onde relatou que o poeta “vestia uma vistosa indumentária: terno justo, cor clara, salpicos azuis e amarelos, tudo coroadado por berrante rosa na lapela, a bengala de junco, dependurada no braço esquerdo.”<sup>126</sup> As extravagâncias apontadas por Leminski estavam muito mais relacionadas à própria estética escolhida pelo poeta do que propriamente relacionada a questão de uma possível identidade “africanamente escandalosa”.

---

<sup>124</sup> MONTENEGRO, op.cit. p.36.

<sup>125</sup> Dandy, expressão muito presente na Literatura do século XIX. Machado de Assis utiliza o termo em *Dom Casmuro* para caracterizar um de seus principais personagens masculinos ao qual o caracterizou como um almofadinha. Ver também Baudelarie, Charles em *Lés Fleur du Mal*, trata da melancolia sentida em um momento em que a capital francesa era remodelada. O Dandy percorria as ruas da cidade com ar blasé vestimenta cuidadosamente desalinhada seus textos, poemas e sonetos trazia o traço das mudanças ocorridas no final do século XIX.

<sup>126</sup> LEMINSKI, Paulo. *Cruz e Sousa. O negro branco*. São Paulo. Editora brasiliense, 1983.p.31.

Neste período, ainda residindo em Desterro, Cruz e Sousa já vinha aproximando-se da estética simbolista trajando-se de forma chocante.

Em seu trabalho já citado, Henrique Albuquerque destacou a observação de Paulo Barreto, mais conhecido como João do Rio, que anotou a “estranheza que causava não apenas o comportamento dândi de Cruz e Sousa, mas o fato de ser um negro a se comportar assim”.<sup>127</sup> Vale lembrar que, Cruz partiu para o Rio de Janeiro no mesmo ano em que foi decretada a Abolição, porém, os anos que se seguiram após ser decretado o fim do trabalho escravo foram marcados por fortalecimento do discurso racial que contribuiu para um recrudescimento das relações raciais, dificultando a integração do negro na sociedade, sobre este aspecto e de sua passagem pela Capital Federal trataremos mais a diante. Ainda segundo Albuquerque,

o Brasil tinha acabado de abolir a escravidão, mas a distancia hierárquica mental que ainda separava negros e brancos continuava a mesma. Cruz e Sousa nasceu escravo, mas foi criado por um militar, que influenciado pelo positivismo, alforriou todos os seus escravos, entre os quais o menino Cruz e Sousa após a Guerra do Paraguai. Tinha sido educado como um garoto de elite<sup>128</sup>.

Primeiramente, se faz necessárias algumas ressalvas a afirmativa de Albuquerque, a mais importante delas diz respeito à condição do poeta.

Cruz e Sousa não era nem nunca foi escravo, nasceu de mãe liberta<sup>129</sup>, portanto era um homem livre de cor, categoria importante para compreendermos sua postura em Desterro ou na rua do Ouvidor. Cruz tinha plena consciência de sua condição de homem livre e letrado, cresceu circulando entre os membros da elite local, chegou a estudar em escola particular, como vimos anteriormente, a sua postura era de enfrentamento, expressada na escolha consciente de estetizar a vida, e não de submissão.

---

<sup>127</sup> ALBUQUERQUE, op. cit., p.118.

<sup>128</sup> Op. cit., op. cit, p.119.

<sup>129</sup> Em pesquisas realizadas na Cúria Metropolitana de Florianópolis encontramos o registro de batismo de Cruz e Sousa, onde consta que este teria nascido de mãe liberta. Andrade Muricy em seu Panorama do Simbolismo Brasileiro obra já referenciada nesta pesquisa indica na página 150 cópia do registro de batismo do poeta.

Outro fato importante a ser destacado é fato de que Cruz e Sousa não foi criado pelo militar Guilherme Xavier de Sousa, e sim por Guilherme de Sousa um ex-escravo que tinham como ofício à atividade de mestre pedreiro e que procurou ao longo de sua vida construir uma rede de relações de solidariedade e de sociabilidade que envolvia cativos, libertos, livres e ex-senhores, e que permitiram a ele mover-se em uma sociedade extremamente hierarquizada a procura de melhores condições de vida para a sua família.

Com relação às alforrias concedidas por Marechal Guilherme a seus cativos, Albuquerque baseou-se nos registros de memorialistas e biógrafos de Cruz e Sousa, que ao destacarem o fato não deixaram claro quais as documentações utilizadas para construir tal afirmativa. Vale ainda lembrarmos que, em muitos destes trabalhos à preocupação está em estabelecer uma visão predominantemente cronologia e factual destacando-se os feitos e seus heróis, Marechal Guilherme foi o principal representante da Província de Santa Catarina na Guerra do Paraguai retomando ferido e muito doente veio a falecer alguns depois, e por este motivo foi recebido como grande herói ao final da guerra.

Quanto a sua trajetória em Desterro, concluído o curso de humanidades, no Ateneu Provincial, Cruz e Sousa passou a dar aulas particulares, ensinando as primeiras letras à noite ganhando alguns poucos trocados insuficientes para a sua sobrevivência. Foi neste período que o poeta conheceu Pêdra Antioquia o seu primeiro grande amor. Pêdra nasceu livre e com 15 anos trabalhava na casa do professor Antilóquio Nunes Pires, o namoro seguiu e tempos depois o noivado<sup>130</sup>.

Com o compromisso Cruz e Sousa passou a se preocupar em definir seu futuro, além das aulas particulares passou a buscar uma ocupação nos jornais locais, onde publicou alguns poemas entre eles um intitulado “Amor” e dedicado a Pedra, segue um trecho abaixo:

Amor, meu anjo, é sagrada chama  
Que o peito inflama na voraz paixão,  
Amo-te muito eu t'ó juro ainda  
Deidade linda que não tem senão!

Virgem formosa d'encantos bela,

---

<sup>130</sup> SOARES, Iaponan. *Ao redor de Cruz e Sousa*. Florianópolis: Editora Da UFSC, 1988, p.22 a 23.

Gentil donzela, meu amor é teu.  
Vou consagrar-te mil afetos tantos  
Puros e santos qual também Romeu!<sup>131</sup>

No poema podemos perceber traços de um romantismo renitente, presente na idealização de um amor puro, sagrado, ao mesmo tempo, aparece a figura da mulher idealizada, donzela. Dentre os jornais em que trabalhou como colaborador estão o *Regeneração*, de propriedade do médico Duarte Paranhos Schutel, segundo seus principais memorialistas, Cruz e Sousa manteve durante muitos anos uma relação de respeito por Duarte Schutel, a quem entregou seus primeiros escritos para correção.

O Tribuna Popular, folha abolicionista de propriedade de João José Ferreira da Silva, foi outro jornal que contou com a presença do poeta entre seus colaboradores, trabalho pelo qual nada recebia, “fazia em nome da grande causa” como afirmou o poeta em carta a Germano Wendhause. Em 1881 fundou com seus poucos recursos e na companhia de Virgílio Várzea, um pequeno jornal literário chamado Colombo. Praticamente todo escrito à mão, o jornal teve curta duração aproximadamente 4 meses. Numa passagem pelos jornais da época, encontramos muitos poemas de Cruz e Sousa, parte destes reunidos em suas Obras Completas. Porém, mesmo gozando de certo reconhecido local, este fato não suficiente para garantir sua sobrevivência.

Nos anos de 1883 e 1884, período em que esteve em contato com Gama Rosa, chegou a ser indicado por este para ocupar o cargo de promotor público em Laguna, como mencionamos anteriormente. Após este período mais precisamente em maio de 1885 aceitou o convite de Virgílio Várzea, para assumir a redação de *O Moleque*, as circunstâncias de origem do jornal foram mencionadas no capítulo anterior.

Entretanto, se faz importante destacar o engajamento da folha na defesa da causa abolicionista. Em uma nota publicada na coluna Piparotes do *O Moleque*, Cruz e Sousa destacava a entrega de 28 cartas de liberdade através do fundo de emancipação:

---

<sup>131</sup> SOUSA, Cruz e. Apud, SOARES, Japonan. op. cit., p. 23.

No dia 7, a uma hora da tarde, houve no Palácio a entrega de 28 cartas de liberdade, pela caixa-fundo de emancipação provincial.

Foram distribuídas pelo Dr. Chefe de Polícia que dêo fulgôres ao acto, proferindo um bonito discurso aos libertados.

É agora a occasião de felicitar a Província e pedir-lhe em nome da liberdade que tem vivido a chorar a sombra do anachronismo escravocrata, toda a sympathia todo o amor, todo o carinho pela redempção da desgraçada raça dos tristes. Vinte e oito cartas de Liberdade são vinte e oito bênçãos de consolo, de purificação moral (...).

Mais um passo para a igualdade dos direitos, para a comunhão das almas.

Obrigado pelos libertados do dia 7.

Trac<sup>132</sup>.

Cruz chamava a atenção para o anacronismo, existente entre a permanência da escravidão ao lado de um discurso de modernização por parte da elite local. O fim do trabalho escravo representava o primeiro passo para a igualdade dos direitos.

Nem mesmo os clubes abolicionistas foram poupados de críticas, sobre a atuação destes, Cruz e Sousa publicou a seguinte nota:

(...) Os Clubs abolicionistas por aqui são assim um tanto cometas:  
Apparecem e ... somem como appareceram e a respeito de fazer alguma cousa de novo, relativo a abolição: quem disse ...  
Patranhas, homens, patranhas, e tem-se dito tudo.  
Deus o crie para o bem.  
E ... tome lá uma figa para livrar de feitiços.  
Pois é, não é?! (...)<sup>133</sup>

A nota condenava as atuações oportunistas e o pouco empenho destes clubes na libertação dos cativos. Suas efêmeras existências apontavam talvez para uma falta de coerência entre o ideal e a ação prática, fazendo com que diante do primeiro obstáculo esmorecessem e deixassem de existir.

---

<sup>132</sup> Op.cit., 05 de julho de 1885, p.02.

<sup>133</sup> Jornal O Moleque, 27 de agosto de 1885, p.03.

No entanto, O Moleque não contava com as graças e simpatia da alta sociedade de Desterro. Era ignorado e seus colaboradores não recebiam convites para as festas mais importantes. No dia 14 de julho de 1885, data em que a colônia francesa comemorava com um banquete o aniversário da queda da Bastilha no Grande Hotel, O Moleque não foi convidado para o evento, Cruz saiu em defesa do jornal publicando uma nota de repúdio:

O Moleque não é o esfolo cara das ruas, na frase se Valentim Magalhães, nem o abocanhador peralta e atrevido que salta à noite os muros altos para lançar a prostituição no seio das famílias, não é o garoto das praças públicas, o Gamin das latrinas sociais, o tartufo encasacado e enluvado que arrasta a sua imbecilidade cómea pelos clubes, pelos teatros, pelas reuniões, pelos passeios. É um jornal moço, moço quer dizer nervoso, moço quer dizer sangüíneo, cheio de pulso forte, vibrante, evolucionista, adiantado<sup>134</sup>.

Podemos perceber nas palavras de Cruz e Sousa a tentativa de conquistar seu espaço através da diferenciação, procurando criar uma identidade própria para o jornal, sintonizada com a causa evolucionista e moderna, ao mesmo tempo tentando imprimir ao jornal uma imagem de respeito e seriedade.

Um outro fato marcou sua passagem pela redação de O Moleque. Em um jantar de comemoração do aniversário do Clube 12 de Agosto, local onde se reúnem os abastados da cidade, e que contou com todos os representantes da imprensa local, o clube não o convidou para a festa o redator da pequena folha. Revidando aquilo que Cruz e Sousa considerou uma afronta, publicou a seguinte nota:

Uma vez que O Moleque não é um trapo sujo do monturo, um caráter enluvado com sífilis moral por dentro, um pasquim ordinário e safado, um bêbado de todas as esquinas ou um leproso de todas as lamas, havia obrigação....de ser O Moleque considerado como gente... Se não se distribuiu convite para O Moleque porque o seu redator-chefe é um crioulo, é preciso saber-se que esse crioulo não é um imbecil.<sup>135</sup>

---

<sup>134</sup> Jornal O Moleque, 19 de julho de 1885, p.02.

<sup>135</sup> Jornal O Moleque. Apud. MONTENEGRO, op.cit., p.48.

Para Cruz e Sousa, o motivo que levava o jornal ser constantemente ignorado residia no fato deste possuir como redator, nas palavras do próprio poeta, “um crioulo.” Embora possuísse mérito para ocupar o cargo de redator, naquela sociedade oitocentista e escravocrata a questão da cor tomou-se o principal fator que impedia Cruz de ascender socialmente. Mesmo possuindo méritos, mesmo contando com algum reconhecimento local, pois como vimos seus poemas foram publicados na maioria dos jornais locais, e tendo em seu círculo de relações pessoais nomes como Gama Rosa, Duarte Schutel e Germano Wendhausen, isto não foi suficiente para garantir sua entrada e permanência naquela sociedade. Suas tentativas de alargamento das possibilidades de ascensão social eram bloqueadas.

Tentando conciliar a atividade de jornalista com a de poeta, Cruz e Sousa publicava em 1885 Tropos e Fantasias, seu primeiro livro, escrito em parceria de Virgílio Várzea. O jornal do Comércio de 14 de julho de 1885 registrava a publicação na seguinte nota: “Tropos e Fantasias, título de um interessante livrinho de nossos inteligentes conterrâneos Srs. Cruz e Sousa e Virgilio Várzea, editado na Tipografia do Regeneração”<sup>136</sup>. A pequena obra trazia composições polêmicas, seu engajamento na causa abolicionista também se fez presente através de poemas como O Padre:

Um padre escravocrata!... Horror!  
Um padre o apóstolo da igreja,  
Que deveria ser o arrimo dos  
Que sofrem, o sacrário da bondade,  
O amparo da inocência, o Atleta civilizador da Cruz, a  
cornucópia  
Do amor, das bênçãos immaculada, o reflexo do Christo...(...)  
Fazer da igreja uma senzala, dos dogmas sacros leis de  
impiedade, da estola um vergalho, do missal um prostíbulo.  
(...)<sup>137</sup>

Podemos identificar não apenas a condenação ao trabalho escravo, mas um sentimento anticlerical presente em Cruz e Sousa. Este sentimento apontava para uma contradição flagrante, entre os princípios da fé cristã, na qual a sociedade brasileira

---

<sup>136</sup> MONTENEGRO, Abelardo. Op.cit., p 48.

professava desde os tempos de sua colonização luso-católica, e a realidade da escravidão.

O poema dedicado ao amigo João Lopes, proprietário do periódico abolicionista *Tribuna Popular*, dirigia duras críticas aos padres que possuíam escravos, apontados pelo poeta como aqueles que deveriam ser, o sacrário da bondade e o arrimo dos que sofrem.

Entretanto, a questão parece ser mais complexa. Hebe de Mattos em seu estudo sobre escravidão e cidadania no Brasil monárquico, apontou para o fato de que:

(...) as diversas sociedades do chamado Antigo Regime, bem como o cristianismo católico ou protestante, de uma maneira geral, com exceção de alguns grupos protestantes específicos – como os quackers – não tinham maiores problemas teóricos ou morais com a escravidão africana, que permitiria aos bárbaros, oriundos deste continente, conhecerem a verdadeira religião. No entanto, acreditavam na igualdade de todos perante o Criador<sup>137</sup>.

Cabe notarmos que, a sociedade de Desterro profundamente marcada pela estratificação social e pelas relações de dependência, era formada por cativos, libertos e livres, possuía em seus quadros administrativos lusos e seus descendentes que compartilhavam ainda das tradições e costumes das sociedades do chamado Antigo Regime, ou seja, uma sociedade católica, hierarquizada, onde não se obtinha o reconhecimento sem submissão e obediência à hierarquia existente.

Ainda segundo Mattos, a contínua expansão e transformação da sociedade portuguesa, criou uma série de subdivisões e classificações que não se limitaram ao território europeu,

mas se ramificou por um vasto Império, que se expandia em nome da propagação da fé católica. Nesse processo de

---

<sup>137</sup> VÁRZEA, Virgílio & SOUSA, Cruz. *Tropos e Fantasias*. Florianópolis. Fundação Casa de Rui Barbosa. Edição, 1988. p.56.

<sup>138</sup> MATTOS, Hebe Maria. *Escravidão e cidadania no Brasil Monárquico*. Rio de Janeiro: Zahar 2000, p.11.

contato com outros povos desenvolveram-se concepções jurídicas próprias para a incorporação dos novos elementos convertidos ao catolicismo e assim integrados ao corpo do Império<sup>139</sup>.

No trecho final do mesmo poema, podemos perceber uma mudança na tônica da crítica:

O interesse egoísta de um individuo, não pode prevalecer sobre o interesse colectivo de uma nação, disse-o um moço de alevantado talento, Arthur Rocha.  
Não é com a emphase dogmática do didatismo ou com a phraseologia tecnologia das cinzeladas folhetins de Theophilo Gautier que o trabalho da abolição se fará.  
Mas com a palavra educada, vibrante, essa palavra que fulmina – profunda, nova, salutar como as theorias de Darwin<sup>140</sup>.

Neste segundo trecho, Cruz condenava os interesses individuais em nome de um interesse coletivo. Condenava os discursos vazios, que poderiam por em risco o processo de emancipação ou levar a uma banalização da questão do fim do trabalho escravo. Cruz apostou no poder das palavras e de uma solução racional para o impasse que se evidenciou, na contradição entre o desejo de criação de uma sociedade moderna, liberal e progressista e a permanência do trabalho escravo legitimado.

Em O Abolicionismo, artigo de autoria de Cruz e Sousa, publicado no jornal Regeneração, as referências aos ideais liberais e democráticos os quais Cruz e Sousa acreditava e compartilhava, estão mais evidentes e apontavam para uma questão ainda mais importante, o destino da população cativa após a Abolição:

---

<sup>139</sup> Sociedades que legitimavam e naturalizavam as desigualdades e hierarquias sociais, seu ordenamento jurídico estava baseado em relações costumeiras de poder, sociedade pensada como corpo articulado, naturalmente ordenado e hierarquizado por vontade divina. MATTOS, Hebe Maria. In. FRAGOSO, João. O Antigo regime nos trópicos. A dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p.114.

<sup>140</sup> VÁRZEA, Virgílio. & SOUSA, Cruz. Op. cit., p.56.

#### O Abolicionismo

A ação que o Abolicionismo tem tomado nesta capital é profundamente significativa. Nem podia ser menos franca e menos sincera a adesão de todos a esta idéia soberana, à vista dos protestos da razão humana, do patriotismo e do caráter nacional ante tão bárbara e absurda instituição – a do escravismo. (...).<sup>141</sup>

Neste primeiro trecho, Cruz e Sousa buscava na razão humana argumentos para combater a barbárie que a escravidão representava, bem como a condenação moral e o atraso que a mesma condenava o país. Valores como patriotismo e caráter, demonstram a preocupação com a formação de um sentimento de unidade, indicando a inexistência de um povo ou de uma população homogênea, e segue o poema:

(...) Porque é preciso saber-se, em antes de se ter uma razão errada das coisas, que o Abolicionismo não discute pessoas, não discute indivíduos nem interesses; discute coletividade, discute fins gerais.

Não vai unicamente pôr-se a favor do escravo pela sua posição tristemente humilde e acobardada pelos grandes e pelos maus, mas também pelas causas morais que o seu individualismo traz à sociedade brasileira, atrasando-a e conspurcando-a.(...).<sup>142</sup>

No trecho seguinte Cruz falava em nome de um interesse coletivo, condenando os interesses individuais.

(...) Não se pensa que com a libertação do escravo, virá e estado de desorganização, de desmembramento no corpo ainda não unitário do país.

(...) Às forças governistas compete firmar a existência do trabalho do homem tornado repentinamente livre, criando métodos intuitivos e práticos de ensino primário, coloniais rurais, estabelecimentos fabris, etc.(...)<sup>143</sup>

---

<sup>141</sup> SOUSA, Cruz. *Dispersos. Poesia e Prosa*. SOARES, Iaponan (org) São Paulo: UNESP, 1998, p.138.

<sup>142</sup> Op. cit., p.139.

<sup>143</sup> Op. cit., p.139.

Atribuía aos governistas a responsabilidade de integrar este homem livre à sociedade. Integração que se daria através do reconhecimento e da garantia de seus direitos e concluiu:

A escravidão recua, o Abolicionismo avança, mas avança seguro, convicto como uma idéia, como um princípio, como uma atitude. Até agora o maior poder do Brasil tem sido o braço escravo: dele é que parte a manutenção e a sustentação dos indivíduos de pais dinheirosos; com o suor escravo é que se fazem deputados, conselheiros, ministros, chefes de Estado. Por isso no país não há indústria, não há índole de vida prática social, não há artes. (...)<sup>144</sup>.

Na tentativa de chamar a atenção para as injustiças cometidas por esta sociedade, que viveu durante séculos do trabalho escravo, Cruz destacou a importância do escravo na economia do país sendo o sustentáculo de uma gigantesca estrutura de poder, colocando a responsabilidade do atraso social na inércia causada pela escravidão e ressaltando a responsabilidade dos dirigentes políticos.

No entanto, no pequeno ambiente literário de Desterro, a publicação de Tropos e Fantasias, não passou despercebido pela crítica local, Francisco Antônio das Oliveiras Margarida diretor do jornal O Abolicionista, reconheceu uma certa originalidade e que poderia progredir desde que acompanhasse os estilos dos mestres da época e acrescentou. “O soneto do Sr. Cruz nada tem de admirável e de admirável e de novo a não ser os inúmeros cacófonos e erros de metrificação que o recomendam ainda mais aos críticos sensatos, ilustrados e de grande mérito.”<sup>145</sup> Entretanto, em nota publicada no jornal do Comércio, Cruz e Sousa rebateu as críticas recebidas:

Há duas coisas no Brasil que são como que homogêneas. A política e a poesia, por não serem tomadas convenientemente a sério, por serem entregues a muitos espíritos pueris, duma penetração frívola e vulgar. Falar em poesia é, neste país, para a compreensão fácil e leviana de

---

<sup>144</sup> Op. cit., p.140.

<sup>145</sup> Op. cit. p.48.

indivíduos inconscientes da verdade filosófica das grandes coisas tangíveis, uma imbecilidade, um entretenimento inútil, uma aspiração oca, vazia de senso e de critério<sup>146</sup>

No início de 1888, demonstrando certo cansaço e sem muitas perspectivas de realização em Desterro de seus objetivos, Cruz resolveu partir para a Capital a cidade do Rio de Janeiro, onde já estavam seus amigos dos tempos do Ateneu Provincial. Com poucos recursos, recorreu a Germano Wendhausen, amigo e principal representante do movimento abolicionista em Desterro.

Com pretensões políticas, Germano Wendhausen foi um dos principais líderes abolicionistas da província de Santa Catarina. Ao lado do cearense e secretário da presidência da província João Lopes Ferreira Silva, fundou em 10 de junho de 1884 a Associação Abolicionista com sede no Clube 12 de agosto, sendo o tesoureiro e mais tarde secretário. A associação Abolicionista contava ainda com outros nomes importantes da política local, como o Major Afonso de Albuquerque Melo, Eliseu Guilherme da Silva, Manoel José de Oliveira, José Joaquim Lopes Júnior, Estevam Manoel Brocado entre outros. Quanto às atividades da associação, segundo Oswaldo Rodrigues Cabral, esta organizou alguns eventos comemorativos em prol dos fundos para a emancipação de cativos, oportunidades onde a elite local aproveitava para mostrar sua adesão aos ideais de civilidade.

Entre os anos de 1888 - 1889 encontramos Germano Wendhausen ocupando o cargo de Deputado na Assembléia Legislativa Provincial. Após a mudança de regime, Wendhausen ocupou cargos administrativos ligados à política. Demonstrando o desencantamento com Desterro, Cruz recorreu a Germano Wendhausen pedindo um empréstimo para poder viajar para a Capital do Império:

Desterro, 2 de abril de 1888.

Caríssimo e nobre amigo

Germano Wendhausen

Venho, mais uma vez, valer-me da sua proteção, da generosidade dos seus sentimentos, pedindo-lhe que me faça a gentileza de me ouvir.

---

<sup>146</sup> SOUSA, Cruz jornal do Comércio julho de 1885, apud, MONTENEGRO, op.cit. p.51.

Ilustre amigo, não sei se sabe ou não a situação difícil da minha vida nem o estado de fatalidade em que me acho; no entanto, acreditando-me um indivíduo sério e leal, dará a atenção devida as minhas palavras.

Acontece que, por largo espaço de tempo, me tenho visto embaraçado, muito afogado de lutas, achando sempre contrariedades em tudo que proponho fazer para melhorar de estado, para trabalhar, ter um futuro mais garantido e seguro, não encontrando nunca o auxílio de ninguém. Como deve saber, na Tribuna Popular, onde escrevo, nada me dão, nem eu exijo porque não o podem fazer, e eu estou ali, apenas para ajudar o Lopes, porque o faço generosamente, de coração aberto, com dedicação e simpatia, e mesmo, pela grande causa abolicionista que nós todos defendemos com desinteresse e honra. Já vê o meu nobre amigo que, nas dificuldades em que estou, tenho absoluta necessidade de procurar destino<sup>147</sup>.

Em seu pedido de ajuda, Cruz demonstrou sua decepção com as tentativas de alcançar um trabalho que lhe garantisse o sustento e um futuro mais garantido, achando sempre contrariedades em tudo o que propunha fazer para melhorar de vida. Neste primeiro trecho da carta Cruz evidencia a sua preocupação em encontrar uma forma de garantir a sobrevivência, da mesma forma em que ficou evidenciado, seu comprometimento com a luta pela abolição tratada por ele como a “grande causa”, trabalho que realizava como colaborador, a carta segue confirmando sua decisão de partir:

Assim, tendo já deliberado a minha viagem para a Corte, venho valer-me do seu prestígio e da sua generosidade jamais desmentidas pedindo-lhe encarecidamente para influir com o seu amigo e correligionário Virgílio Villela sobre uma passagem, ou, no caso de ser isso absolutamente impossível, embora o meu excelente amigo envide os seus esforços, fazer-me o supremo obséquio de me emprestar 50\$000 réis para eu poder transportar-me, pois fica na honestidade do meu caráter e do meu brio satisfazer-lhe essa importância desde que o trabalho me garanta mais poderes para isso. (...).

Sabe Deus quanto me custa e quanto a minha dignidade se vê abatida por me ver obrigado a fazer-lhe tal pedido! Mas, acredite o Sr. Germano Wendhausen que em mim verá sempre um rapaz sincero, franco e leal, daqueles que não abusam e que sabem ser gratos. Só a

---

<sup>147</sup> MUZART, Zahide Lupinacci. Cartas de Cruz e Sousa. Florianópolis. Letras Contemporâneas. 1993, p.27.

sua pessoa me pode valer, e eu a ela me dirijo com confiança, em nome de sua veneranda mãe.

Disponha sempre de um amigo firme, que fará mais e mais por se tomar digno da sua estima e consideração que tanto distinguem as pessoas que têm a felicidade de as possuir”<sup>148</sup>

Nos dois últimos parágrafos da carta, podemos perceber o quanto foi doloroso e constrangedor para Cruz e Sousa obrigar-se a fazer tal pedido de empréstimo e Germano Wendhausen que já lhe havia ajudado em outra ocasião. Era um homem orgulhoso e consciente de sua condição de intelectual, no entanto, Cruz se viu obrigado a ter que recorrer a tal expediente.

Na esperança de alcançar uma melhor condição através de uma colocação na imprensa carioca ou com a ocupação de algum cargo público, Cruz e Sousa resolveu partir para o Rio de Janeiro, onde já se encontravam alguns de seus amigos dos tempos do Ateneu Provincial.

Sua decisão de partir para a Capital a procura de um meio de sobrevivência fez com que Pêdra rompesse o compromisso. Pêdra contava com 24 anos e não se conformou com o fato de mais uma vez ter que adiar a data do casamento, ela foi à mulher a quem Cruz e Sousa se ligou por mais tempo, somado o namoro com o tempo de noivado, foram 8 anos.

Naquele momento a Capital parecia ser o caminho mais indicado na busca da sobrevivência, do reconhecimento e de alguma garantia de estabilidade. Alguns anos mais tarde, já residindo na Capital Federal, Cruz lembrou a amada no poema “A Casa”, coletado por Andrade Muricy entre os poemas inéditos de Cruz e Sousa e publicado em *Obra Completa*.

No terceiro capítulo da pesquisa, buscamos compreender sua trajetória da Capital Federal, as dificuldades de sobrevivência, as tentativas de encontrar um lugar na imprensa, as relações de sociabilidade construídas, a formação de um grupo de poetas simbolistas e sua opção por uma estética simbolista decadentista.

## CAPITULO III

### Cá estou nesta grande Capital

#### 3.1 Um admirável mundo novo.

Após as inúmeras tentativas malogradas de permanecer em Desterro vivendo das letras, ou ainda, através da ocupação de algum cargo público, Cruz e Sousa resolveu partir para a Capital do Império. Como a maioria de seus amigos dos tempos do Ateneu Provincial e boa parte dos homens de letras do país, João da Cruz e Sousa partiu para o Rio de Janeiro, em sua primeira tentativa de se estabelecer na Capital do Império.

Sua passagem pela cidade do Rio de Janeiro marcou de forma significativa sua trajetória de vida, ela representou um dos períodos mais ricos de sua produção literária, ao mesmo tempo, em que representou talvez a fase mais difícil de sua vida.

Sobre este período nos debruçamos, na tentativa de esmiuçar o seu cotidiano. Buscamos as fissuras que nos permitiram observar a sua relação com a cidade, ainda não modificada pelo processo de modernização conhecido como “bota abaixo”. As dificuldades de sobrevivência, a sua busca por uma colocação na imprensa carioca, a formação de um grupo de poetas simbolistas, e principalmente a sua relação com o Simbolismo.

Cruz e Sousa viveu em um período marcado por transformações políticas e econômicas, mas principalmente, marcado por mudanças nas relações sociais do tipo senhorial para relações sociais do tipo burguesa, e a Capital Federal vivia intensamente este processo, desejando a todo custo eliminar o passado, apagando seus principais traços negativos, a escravidão, o Império fossilizado e a herança colonial portuguesa.

---

<sup>148</sup> Cartas de Cruz e Sousa. MUZART, Zahidé Lupinacci.(Org) Florianópolis. Letras Contemporâneas, 1993. p. 28.

(...) desde praticamente o início da campanha abolicionista até o início da década de 1920, quase toda produção literária nacional se fazia no Rio de Janeiro, voltada para aquela cidade ou com vistas a ela. Palco principal de todo esse processo radical de mudança, a Capital centralizou ainda os principais acontecimentos desde a descentralização paulatina do império até a consolidação definitiva da ordem republicana. Ela concentrava também o maior mercado de emprego para os homens de letras<sup>149</sup>.

A capital do Império naquele momento parecia ser a escolha mais acertada para um jovem literato que desejava viver das letras.

Em junho de 1888, Cruz e Sousa encontrava-se na Corte cheio de expectativas em sua primeira tentativa de se estabelecer na Capital. Ao chegar, foi recebido por seus amigos Oscar Rosas e Araújo Figueiredo. Oscar Rosas encarregou-se de acolhê-lo em sua casa.

Rosas chegou ao Rio de Janeiro com cerca de 15 anos de idade acompanhado de suas tias que eram parentes do pintor catarinense Vitor Meireles. Rosas trabalhou na imprensa e manteve contatos com políticos importantes. Na fase republicana chegou a trabalhar no Palácio do Catete ao lado de Artur Bernardes.

De espírito polêmico, muitas vezes descrito por seus amigos mais próximos como extravagante e truculento, se declarou um simbolista convicto fazendo campanha em prol do movimento. Porém, sua formação sempre foi o jornalismo. Trabalhando como secretário do jornal *Novidades*, dirigido por Bandeira Júnior, fez da folha veículo importante na eclosão do movimento simbolista<sup>150</sup>.

A convivência muito próxima de Cruz e Sousa, fez Oscar Rosas estreitar laços de amizade com o poeta. Sensível às dificuldades vividas por este, a sua maneira Rosas procurou apresentá-lo para o meio da imprensa carioca. Depois de instalado na capital, Cruz escreveu a Germano Wendhausen, dando notícias de sua chegada.

---

<sup>149</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão. Tenções sociais e criação cultural da Primeira República*. São Paulo. 3ª edição. Brasiliense, 1989 p.93.

<sup>150</sup> MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. 3ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2 volumes, 1987, p.262.

Corte, junho de 1888.

Caro amigo Germano Wendhausen

Cá estou nesta grande Capital que cada vez mais se distingue pelo movimento e atividade mercantil de que dispõe em alto grau. Isto importa dizer que continuo a ser amigo e apreciador sincero e firme das pessoas que, como o meu belo e generoso amigo, tanto me desvaneceram e honraram com a sua consideração e simpatia. Um dever de cavalheirismo, pois reconheço a franqueza, modéstia e o desprendimento do meu excelente e digno patrício, me fez deixar de falar nas gentilezas incomparáveis que me fez, que eu não esquecerei nunca e que em tempo saberei como precisar ser.<sup>151</sup>

Neste primeiro trecho da carta, Cruz e Sousa fez um longo agradecimento a colaboração de Germano Wendhausen, destacando a generosidade e a amizade. Embora não tenha mencionado o empréstimo pedido, reafirmou os laços de solidariedade, gratidão e amizade. Cruz reconheceu a importância do amigo, colocando-se a disposição de Wendhausen.

O início da carta nos forneceu pistas de como o poeta encontrou a cidade do Rio de Janeiro na época de sua chegada. O movimento urbano e o grande fluxo das atividades comerciais, que movimentava a Capital, chamou a atenção do poeta. De fato, o movimento urbano veio a se intensificar no ano de 1888 com a Abolição e a crise da economia cafeeira, desencadeando a mobilização de importante massa humana, outrora presa àquela atividade da qual boa parte agora afluía para o Rio de Janeiro, unindo-se a um contingente volumoso de cativos e libertos já existente.

O crescimento vertiginoso da população da Capital nos últimos anos das décadas de 80 e 90 trouxe uma série de problemas, a começar por seu espaço geográfico. Cidade de relevo acidentado e de áreas pantanosas, constituía obstáculos à construção de prédios. Faltavam residências para abrigar a toda aquela população que para lá afluía<sup>152</sup>. Nos primeiros anos da República, os problemas se estendiam da falta de moradia ao surgimento de novas doenças.

---

<sup>151</sup> MUZART, Zahidé Lupinacci. (Org). *Cartas de Cruz e Sousa*. Florianópolis: Letras Contemporâneas. 1993, p.31.

<sup>152</sup> SEVCENKO, op.cit., p.51.

A insalubridade contribuía para o surgimento dos focos de varíola, tuberculose, malária, febre tifóide, amarela e lepra, que grassavam sobre a cidade e a população dos bairros populares.

Outro fato agravante foi a crescimento avassalador da população acrescida dos estrangeiros que aqui chegavam, “acrescentou-se a esta multidão os sucessivos magotes de estrangeiros, que a previdência dos proprietários pressagiosos da Abolição e as vicissitudes européias arrastaram vacilante para o porto do Rio, os quais somaram 70.298 pessoas de 1890 a 1900, 88.590 de 1900 a 1920, perfazendo um total de 158.888 imigrantes de 1890 a 1920.”<sup>153</sup> Este fenômeno acarretou em um outro desequilíbrio, o de abastecimento.

O abastecimento de gêneros alimentares que antes já era precário, devido à falta de uma estrutura agrária de produção, estoque e distribuição, com o aumento da população urbana a situação somente se agravou.

A oferta de mão-de-obra abundante aviltava os salários, a falta de moradia, as péssimas condições sanitárias, a ocorrência constante de moléstias, os preços altos, a fome, o desemprego e a miséria, formavam um quadro desolador na última década do século XIX. Em meio a este caos que se formava, ainda assim, nesta fase era possível a um jovem literato com poucos recursos se manter na Capital, pois ainda restavam lugares baratos como os quartos de pensões.

Na tentativa de estabelecer-se na Capital, sem emprego e com pouco dinheiro, Cruz e Sousa tentou através de uma carta de recomendações uma aproximação com o senador Alfredo d'Escagnolle Taunay. No segundo trecho da carta a Wendhausen, o poeta relatou um desagradável episódio ocorrido entre o poeta e o senador Taunay. Tal carta enviada por amigos do poeta e endereçada a Taunay, na época senador pela província de Santa Catarina na Corte e partidário da Abolição, teria como objetivo uma colocação para Cruz e Sousa na Capital. Cruz procurou o senador em sua casa segundo revelou a Wendhausen:

---

<sup>153</sup> Op. cit., p.51.

O Senador Taunay recebeu a carta, isto é – a carta que os adoráveis e distintos amigos ai me deram para ele; porém, nem ao menos me mandou entrar, procedimento esse que me autorizou a não mais voltar à casa de tal Senhor. Embora eu precise fazer carreira não necessito, porém, ser maltratado; e, desde que o sou, pratico conforme a norma do meu caráter. – Deixemos o Sr. Taunay que não passa de um parlapatão em tudo por tudo<sup>154</sup>.

A visita de Cruz e Sousa a Taunay, que nem ao menos recebeu, demonstrou por parte de Cruz e Sousa uma postura de orgulho diante da arrogância e da atitude deselegante de Taunay. Como o próprio poeta reconheceu, mesmo necessitando fazer carreira, não permitiria que fosse desrespeitado.

Cruz era um homem livre, letrado, que escrevia e publicava seus poemas. Percorreu grande parte do país, discursando e defendendo a causa da Abolição e a igualdade de direitos, por estes motivos, tinha plena consciência de sua condição. Alguns de seus discursos, conferências e artigos de forte sabor polêmico foram publicados em vários jornais pelas capitais onde passou. Consciente de seu valor enquanto intelectual e homem de letras engajado exigia o devido respeito.

Contudo, embora tenha sido recebido de forma positiva por algumas pessoas da imprensa, amigos e colegas de Oscar Rosas, esta receptividade positiva não lhe foi suficiente para garantir-lhe um espaço nos jornais carioca. No início de 1889, Cruz e Sousa escreveu a Virgílio Várzea, que por este período ainda se encontrava em Desterro, dando notícias de sua passagem pela Capital Federal.

Corte, 8 de janeiro de 1889.  
Adorado Virgílio

Estou em maré de enjôo físico e mentalmente fatigado. Fatigado de tudo: de ver e ouvir tanto burro, de escutar tanta sandice e bestialidade e de esperar sem fim por acessos na vida, que nunca chegam.(...).

Não sei onde vai parar esta coisa. Estou profundamente mal, e só tenho a minha família, só te tenho a ti, a tua

---

<sup>154</sup> MUZART, op. cit., p.32.

belíssima família, o Horácio e todos os outros nobres e bons amigos, que poucos são(...). Não imaginas o que se tem passado por meu ser, vendo a dificuldade tremendíssima, formidável em que está a vida no Rio de Janeiro. Perde-se em vão tempo e nada se consegue(...). Não há para onde seguir. Todas as portas e atalhos fechados ao caminho da vida, e, para mim, pobre artista ariano, ariano sim porque adquiri, por adoção sistemática, as qualidades altas dessa grande raça, para mim que sonho com a torre de luar da graça e da ilusão, tudo vi escarnecedoramente, diabolicamente, num tom grotesco de ópera bufa.<sup>155</sup>

Na carta endereçada a Virgílio Várzea, o poeta vê suas expectativas de viver na Capital desmoronar diante das dificuldades encontradas por ele em sua tentativa de se estabelecer na Capital, encontrando as portas e os acessos fechados, Cruz atribuía as dificuldades de acesso à questão da sua cor.

Há neste período no Brasil um forte recrudescimento nas relações raciais, este recrudescimento pôde também ser sentido pelo poeta durante os anos em que viveu em Desterro.

As teorias raciais formuladas a partir da segunda metade do século XIX nos Estados Unidos e na Europa chegaram ao Brasil trazidas principalmente pelos viajantes europeus, como no caso de Louis Agassiz, bastante estudado e respeitado no Brasil. Agassiz chegou a dar cursos entre a elite pensante, sobre as diferenças raciais e os efeitos nocivos da degenerescência.<sup>156</sup>

Tais teorias passaram a ter um forte impacto na organização dos grupos sociais no Brasil. Enquanto a escravidão recuava sob o impacto da pressão moral e econômica, em uma outra ponta de lança, as teorias das diferenças raciais inatas eram sistematizadas.

Com relação à Cruz e Sousa, este recrudescimento racial se fará ainda mais evidente, nas críticas aos seus trabalhos, principalmente as que partiram de José Veríssimo, Silvio Romero e Araripe Júnior, tema que retomaremos adiante.

---

<sup>155</sup> Op. cit., p. 33 a 34.

<sup>156</sup> SKIDMORE, Thomas E. Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p.65.

Ainda neste primeiro trecho da carta a Virgílio Várzea, Cruz tocava em uma questão importante na discussão racial da época, o culto ao arianismo. Para termos uma exata noção da forte crença no arianismo, encontramos um fragmento na obra *Santa Catarina: A Ilha*, lançada por Virgílio Várzea em 1900, dois anos após a morte do poeta Cruz e Sousa. A epígrafe trazia a seguinte afirmativa de Várzea:

De sorte que, pode afirmar-se, o povo catarinense é essencialmente ariano, com particularidade nos centros alemães ou italianos, como Joinville, Blumenau, Brusque, Nova Trento, Orleães [sic] e Nova Veneza, cidades e vilas que foram outrora colônias, e cujas populações hão de ser, no futuro, o fator de um novo tipo de brasileiro interessante, superior e perfeito (...).<sup>157</sup>

Virgílio Várzea foi grande amigo e companheiro de Cruz e Sousa, acompanhou o poeta em sua trajetória desde os tempos em que eram estudantes do Ateneu Provincial, ao período em que Cruz viveu na Capital Federal. Mesmo acompanhando de perto as dificuldades e as injustiças pela qual passou Cruz e Sousa, muitas delas motivadas pela questão racial, Várzea não deixou de ver com especial interesse a presença germânica e italiana em Santa Catarina. O autor de *Santa Catarina: a Ilha* apostava na formação de um tipo de brasileiro onde o traço ariano daria origem a um tipo interessante, superior e perfeito.

Em relação à Cruz e Sousa, o autor parece indicar uma certa aceitação do arianismo, diante do inabalável discurso científico da época. Porém o poeta afirmava ter adquirido por adoção sistemática as qualidades altas dessa grande raça, ou seja, a superioridade e a perfeição adquiridas de forma sistemática, ou seja, por meio do conhecimento teórico.

Antes de ser confundido com um suposto desejo de embranquecimento, a superioridade para Cruz e Sousa estava no conhecimento, em sua bagagem cultural adquirida. Pois, era um homem livre de cor que escrevia e publicava e o mais

---

<sup>157</sup> VÁRZEA, Virgílio. *Santa Catarina: a Ilha*. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1985.

importante, possuía um domínio teórico que lhe possibilitou produzir poesia da mais alta qualidade, fato este, que fazia dele um indivíduo diferente dos outros e não propriamente a cor da epiderme.

A carta do poeta segue dando pistas de como Cruz e Sousa se percebia através dos olhares daquela sociedade:

Quem me mandou vir cá abaixo a terra arrastar a calceta da vida! Procurar ser elemento entre o espírito humano?! Para que? Um triste negro, odiado pelas castas cultas, batido das sociedades, mas sempre batido, escorraçado de todo o leito, cuspidor de todo o lar como um leproso sinistro! Pois como! Ser artista com esta cor! Vir pela hierarquia de Eça, ou de Zola, generalizar Spencer ou Gama Rosa, ter estesia artística e verve, com esta cor? Horrível!(...)<sup>158</sup>.

Na impossibilidade de romper o preconceito Cruz e Sousa era visto apenas como a figura de um triste negro. E mesmo entre as castas cultas da sociedade, que lhe poderia abrir as portas para o reconhecimento enquanto literato, via no poeta apenas a impossibilidade de ser um artista, de assimilar os conhecimentos da cultura europeia e de produzir Arte. Como era possível a um negro membro de uma raça onde a inferioridade era inata possuir estesia ou verve.

Sem conseguir uma colocação que lhe garantisse a sobrevivência, Cruz e Sousa retornou a Desterro. No início do ano de 1890, encontramos Cruz e Sousa de retorno a Desterro onde retomou suas atividades no jornal Tribuna Popular.

Contudo, apesar das dificuldades enfrentadas em sua primeira passagem pela capital, Cruz não abandonou o desejo de viver no Rio de Janeiro, desejo evidenciado em carta ao amigo Araújo Figueiredo que permanecera na Capital:

Eu, claramente sei o que são atropelos de chegada e depois gozos e gostos de provinciano, largamente impulsionados e

---

<sup>158</sup> MUZART, op. cit., p.34.

vibrados numa grande capital como esta em que agora vives lordificado e regalado... Assim, claramente sei também, e vivamente sinto também, que em tais cidades, o rumor, sol alto dos assuntos mais inauditos, inflamam, queimam, incendeiam qualquer provinciano, tanto mais quando o provinciano, como tu, tem qualidades e sentimentos de arte.(...).  
No mais, não: a tua carta vem arejada, com ar de outros ares, como se o teu viver fosse de dentro de uma toca transportado a um alto castelo situado no mar.<sup>159</sup>

No primeiro trecho da carta, Cruz falava das vantagens de se viver na Capital. Apesar das dificuldades enfrentadas por ele quando lá esteve, reconheceu que o ambiente cultural da Capital Federal oferecia aos literatos, maiores oportunidades de publicação de suas obras, bem como, as chances de conquista de um emprego público com o qual assegurariam a sobrevivência. Mas, acima de tudo, tanto para Cruz e Sousa como para Araújo Figueiredo, viver no Rio de Janeiro significava fugir do mundo acanhado e provinciano de Desterro e estar próximo de um convívio social arejado pelos círculos de sociabilidade dos cafés e da vida boêmia dos literatos.

Durante o período em que esteve em Desterro, Cruz manteve contato com seus amigos no Rio de Janeiro, recebendo e publicando seus poemas e artigos na Tribuna Popular. O conteúdo da carta revelava um outro lado do poeta pouco conhecido, o de um homem brincalhão e bem humorado.

Entretanto, as dificuldades encontradas por jovens literatos em encontrar seu público apontavam para uma espécie de “solidariedade” entre os escritores de mesmo estilo. As oportunidades para publicações eram escassas e toda a ajuda possível nesta fase era bem vinda.

Ainda sobre sua primeira passagem pelo Rio de Janeiro, embora rápida, permitiu a Cruz e Sousa intensificar suas leituras sobre o simbolismo francês, fato que lhe possibilitou um amadurecimento de sua estética literária.

“Por essa ocasião, o Dr. Gama Rosa deu-lhe a ler obras de Poe, Baudelaire, Huysmans, Sar Péladan, Villiers de L’Isle-

---

<sup>159</sup> Op. cit., p.36.

Adam e outros simbolistas, trazidas para o Brasil por Medeiros e Albuquerque, que a transmitiu a Araripe Júnior, amigo daquele político e publicista.”<sup>160</sup>

O nome de Medeiros e Albuquerque surgiu neste período como um dos principais precursores do Simbolismo no Brasil, porém, nunca aderiu ao Movimento de fato. Ironicamente o material trazido por Albuquerque para o Brasil, passou primeiramente pelas mãos de Araripe, um dos principais críticos do Movimento, antes de chegar às mãos de seu principal poeta Cruz e Sousa. Ainda, segundo seus principais memorialistas, este foi um período em o poeta mergulhou na leitura de autores como Flaubert, Maupassant, os Irmãos Goncourt, Theophile Gautier e Cesário Verde e ao que tudo indica, não conhecendo ainda Rimbaud, Verlaine e Mallarmé<sup>161</sup>.

No trecho final da carta enviada a Araújo Figueiredo, anunciava o seu retorno ao Rio de Janeiro, desta vez permanecendo definitivamente.

(...) Saberás ou já sabes? que por Maio sigo para aí e conto morar contigo. Nada digas ainda sobre essa resolução ao Oscar. Depois ele o saberá. Convém-me mais morar contigo enquanto não tiver ocupação segura.

Por isso apronta-te para receber-me que no princípio d'aquela mês, ou por meados dele, lá estarei, num impulso de verve, a chicotear esses literatos de sapatos, que ai também os há, e a abraçar-te fortemente, amorosamente, num longo abraço espiritual, a ti e ao Oscar.(...)<sup>162</sup>

### **3.2 Mealheiro de Almas.**

Como indicava o enunciado da carta escrita ao amigo Araújo Figueiredo, Cruz e Sousa resolveu partir a Capital Federal. Com uma colocação em vista para trabalhar em um dos jornais da Capital e cheio de expectativas, no final daquele ano Cruz fez a sua

---

<sup>160</sup> MURICY, Andrade. Panorama do Movimento Simbolista brasileiro. Rio de Janeiro: 3ª Edição. Instituto Nacional do Livro, 1º Volume, 1987, p.151.

<sup>161</sup> Op. cit., pp.17-64.

segunda tentativa de se estabelecer no Rio de Janeiro. Porém, ao chegar na Capital, Cruz recebeu através de Virgílio Várzea, a notícia de que o jornal Folha Popular, o qual Emiliano Pernetá era redator e secretário, estava quebrado:

(...) contava com a Folha Popular, contava com o Pernetá seu redator secretário, contava com o Oscar, contava com o Araújo, contava com muita gente para obter um excelente colocação para ti. A Folha Popular quebrou, o Pernetá, conquanto seja de uma generosidade incomparável, de uma alma única, nada pôde fazer, porque ele mesmo apesar de seu grande talento e da sua formatura há de falhar a vida...  
Oh Pernetá! Que esplêndido rapaz! A toda hora, comigo, fala de ti, incessantemente. Mas o Pernetá não tem eira nem beira, como diz a velha safra, pouco gostam dele por ele ser digno e raros lhe dão atenção. Agora escreve na Cidade do Rio, como eu e o Oscar, e é considerado e seu principal redator. O Pernetá pode arranjar na Cidade do Rio com 50.000 mensais, para escreveres diariamente uma seção ou fazeres o noticiário...(...)<sup>163</sup>

A carta de Virgílio Várzea endereçada a Cruz e Sousa data do mesmo período de sua chegada ao Rio de Janeiro, recebendo o poeta a notícia quando já se encontrava na Capital. Quanto ao seu emprego na Folha Popular, Cruz ainda conseguiu através de Emiliano Pernetá, uma colocação, mas como colaborador. Entretanto, a folha veio a fechar suas portas logo em seguida.

Mais tarde novamente através da ajuda de Emiliano Pernetá, Cruz conseguiu um outro trabalho desta vez como noticiário do jornal Cidade do Rio, de propriedade de José do Patrocínio. Ali Cruz trabalhou alguns meses, tendo deixado o jornal por conta de um desentendimento com Patrocínio, o motivo nunca ficou esclarecido.

Mas, foi nas dependências de um outro jornal, que se formou o primeiro grupo de poetas simbolistas na Capital. O Jornal Novidade, que tinha como secretário seu amigo e conterrâneo Oscar Rosas, tornou-se um dos principais redutos de poetas simbolistas.

---

<sup>162</sup> MUZART, op. cit., p.37.

Dentre os colaboradores do *Novidade*, encontramos um grupo formado por poetas simbolistas e alguns simpatizantes do Movimento.

Cruz e Sousa, Araújo Figueiredo, Oscar Rosas e Virgílio Várzea formaram o grupo inicial, todos provenientes de Santa Catarina. Agregando-se a este primeiro grupo, os paranaenses Emiliano Pernetta e mais tarde Nestor Vitor. No mesmo período somavam-se ainda ao grupo, os simbolistas de origem do próprio Rio de Janeiro, Gonzaga Duque, Mário Pederneiras e Lima Campos.

Foi a partir do encontro destes jovens intelectuais que podemos afirmar que a estética simbolista tem sua origem na Capital carioca, segunda aponta os estudos de Andrade Muricy<sup>164</sup>. Os anos que compreendem 1890 data de sua chegada ao Rio de Janeiro, a 1898 ano de sua morte, marcaram uma primeira fase do movimento, com um Cruz e Sousa mais amadurecido assumindo o simbolismo decadentista como estética, sua figura foi o principal agente aglutinador. Além destes, outros colaboradores do movimento foram integrando-se ao grupo, como B. Lopes, Álvaro de Azevedo Sobrinho, Artur de Miranda, entre outros.

Em comum, além do interesse pela estética simbolista, o que levou estes jovens a saírem de suas acanhadas províncias, foi o anseio de conseguir uma colocação em bons cargos, que lhes garantissem a estabilidade financeira, reconhecimento pelo público e respeito por parte da crítica.

Entretanto, o Simbolismo, mais que uma opção estética representou uma atitude de vida, que almejava a apreensão de valores transcendentais, como o Bem, o Belo, o Verdadeiro e o Sagrado, que para aqueles poetas, estavam a muito perdido, em oposição a uma realidade materialista cheia de limites, contrastes e frustrações.

Almejavam conquistar a estabilidade, o reconhecimento do público e o respeito da crítica, mas, sem corromper seu ideal maior que era o de viver para uma arte que consideravam sublime, jamais cedendo suas aspirações estéticas ao gosto comum.

Contudo, vivendo em uma sociedade cada vez mais aburguesada com regras claras para a conquista da ascensão social e segurança material tentar conciliar tal

---

<sup>163</sup> Carta de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa. In. ALBUQUERQUE, Henrique Cavalcanti de. Decadentismo e desilusão: o desencanto pela modernidade na Literatura do Rio de Janeiro da Belle Époque. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social PUC/SP, 2004, p.121.

<sup>164</sup> MURICY, Andrade. *O Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 2 volumes, 1987.

desejo com a de um poeta sacerdote, esteta, isolado em sua torre de marfim, revelou ser esta uma tarefa quase impossível.

Em torno de Cruz e Sousa, formou-se um grupo de poetas boêmios, publicavam em alguns jornais em especial “*O Novidade*”, bem como fundaram algumas revistas. A era a opção mais viável para garantir a sobrevivência, enquanto não conseguiam atingir a estabilidade através da ocupação de algum cargo público. Entretanto, a carreira na imprensa era sempre instável, os jornais menores onde a maioria escrevia tinha vida curta e as grandes folhas eram alvos de constantes disputas. A saída pensada por estes intelectuais foi à criação de suas próprias revistas.

As primeiras revistas datam de 1895, o objetivo era criar uma revista para divulgação de suas produções, rompendo o isolamento literário. Henrique Albuquerque observou que:

As revistas tinham então um duplo propósito, até certo ponto paradoxal: criar uma identidade e dar coesão ao grupo, sustentando o ideal estético de isolamento e ao mesmo tempo criar condições para esses simbolistas superassem esse isolamento para atingir seu ideal concreto, a segurança material de um bom cargo indicado e o reconhecimento de sua estética para um público mais amplo<sup>165</sup>.

A questão do “ideal de isolamento” a primeira vista parece bastante complexa, pois ele toca na essência da atitude de espírito do grupo. O isolamento em sua “torre de marfim” imaginária pode ser compreendido como um distanciamento da vida mundana que corrompia os valores mais caros e espiritualizantes. A estética simbolista desejava operar uma revolução nos termos da relação “mercadoria-consumo”, desejando criar um sujeito para o objeto e não um objeto para o sujeito.

Referindo-se a esta revolução Paul Valéry aponta para o fato de que os simbolistas:

---

<sup>165</sup> ALBUQUERQUE, op. cit., p.137.

Operam assim uma espécie de revolução na ordem dos valores, visto que substituem progressivamente a noção de obras que solicitam o público, que o prendem por seus hábitos ou por seus lados fracos, pela de obras que criam seu público. Longe de escreverem para satisfazer um desejo ou uma necessidade de preexistência, escrevem com a esperança de criar este desejo e esta necessidade, e não recusam nada que possa afastar ou chocar com leitores se acreditam por aí conquistar um só de qualidade superior<sup>166</sup>.

A segurança material desejada pelos simbolistas era a forma encontrada de garantir de uma vida tranqüila longe dos percalços que abalavam e interrompiam suas produções. A tarefa de criar um público apreciador da estética se revelou árdua, pois o público, estava cada vez mais imerso em uma atmosfera de frivolidades e consumo, valorizando o superficial. As produções simbolistas traziam temas lunares, sombrios e decadentes, que em nada combinava com um discurso positivista de um país jovem e luminoso.

Contudo, as dificuldades de sobrevivência enfrentadas neste período levaram alguns poetas colaboradores da estética simbolista a procurar outras formas de garantir a sobrevivência através da ocupação de um cargo público.

Foram estas dificuldades que levaram Emiliano Pernet a deixar o grupo à procura de uma melhor colocação. Formado em direito pela Escola de Direito de São Paulo, era natural de Curitiba e proveniente de uma família com poucos recursos, seguiu para a Capital do Império, como os demais de sua geração à procura de uma carreira estável em algum cargo público. Diante das dificuldades encontradas deixou o Rio de Janeiro em agosto de 1891 para tentar carreira jurídica no interior de Minas Gerais. No ano seguinte encontrava-se de retorno ao Paraná.

A saída prematura de Emiliano Pernet foi sentida pelo grupo de poetas. Pernet era um homem bem articulado com uma rede de sociabilidade dentro da imprensa. Contudo, do grupo paranaense restava ainda Nestor Vitor.

Com alguns contatos no círculo político da Capital, Nestor Vitor mudou-se definitivamente para o Rio de Janeiro em 1891 assumindo o cargo de vice-diretor do

---

<sup>166</sup> VALÉRY, Paul. Apud, BARBOSA, João Alexandre. IN: *Prefácio*. MURICY, Andrade. *Panorama do Movimento*

Colégio Dom Pedro II, a época Ginásio Nacional. Com a estabilidade de um cargo burocrático que lhe garantiu relativa estabilidade financeira, Nestor pôde em muitos momentos socorrer Cruz e Sousa que limitado ao trabalho de colaborador nos jornais dependia da ajuda dos amigos para viver.

Cruz colaborou assiduamente no jornal *Novidade* até a saída de Oscar Rosas em 13 de abril de 1892, segundo baque contra o grupo. Oscar Rosas nunca foi um poeta simbolista do ponto de vista de sua criação estética. Sua grande paixão sempre foi o jornalismo político, após sua saída, manteve contatos esporádicos com Cruz e Sousa. Quanto à publicação simbolista no jornal, esta desapareceu com a saída de Rosas do jornal.<sup>167</sup>

Em fevereiro de 1893, Cruz e Sousa publicava *Missal e Broquéis*. A primeira, escrita na forma de prosa, foi lançada no mês de fevereiro a segunda obra *Broquéis* em agosto do mesmo ano, e representou sua primeira experiência com a poesia pura.

Ambas as obras foram lançadas pela editora Magalhães & Companhia que os expunha na Livraria Moderna. O lançamento das obras demonstrou o amadurecimento intelectual do poeta e definiu a estética decadentista como identidade. Entre os principais críticos da época, Araripe Júnior, José Veríssimo e Sílvio Romero, nem as obras nem a estética escolhida agradou.

Araripe Júnior, crítico de formação naturalista, cientificista e determinista, foi o primeiro a receber as publicações simbolistas que Medeiros de Albuquerque havia trazido da França. Possivelmente tenha sido o próprio Araripe a passar tal material a Gama Rosa quando este estava de partida para Desterro. Araripe procurou através da análise destes textos uma possível ligação entre texto e contexto, que explicasse a estética simbolista. Para ele o meio físico era determinante para uma produção literária.

A partir desta afirmativa, partem as principais críticas ao movimento simbolista e decadentista, a razão principal era seu hermetismo e a sua obscuridade. Para o crítico, o misticismo da poesia, a ruptura com uma ordem tradicional e a musicalidade constituíam indicativos de preguiça mental ou evasão do real.

---

*Simbolista Brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 2 volumes, 1987.

<sup>167</sup> MURICY, op. cit., p. 263.

No caso específico do simbolismo brasileiro, Araripe apontava a falta de critérios atribuídos à criação de uma literatura nacional. Para o crítico, a literatura deveria expressar com fidelidade a realidade brasileira, e não produzir aqui uma imitação. Argumentava ser esta uma literatura importada com características pessimistas, frias, pertencentes ao velho Continente europeu, e que em nada condizia com a realidade de um jovem país tropical.

Sobre a acusação de possuir um caráter imitativo, vale destacar o fato de que, “o que estes literatos escreviam eram topos, ou seja, lugares comuns, temas reincidentes cuja origem eram as leituras que estes literatos tinham feito”<sup>168</sup>. Era uma escolha consciente do repertório e do tema, associada à experiência individual de cada um. Em um trecho de *Sugestão* extraído de *Missal*, uma das obras criticada por Araripe, Cruz buscou a fusão entre elementos característicos da estética simbolista, como o obscurantismo e o desejo de transcender com traços que lembram muito a sua experiência individual e que mais parecia um recado direto para os críticos:

Tu, quem quer que sejas, obscuro para muitos,  
Embora, tens um grande espírito sugestivo.  
Os jornais andam cantando a tua verve flamejante,  
Pertences a uma seita de princípios transcendentais.  
Na tua terra os cretinos gritam, vociferam.  
Não sabem o que tu escreves. Não entendem aquilo...  
Palavras, palavras, dizem.

A crítica de Araripe estava assentada sobre duas certezas inabaláveis do período o determinismo e o discurso racial. Araripe afirmava que:

Essa transplantação literária torna-se tanto mais curiosa quando se trata de um artista de sangue africano, cujo

---

<sup>168</sup> ALBUQUERQUE, op. cit., p. 36.

temperamento t3pido parecia o menos apropriado para veicular a flacidez e a frialdade hier3tica da nova escola.<sup>169</sup>

A quest3o racial sempre esteve ligada a uma suposta incompatibilidade entre um poeta de origem africana e uma est3tica simbolista de origem europ3ia. Mesmo ap3s a sua morte Cruz e Sousa n3o escapou das compara33es, sendo chamado por Araripe de “o puro poeta astral antropom3rfico das ra3as primitivas”<sup>170</sup>.

A cr3tica de Silvio Romero pautava-se tamb3m nos modelos cientificistas e naturalistas. Seu pensamento foi definido por Ant3nio C3ndido, como um turbilh3o de id3ias, devida as muitas influ3ncias que constituiu a base de sua forma33o, evolucionismo, positivismo entre outros. Tais influ3ncias eram operadas por Romero na tentativa de encontrar a regenera33o do car3ter brasileiro. O caminho apontado por Romero foi o “branqueamento” como sa3ida para se reabilitar as ra3as “inferiores”, integradas a civiliza33o, ao serem extintas pela mistura progressiva<sup>171</sup>. Suas id3ias e teorias sempre geraram muitas pol3micas sendo muitas vezes acusado de imitador do pensamento europeu ao contexto brasileiro.

Por3m, Romero tentou por diversas vezes assimilar bases intelectuais europ3ias transformando-as em bases pr3prias que fornecessem instrumento de an3lise da realidade brasileira. Foi atrav3s deste esfor3o que Romero buscou compreender o surgimento do movimento simbolista no Brasil. Esse esfor3o chegou a produzir uma certa simpatia pelo movimento, chegando a reconhecer no Simbolismo mais que uma literatura importada, imita33o do modelo franc3s, via no movimento a mais leg3tima forma de express3o est3tica<sup>172</sup>.

Romero criticou a forma hostil como o Simbolismo foi recebido no Brasil, principalmente a recep33o dada 3 nova est3tica por Araripe J3nior, chegando mesmo a afirmar que a nova est3tica precisava de um ponto de vista novo, faltava a nossa cr3tica, instrumentos capazes de entender o movimento. “Especialmente a 3ltima forma, a

---

<sup>169</sup> Trecho retirado dos ensaios publicados “*Na Semana*”, em 1894 e reunidos no livro *O movimento liter3rio de 1893* in COUTO, Helena Bonito. *Araripe J3nior e o Simbolismo franc3s*. USP (Tese de Doutorado) 1996.

<sup>170</sup> ALBUQUERQUE, op. cit., p.83.

<sup>171</sup> VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical*. S3o Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.61.

<sup>172</sup> ALBUQUERQUE, op. cit., p. 87 e 88.

derradeira mutação porque tem passado a arte, peculiarmente a poesia, neste final de século, lhes tem escapado de todo”<sup>173</sup>.

Silvio Romero encontrou na teoria evolucionista a forma de compreensão da nova estética. Para ele a poesia passava por uma evolução, uma mutação. Este processo não era aleatório, mas sim cronológico e com sólidas raízes em seu tempo histórico.

Quanto a Cruz e Sousa, Romero não poderia deixar de notar a condição racial do poeta. “Ele é o caso único de um negro puro, verdadeiramente superior no desenvolvimento da cultura brasileira”.

Mesmo que simpático ao simbolismo, Romero não deixou de analisar o movimento através dos parâmetros predominantes também entre os demais críticos, o meio e a raça, levando em alta conta a questão racial e a teoria evolucionista. Para Romero Cruz e Sousa era superior porque soube dominar os códigos culturais da civilização e da literatura de sua época, o poeta era a prova de que através da incorporação dos elementos da cultura branca européia era possível livrar o país da barbárie.

O último crítico pertencente a esta tríade foi José Veríssimo, dono de uma crítica mordaz, Veríssimo priorizou a caráter estético em sua análise. Entretanto, mostrou pouca disposição e simpatia pelo movimento. Para o crítico, simbolistas, decadentistas, deliçescentes, nefelibatas, naturalistas, entre outros, resumiam-se em um caso de macaqueação<sup>174</sup>, reiterando a crítica de Araripe onde apontava o movimento simbolista como meramente um caso de imitação da última moda na Europa.

Quanto ao principal nome do movimento simbolista brasileiro, Veríssimo atribuía a Cruz e Sousa o “dom de melodia, que é comum nos negros” e seguia afirmando que a musicalidade e a repetição dos versos e sons seria “um verdadeiro cacoete, próprio dos primitivos”. Os critérios adotados por Veríssimo ao analisar a poesia de Cruz e Sousa pautaram-se em bases racistas e por uma antipatia pessoal pelo poeta.

---

<sup>173</sup> ROMERO, Silvio apud, ALBUQUERQUE, op. cit., p. 88.

<sup>174</sup> VERÍSSIMO, José. In. BARBOSA, João Alexandre (org) In José Veríssimo, Teoria, Crítica e História Literária. São Paulo: Edusp, 1977, p.35.

As críticas as suas obras, para o poeta, já eram possivelmente esperadas, visto que sua estética já havia sido alvo de críticas quando da publicação de seus primeiros poemas na imprensa carioca.

Contudo, interessa-nos neste momento, tentarmos compreender qual sua relação com o Simbolismo, ou melhor, qual a sua relação com uma produção simbolista decadentista. Alfredo Bosi nos oferece um ponto de partida:

(...) à luz da cultura européia, o Simbolismo reage às correntes analíticas dos meados do século, assim como o Romantismo reagiria à Ilustração triunfante em 89. Ambos os movimentos exprimem o desgosto das soluções racionalistas e mecânicas e nestas reconhecem o correlato da burguesia industrial em ascensão<sup>175</sup>.

Transpondo-nos para a realidade vivida por Cruz e Sousa, naquele período de final de século, após atingida as metas de 88 e 89, temos um jovem poeta negro vivendo em uma época marcada pelo fortalecimento do discurso que saudava a modernidade e a inclusão do Brasil na nova ordem de prosperidade e riqueza.

Porém, um período pleno de contradições marcado por um forte recrudescimento nas relações raciais e exclusão social. Sabemos que neste momento, Cruz e Sousa possuía em sua bagagem cultural um conhecimento que lhe possibilitava produzir uma crítica daquela sociedade.

Como vimos anteriormente, seus primeiros trabalhos ainda em Desterro, foram marcados pelo combate a escravidão, numa literatura meio condoreira e cheia de ideais libertários. Suas leituras, segundo seus principais memorialistas, giravam em torno de Guerra Junqueiro, Antero de Quental, Petrarca, Eça, Flaubert, Zola, Leoconte de Lisle, Cesário Verde, bem como Darwin, Spencer, Haeckel, Taine e principalmente Baudelaire, o qual exerceu influencia significativa sobre suas obras.<sup>176</sup>

---

<sup>175</sup> BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix. 42 Edição. 1994. p.268-269.

<sup>176</sup> BOSI, op. cit., p.268-269.

O início de sua trajetória enquanto literato seguia muito próxima a dos principais poetas, muitos deles pertencentes à geração de 70, e de seus colegas do grupo Idéia Nova. Todos participaram da oposição ao trabalho escravo e exigiam a substituição do Império por uma República democrática e liberal na tentativa de promover uma ruptura com um passado de atraso. Paralelamente, desejavam a atualização da sociedade, que ainda conservava alguns padrões mentais antiquados pertencentes ao Romantismo.

Entretanto no período em que viveu no Rio de Janeiro, Cruz e Sousa tomou contato com uma literatura produzida por poetas identificados com a sensibilidade decadentista, de crítica a modernidade, além de Baudelaire, o qual já conhecia, tomou contato com as obras de Edgar Allan Poe, Huysmans, Villiers de L'Isle-Adam e Joséphin Péladan.

Cruz e Sousa passou pela experiência de ver a cidade entrar num processo de modernização excludente. Passou também por uma nova experiência política, a República, fase turbulenta com suas disputas canhestras, seus arranjos e vícios de compadrios que lhe fechou as portas a uma possível mobilidade social<sup>177</sup>.

O poeta simbolista pôde perceber de perto o distanciamento que se formou entre, o pretense discurso racional e liberal fonte inesgotável de possibilidades, o qual defendeu e acreditou, e a efetiva liberdade do homem, a qual a realidade social e econômica foi transformando, reduzindo-o a um instrumento de mercado e aprisionando-o a papéis sociais cada vez mais oprimentes.<sup>178</sup>

O discurso racional o qual defendeu de forma tão fervorosa, “organiza o mundo, mas o separa de forma violenta do próprio homem, abrindo um fosso profundo na consciência humana”<sup>179</sup>.

Esta experiência criava uma sensibilidade, que emana de seu tempo histórico presente, das tensões que o indivíduo sofreu no seu ambiente social e na sua própria experiência.<sup>180</sup> Sensibilidade de derrota, de falta de perspectiva de futuro, como podemos observar no trecho da carta que Cruz e Sousa a Virgílio Várzea, onde relatava as dificuldades que passava naquele momento:

---

<sup>177</sup> ALBUQUERQUE, op. cit., p.36.

<sup>178</sup> BOSI. Op. cit., p.267.

<sup>179</sup> ALBUQUERQUE. Op.cit., p.49.

<sup>180</sup> Op. cit., p.35.

Não imaginas o que tem passado por meu ser, vendo a dificuldade tremendíssima, formidável em que está a vida no Rio de Janeiro. Perde-se em vão tempo e nada se consegue. Tudo está furado, de um furo monstro. Não há por onde seguir.<sup>181</sup>

A partir destas experiências, Cruz e Sousa selecionou em sua bagagem cultura um tipo específico de estética, capaz de produzir uma reação ao pensamento materialista que fincava raízes no Brasil e que ao mesmo tempo pudesse expressar o seu desencanto com a época.

A estética escolhida foi a decadentista, representação de uma sensibilidade muito refinada e específica. Henrique Albuquerque em seu estudo definiu de forma precisa esta sensibilidade:

Esta sensibilidade extremada se expressa por um sentimento de cansaço da civilização, de sensação de “final de mundo”, de exclusão intensa, de isolamento na “torre de marfim”.<sup>182</sup>

O decadentismo pode ser definido como uma sensibilidade que certos poetas, historiadores e pensadores tiveram desde o início de século XIX até o final da Belle Époque já no século XX. Tal sensibilidade de decadência tem origem anterior ao Simbolismo.

Entretanto, o Simbolismo foi um dos movimentos estéticos que expressou esta sensibilidade decadentista. O decadentismo não se consolidou em um movimento literário ele foi absorvido pelo simbolismo. O decadentismo pode ser identificado como uma busca pelo preciso, pelo raro, pelo efeito estético fora do comum.<sup>183</sup> Essa busca pelo raro, remete muitas vezes a uma atmosfera de encantamento, de refinamento, a

---

<sup>181</sup> MUZART, op. cit., p.33.

<sup>182</sup> ALBUQUERQUE, op. cit., p.68.

<sup>183</sup> Op. cit., p.69.

um mundo distante e exótico. Em um trecho do poema Fidalgo extraído de Missal vem a confirmar tal busca:

Pé esguio, fino, leve, a Mefistófole, para galgar, não já a Roma pomposa e purpúrea, enflorada em glórias; nem mesmo já até a Grécia estóica, de ouro e de mármore; mas para supremamente galgar as regiões infinitas e virgens da deslumbrante Originalidade<sup>184</sup>.

O refinamento, o raro, o precioso e o destaque a originalidade, podem ser compreendido como uma clara oposição à cultura de massa que no final do século XIX ganhava destaque.

Os personagens dos poetas decadentes são sempre dotados de extrema sensibilidade, são seres excepcionais. O segundo trecho do poema evidencia este apontamento:

Colorido de graça, madrigalesco e maravilhoso, a luva negra vestindo a mão real e loira e fantasioso Excentrista, a face meditadora e branca voltada para as Estrelas, donde surgiriam as leis transcendentais da Arte, penetrariam os pórticos suntuosos de palácios d'esmeraldas e safira, subindo por escadarias de prata e pérolas<sup>185</sup>.

Neste trecho podemos perceber a referência aos nobres, os personagens dos decadentistas são quase sempre nobres, seres em via de extinção, uma clara oposição ao burguês. No mesmo poema Cruz fez referência a uma outra questão importante, a transcendência.

---

<sup>184</sup> SOUSA, Cruz. In. TEIXEIRA, Ivan.(Org). *Missal e Broquéis*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.53.

<sup>185</sup> Op. cit., p.53.

Segundo Bosi, há uma diferenciação temática no interior do simbolismo brasileiro. A vertente que teve Cruz e Sousa por modelo, tendia a transfigurar a condição humana e lhe dar horizontes transcendentais, capazes de redimir os seus duros contrastes<sup>186</sup>.

Na literatura decadentista, se faz presente um desejo constante de transcender, de atingir ao supremo espiritual, o mistério da existência. Esta tentativa de transcender parte dos elementos mais cotidianos, não raro “satânicos”, “malditos” ou “feios”, dotados de uma força poética e mítica. É pelo feio que um poeta como Baudelaire reconstrói toda a estética até então vigente em sua época<sup>187</sup>.

Baudelaire se faz vivamente presente, na poesia de Cruz e Sousa através de sua crítica a Modernidade. Para Baudelaire a Modernidade enfraquece o homem destruindo seu impulso produtivo natural. No poema *O Assinalado* Cruz traduz este sentimento destrutivo em desventura:

Tu é o louco da imortal loucura,  
O louco da loucura mais suprema.  
A terra é sempre a tua negra algema,  
Prende-te nela a extrema Desventura<sup>188</sup>

A vida moderna antes vista como grande aventura aos poucos se transforma em uma grande desventura do espírito humano, buscando na transcendência as recompensas para as frustrações.

A presença do poeta francês pode também ser percebida através de uma influencia abertamente erótica e satânica como podemos perceber em um trecho do poema *Encarnação* presente em Broquéis:

Carnais, sejam carnis tantos desejos,  
Carnais, sejam carnis tantos anseios,  
Palpitações e frêmitos e enleios.  
Das harpas da emoção tantos harpejos ...

---

<sup>186</sup> BOSI, op. cit., p.269.

<sup>187</sup> ALBUQUERQUE, op. cit., p.49.

<sup>188</sup> SOUSA, Cruz e. Últimos Sonetos. GUIMARÃES. Júlio Castañon.(Org). Últimos Sonetos. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 48

Sonhos, que vão, por trêmulos adejos,  
À noite, ao luar, intumescer os seios  
Lácteos, de finos e azulados veios  
De virgindade, de pudor, de pejos

Esta fase sensualizante na poesia de Cruz e Sousa, para alguns biógrafos poder ser atribuída ao fato de ser este o período em que Cruz e Sousa conheceu Gavita, sua futura esposa<sup>189</sup>.

Para o poeta Cruz e Sousa, o ano de 1893 não foi apenas marcado pelo lançamento de suas obras, foi também o ano em que Cruz e Sousa casou-se com Gavita Gonçalves.

Gavita era uma jovem negra proveniente de uma família com poucos recursos. Era alfabetizada e trabalhava como costureira de uma grande oficina.

Entre os principais biógrafos de Cruz e Sousa encontramos alguns depoimentos de pessoas muito próximas ao círculo de amigos do casal. Maria de Lourdes Filgueira Balassiano, neta de Nestor Vitor, descreveu Gavita como uma mulher elegante e de trato refinado. "Tinha um falar fluente e bastante argúcia, senso crítico e uns olhos que chamavam muito a atenção".<sup>190</sup>

Em outra passagem completou, "Gavita era inteligentíssima, rica no falar e tinha um andar cadenciado de Madame de botar inveja e de deixar muitas moças brancas da época de ciúme alevantado"<sup>191</sup>.

Entre as correspondências de Cruz e Sousa, encontramos muitas cartas endereçadas a Gavita. Durante o período de namoro, Cruz correspondia-se com frequência com a futura esposa. O conteúdo das cartas revelou um poeta apaixonado.

Rio, 31 de março de 1892.

Minha adorada Gavita

Estou cheio de saudades por ti. Não podes imaginar, filhinha do meu coração, como acho grandes as horas, os dias,

---

<sup>189</sup> ALBUQUERQUE, op. cit., p. 60.

<sup>190</sup> ALVES, Uelinton Farias. Reencontro com Cruz e Sousa. Florianópolis: Papa-livros. 1990 p.30.

<sup>191</sup> ALVES, op. cit., p.30.

a semana toda. O sábado, esse sábado que eu tanto amo, como custa tanto a vir. Ah! como se demora o sábado. E tu, minha boa flor da minh'alma, que és o meu o meu cuidado, a minha felicidade, o meu orgulho, a minha vida, não sabes como eu penso em ti, como eu te quero bem e te desejo feliz.(...)<sup>192</sup>

Os encontros entre Gavita e Cruz e Sousa, aconteciam sempre aos sábados. Em um outro trecho da mesma carta, em meio a juras de amor eterno, Gavita parece ser naquele momento o consolo que acalma e reaviva as esperanças do poeta:

(...) és hoje a maior alegria da minha vida, a única felicidade que me consola e que me abre os braços com carinho.  
(...) Quando estou a teu lado, Gavita, esqueço-me de tudo, das ingratidões, das maldades e só sinto que os teus olhos me fazem morrer de prazer.<sup>193</sup>

Com as responsabilidades do casamento, Cruz intensificou sua busca por um cargo público que garantisse a estabilidade e a sobrevivência de sua família. Com a ajuda de Nestor Vitor Cruz conseguiu uma colocação como praticante de arquivista na Central do Brasil.

Com o casamento vieram os filhos e procurando uma melhor colocação ou uma promoção que garantisse um melhor rendimento, no final do ano de 1894, Cruz escreveu a Nestor Vitor, pedindo que intercedesse por ele numa possível promoção:

Rio, 16, dezembro de 1894.

Meu caro Nestor

Sobre a minha pretensão tenho a dizer-te que um dos lugares que me serve é o de amanuense, que tem um vencimento maior do que o lugar que exerço atualmente.

O Dr. Piragiba que aluda a isso ao Marechal Jardim, pois o meu amigo Ricardo de Albuquerque também se interessa com grande e decidido esforço.

---

<sup>192</sup> MUZART, op. cit., p.18.

<sup>193</sup> Op. cit., op. cit., p.19.

Também não deixo de aceitar o teu empenho, conforme falaste para o D. Antonio Olyntho a quem sou bastante simpático, segundo estou informado.

O momento é de decisão e eficácia. Já longo e doloroso tempo tenho aguardado um melhora na vida.

Teu  
Cruz e Sousa.<sup>194</sup>

A desejada promoção a amanuense não ocorreu, e sim, sua promoção à arquivista da Central do Brasil cargo que ainda não lhe garantia um rendimento suficiente para manter a família, obrigando Cruz e Sousa a recorrer a constantes pedidos de empréstimo a seus amigos. Naquele mesmo ano nasceu seu primeiro filho, Raul.

Sensível a toda aquela dificuldades Gavita passou a ter acessos de loucura, permanecendo neste estado por cerca de seis meses, como indicou a carta de Cruz e Sousa a Nestor Vitor:

Rio, 18 de março de 1896.

Meu Grande Amigo

Peço-te que venhas com a máxima urgência a minha casa, pois Minha mulher está acometida de uma exaltação nervosa, devido ao seu cérebro fraco que, apesar das minhas palavras enérgicas em sentido contrário e da minha atitude de franqueza em tais casos, acredita em malefícios e perseguições de toda a espécie.(...)<sup>195</sup>

Nesta fase Gavita voltaria a ser tema dos poemas de Cruz e Sousa, mais sob outras circunstancias. *Balada dos loucos* ficou conhecido como um dos poemas que melhor expressou esta triste fase da vida do casal.

Mudos atalhos afora, na soturnidade de alta noite, eu e ela caminhávamos.

---

<sup>194</sup> Carta de Cruz e Sousa a Nestor Vitor. MUZART, op. cit., p.42.

<sup>195</sup> Op. cit., MUZART, op. cit., p.43.

Eu, no calabouço sinistro de uma dor absurda, como de feras devorando entranhas, sentindo uma sensibilidade atroz morder-me, dilacerar-me.

Ela, transfigurada por tremenda alienação, louca, rezando e soluçando baixinho rezas bárbaras.

Eu e ela, ela e eu! – ambos alucinados, loucos, na sensação inédita de uma dor jamais experimentada. (...) <sup>196</sup>.

Com uma relativa melhora na saúde de Gavita, Cruz retornou suas atividades literárias com a criação do grupo “Os Novos”, como eram chamados os poetas simbolistas reunidos em torno do jornal Folha da Tarde.

Neste mesmo ano reuniu um grupo de amigos dentre estes Gonzaga Duque para fundar a Revista dos Novos:

Rio, 11 de abril de 1894.

Na impossibilidade de falar-te calmamente, escrevo-te uma ligeira exposição sobre a Revista dos Novos.

Penso que o grupo que deve naturalmente constituir os combatentes da Revista dos Novos tem de ser composto da tua individualidade, Emiliano Pernetá, Oscar Rosas, Arthur de Miranda, Nestor Vitor, B. Lopes, Emilio de Menezes, Lima Campos, Araújo Figueiredo, Virgílio Várzea, Santa Rita, Mauricio Jubim, Cruz e Sousa e Gustavo Lacerda, simplesmente sendo que este último deverá dar escritos sintéticos, muito generalizados, sem personalismo, sobre política socialista.(...).

Enfim, apenas esse deve de ser o grupo fundador Por excelência, deve constituir o corpo uno das idéias da Revista nos seus elevados fundamentos gerais, à parte dos detalhes da compreensão de cada um em particular.(...) <sup>197</sup>.

O conteúdo da carta trás os nomes de Oscar Rosas e Emiliano Pernetá, o primeiro continuava na Capital, quanto a Emiliano Pernetá, por esta época encontrava-se no interior de Minas, mesmo distante ainda integrando o grupo.

---

<sup>196</sup> SOUSA, Cruz e. Balada dos Loucos. In. MURICY, Andrade. *Panorama do Simbolismo Brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, Volume 1, 1987, p.197.

<sup>197</sup> Carta de Cruz e Sousa a Gonzaga Duque. MUZART, op.cit.,pp.39-40.

Interesse notarmos a preocupação de Cruz e Sousa em dar uma identidade ao grupo. Como mencionamos anteriormente, as revistas tinham como objetivo dar uma identidade e coesão ao grupo. A carta mostrava também o seu interesse pelo que chamava de política socialista.

Em uma outra carta escrita a Nestor Vitor, podemos perceber as dificuldades financeiras, o baixo rendimento obrigava ao poeta a recorrer a ajuda dos amigos.

Rio, 2 de junho, 1896.  
Nestor

Desejo muito que me faças um sacrifício de amigo, ao menos com a quantia de vinte mil réis.

Tenho tido grandes saudades da nossa convivência, tão consoladora e tão nobre.

Aparece que tenho uns trabalhos para mostrar-te.

Teu profundo amigo.<sup>198</sup>

Quanto aos trabalhos mencionados na carta, possivelmente seriam poemas que formariam suas próximas obras, *Evocações*, *Faróis* e *Últimos Sonetos*, publicados somente após a sua morte. Mesmo vivendo na extrema dificuldade, Cruz não abandonou o desejo de escrever e publicar. Entretanto, pressentindo que seu estado de saúde a cada dia se agravava, escreveu a Nestor Vitor pedindo uma orientação:

Rio 27 de dezembro 1897.  
Meu Nestor

Não sei se estará chegando realmente o meu fim, - mas hoje pela manhã tive uma síncope tão longa que supus ser a morte. No entanto, ainda não perdi nem perco de todo a coragem (...).

Se pudesses vir hoje até cá, não só para me confortares com a tua presença, mas também para me orientares n'algum ponto desta terrível moléstia, será uma alegria para o meu espírito e uma paz para o meu coração.<sup>199</sup>

---

<sup>198</sup> Carta de Cruz e Sousa a Nestor Vitor. Op. cit., op.cit., p.45.

<sup>199</sup> MUZART, op. cit., p.46.

Da mesma forma escreveu a Araújo Figueiredo, amigo que já não via há muito tempo. A carta assume um tom de despedida, ao passo que reconhecia a importância desta amizade. Araújo Figueiredo passou por um longo período de grandes dificuldades, chegou a ser nomeado Promotor Público em Tubarão cidade ao Sul de Santa Catarina, sendo destituído do cargo dois anos depois. Trabalhou como tipógrafo em jornais do Rio de Janeiro e São Paulo, retornando para Santa Catarina onde exerceu cargos burocráticos.

Rio, janeiro de 1898.

Meu Araújo

Que os meus braços amigos te aperte bem de encontro ao meu coração, no momento em que receberes estas linhas saudosas. Mas escrevo-te, meu querido irmão, com a alma dilacerada de angustias, porque me vejo a morrer aos poucos, e quisera, pelo menos passar alguns dias contigo, antes que isso sucedesse, pois vejo em ti um grande e afetuoso amparo aos meus últimos desejos.

Fala com teu amigo José Fernandes Martins e arranja com ele uma condução, no paquete Industrial, para mim, para Gavita e para os meus quatro filhos. Se escapar da morte que, no entanto julgo próxima, ajudar-te-ei no teu colégio, ouviste? Saudades.

O teu, pelo coração e pela arte,  
Cruz e Sousa.<sup>200</sup>

Araújo Figueiredo nessa época trabalhava como professor de um colégio em Laguna o qual José Fernandes Martins mencionado na carta era o diretor.

O baixo rendimento que recebia de sua atividade como arquivista, levaram Cruz e Sousa e sua família a mudanças constantes de endereço. O crescimento populacional que passava a Capital naquele período, acrescida da política de remodelamento da cidade, demolindo muitos imóveis e residências populares, contribuíram para aumentar a procura por moradias mais baratas e colaboraram para elevar os preços dos aluguéis.

---

<sup>200</sup> Op. cit., op. cit., pp.47-48.

Em janeiro de 1898 escreveu a Nestor Vitor contando das dificuldades que enfrentava naquele início de anos e agradecendo o apoio e as palavras de estímulo do poeta paranaense:

Rio 27 de Janeiro de 1898.

Meu belo Nestor

A tua carta de 24 foi um clarim de anjo trazendo-me belas novas,

Animação e coragem. Sim! Nenhuma dúvida deve ter de que eu não esteja absolutamente resolvido a partir. Mas antes disso há muitas cousas sérias a tratar – principalmente uma procuração ou cousa que o valha para poderes todos os meses receber os meus pingues ordenados; como também, deixar feito por antecedência o novo requerimento pedindo prorrogação da minha licença, o que é inteiramente indispensável.

Nestor – A luta das casas continua horrível. Não imaginas que verdadeiro desespero. Todos querem fiador – e é para ali, de punhos cerrados, de dentes cerrados. Já não temos quase recursos nem para os trens nem para os bondes. Estas cousinhas é que ninguém parece lembrar-se d'elas...<sup>201</sup>

A carta confirmava as dificuldades de sobrevivência já mencionadas anteriormente, e indicava a nomeação de Nestor Vitor como seu principal procurador. Os estudos de Andrade Muricy apontam para o fato de que Nestor Vitor foi à pessoa escolhida por Cruz, como o responsável pela publicação e divulgação da produção literária de Cruz e Sousa.

A última correspondência trocada entre Cruz e Sousa e Nestor Vitor data de março de 1898.

17 de março de 1898.

Meu caro Nestor

Ceguei sem novidades a 16 deste por 7 horas e meia da manhã desse dia. Fiquei cansadíssimo da viagem. Nada tenho

---

<sup>201</sup> MUZART, op. cit., p.49.

de importante mais a dizer-te. Os remédios toma-os regularmente. Preciso com muita urgência de dinheiro. Isto aqui é muito agradável. Depois mandarei dizer tudo. Não te esqueças do dinheiro.  
Lembranças da Gavita.

Teu  
Cruz e Sousa.<sup>202</sup>

A carta trazia notícias de sua chegada à estação de Sítio interior de Minas Gerais, local para onde seguiu em busca de tratamento para seu estado de saúde já bastante agravado. Esta foi a última carta que Nestor Vitor receberia de Cruz e Sousa, o poeta de Broquéis faleceu em dois dias depois. Seu corpo foi transportado de volta para o Rio de Janeiro em um vagão de transporte de cavalos sem esquife.

Alfredo Bosi em seu estudo sobre a história da literatura brasileira apontou para o fato de que:

O poeta não percorreu de um só lance o itinerário de composições que o levaria a plena expressão de si mesmo. Missal e Broquéis acham-se evidências de seu exercício literário, como se o autor estivesse ainda experimentando a nova técnica simbolista de construir.<sup>203</sup> Ao cruzarmos dados biográficos com as fontes literárias, percebemos em Missal e Broquéis a presença de um sentimento de desconforto e de cansaço de uma luta a qual ele já foi vencido.

O exercício literário o qual Bosi se referiu seria possivelmente a transformação do sentimento de cansaço, de desilusão, de desencanto em palavra poética.

Ainda segundo Bosi, em *Últimos Sonetos*, livro maduro, a palavra seria a portadora de todo um universo de humilhação que teve por nomes a cor negra, a pobreza, o isolamento, a doença, a loucura da mulher, a morte prematura dos filhos<sup>204</sup>. O poema *Vida Obscura* sintetizou a dor e sofrimento na fase final da vida do poeta:

Vida Obscura  
Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,

---

<sup>202</sup> Op. cit., p.52.

<sup>203</sup> BOSI, op. cit., p.275.

<sup>204</sup> Op. cit., p.272.

Ó ser humilde entre os humildes seres.  
Embragado, tonto dos prazeres,  
O mundo para ti foi negro e duro.

Atravessaste num silêncio escuro  
A vida presa a trágicos deveres  
E chegaste ao saber de altos saberes  
Tornando-te mais simples e mais puro.

Ninguém te viu o sentimento inquieto,  
Magoado, oculto e aterrador, secreto.  
Que o coração te apunhalou no mundo.

Mas eu que sempre te segui os passos  
Sei que cruz infernal prendeu-te os braços  
E o teu suspiro como foi profundo!<sup>205</sup>

---

<sup>205</sup> SOUSA, Cruz. Últimos Sonetos. GUIMARÃES. Júlio Castañon.(Org). Últimos Sonetos. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p.06.

## CONCLUSÃO

A presente pesquisa intitulada Cruz e Sousa: modernidade e mobilidade social nas duas últimas décadas do século XIX, procurou realizar um estudo da trajetória de vida de Cruz e Sousa, um dos mais importantes poetas da literatura brasileira, considerado o precursor do Movimento Simbolista no Brasil.

Nosso objetivo foi o de propor uma releitura da experiência de vida do poeta, que viveu durante um período marcando por intensas mudanças no cenário político e social, mas acima de tudo, um período marcado por mudanças nas relações de comportamento, de uma sociedade escravista, para um modelo liberal e burguês, tais mudanças geraram tensões.

Procuramos ao longo do trabalho re-inserir Cruz e Sousa no leque de possibilidades de mobilidade social conquistada ou disponibilizada tanto em Desterro, como na Capital Federal.

Neste esforço de releitura de sua trajetória de vida nos foi possível perceber que o período o qual viveu, compreendido como Modernidade, revelou ser um período marcado por profundas contradições e ambigüidades.

A modernidade compreende um período vasto e não desejamos aqui fazermos um estudo sobre a história da modernidade, pois tal intento fugiria dos objetivos deste trabalho. Entretanto uma das obras sempre referenciada nos cursos de graduação cujo autor, Marshall Berman, procurou dividir este vasto período em fases na tentativa de buscar sua melhor compreensão.

Berman chamou de segunda fase o período que se iniciou com as grandes ondas revolucionárias de 1790, mais precisamente a Revolução Francesa e suas reverberações. A partir deste momento ganhava vida um público que compartilhava de uma era revolucionária onde os limites passaram a ser desafiados através da razão, que passou a ocupar um lugar antes pertencente à superstição.

Porém, este público moderno do século XIX ainda se lembrava de como era viver material e espiritualmente, em um mundo que não chegava a ser moderno por inteiro. É desta sensação de viver em um mundo dicotômico que emergiu e se desdobrou o

desejo de modernismo e modernização. E neste período de sensações dicotômicas em um ambiente acanhado e provinciano que um jovem poeta desejou ser moderno. Mas o que é ser moderno? Berman tentou definir da seguinte forma:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.<sup>206</sup>

Cruz e Sousa, durante a trajetória, experimentou algumas destas sensações. O prazer da aventura, de sair de um acanhado ambiente provinciano, viajar país a fora. O prazer do poder, o poder de dominar, de compreender, de transformar palavras em Poesia e Arte. Alegria, alegria da chegada, dos amigos, do amor verdadeiro.

O crescimento, que se dava por meio da compreensão de novos valores, e técnicas de refinamento de sua estética. Autotransformação, que acontecia por meio da experiência individual de cada um, aliada ao conhecimento.

Transformação, das coisas ao redor, este foi o desejo do qual não conseguiu realizar. E deste desejo de transformação nasceu a ameaça de destruir tudo o que tinha, tudo o que sabia e o que era.

Cruz e Sousa encontrou no desejo de ser moderno os seus limites, e em Baudelaire e na estética Simbolista os melhores tradutores de um sentimento de desencanto desta mesma Modernidade.

Os limites da Modernidade para ele se configuravam de forma bem clara. Era um homem livre de cor, durante um período de vigência de um pensamento liberal no Brasil. Entretanto, para ele que trazia as marcas do passado escravista não era possível exercer esta “liberdade” de direitos plenamente sem ser lembrado de sua origem étnica e sua condição social. O recrudescimento do discurso racial reforçou estes limites.

A mudança no regime político e nas relações sociais onde passaram a ser valorizadas, não a capacidade individual, mas, as relações de compadrio e apadrinhamento dificultaram a aproximação de Cruz e Sousa da ocupação de algum cargo público que lhe garantisse a sobrevivência. Como literato em vida nunca chegou a fazer parte da Academia Brasileira de Letras, pelo contrário foi de alguns de seus membros que partiram nas críticas mais duras sobre sua estética e sua postura enquanto intelectual.

O desencanto com os ideais libertários, com as bandeiras que defendeu em sua juventude e com os sonhos que acreditou um dia realizar produziram em Cruz e Sousa uma sensibilidade de decadência, transformada em poesia de protesto. Protesto para uma sociedade surda, com uma sensibilidade materialista, onde o espaço entre os valores materiais e espirituais se ampliavam a cada dia.

Desta forma a estética escolhida por Cruz e Sousa, também se constituiu em um limite para a sua mobilidade social, visto que não era a “literatura sorriso” mais sim uma literatura que mostrava as mazelas e o empobrecimento do espírito daquela sociedade.

---

<sup>206</sup> BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da Modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Sobre a modernidade ver também: MAYER, Arno. A força da tradição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

## BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Henrique Cavalcanti. *Decadentismo de desilusão: o desencanto pela modernidade na Literatura do Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História, PUC, 2004.

ALVES, Uelinton Farias. *Reencontro com Cruz e Sousa*. Florianópolis: Papa-livros, 1990.

ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. São Paulo: Edusc, 1998.

ARAÚJO, Hermetes dos Reis. *A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História, PUC, 1989.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho. *Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

AZEVEDO, Elciene. *Orfeu de carapinha: a trajetória de Luiz Gama na Imperial cidade de São Paulo*. Campinas: UNICAMP, 1999.

BALAKIAN, Ana. *O Simbolismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985.

BARBOSA, João Alexandre. Prefácio. IN: *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, Volume I 1987.

BAUDELAIRE, Charles. *As Flores do Mal*. Tradução Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de História*. IN: *Obras Completas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_ Sobre alguns temas em *Baudelaire, Paris capital do século XIX*. IN: *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da Modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou, O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 9ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora de Desterro. Memória I e II*. Florianópolis: Lunardelli, 1977.

\_\_\_\_\_ *Nossa Senhora de Desterro. Notícias I e II*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1993.

\_\_\_\_\_ *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Negros em Florianópolis: relações sociais e econômicas*. Florianópolis: Insular, 2000.

CARDOSO, Paulino de Jesus. *Negros em Desterro 1860-1888*. São Paulo: Tese de Doutorado, PUC, 2003.

CARVALHO, José Murilo de. *Teatro de sombras: a política Imperial*. Rio de Janeiro: Vértice, IUPERJ, 1988.

\_\_\_\_\_ *Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano I. Artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_ *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_ *Machado de Assis um historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHEREM, Rosangela Miranda. *Os faróis do tempo novo. Política e cultura no amanhecer republicano da Capital catarinense*. São Paulo: Tese de Doutorado, USP, 1998.

COLLAÇO, Vera Regina. *Um painel do teatro catarinense no século XIX: com enfoque em Nossa Senhora do Desterro*. São Paulo. Dissertação de Mestrado, USP, 1984.

COSTA, Emilia Viotti da. *Da Monarquia a República: momentos decisivos*. São Paulo: Unesp, 7ª edição, 1998.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_ *Hermenêutica do Quotidiano na historiografia contemporânea*. IN: Projeto História. São Paulo, nº 17 Novembro de 1998.

ELIAS, Norbert. *Mozart. Sociologia de gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_ & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FABRIN, João Baptista. *Grandes casas, novidades e curiosidades*. Florianópolis. Trabalho de conclusão do curso de História. UDESC, 2002.

FENELON, Déa Ribeiro. *E.P. Thompson: história e política*. Revista Projeto História. São Paulo, nº12, Outubro de 1995.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. Volumes I e II. São Paulo: Editora Dominus, USP, 1965.

\_\_\_\_\_ Prefácio IN: *Cor e mobilidade social em Florianópolis*. São Paulo: Companhia Editoria Nacional, 1959.

GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. IN: *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GRINBERG, Keila. Liberata. *A lei da ambigüidade: as ações de liberdade da Corte de apelação do Rio de Janeiro no século XIX*. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 1994.

\_\_\_\_\_ *O fiador dos brasileiros. Cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antônio Pereira Rebouças*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HUBERNER, Laura Machado. *História econômica e financeira*. IN: Melo, Osvaldo Ferreira (Org). *História sócio cultural de Florianópolis*. Florianópolis: IHGSC, Lunardelli, 1991.

JÚNIOR, Raymundo Magalhães. *Poesia e vida de Cruz e Sousa*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

LEITE, Ilka Boaventura. (Org). *Negros no Sul do Brasil. Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

MACHADO, Maria Helena P. Toledo. *O plano e o pânico. Os movimentos sociais na década da Abolição*. Rio de Janeiro: UFRJ/EDUSP, 1994.

MAIO, Marcos Chor. (Org). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996.

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. Volume IV. São Paulo: Queroz Editora, 1996.

MATTOS, Hebe Maria. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista. Brasil século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

\_\_\_\_\_ *Escravidão e cidadania no Brasil Monárquico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2000.

MAYER, Arno. *A força da tradição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MONTENEGRO, Abelardo F. *Cruz e Sousa e o Movimento Simbolista no Brasil*. 3ª edição. Florianópolis: FCC edições. Fortaleza: EUFC, 1998.

MURICY, Andrade. *Introdução, cronologia e notas IN: Obras Completas de Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1961.

\_\_\_\_\_ *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. 3ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2 volumes, 1987.

MUZART, Zahide Lupinacci. (Org) *Cartas de Cruz e Sousa*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1993.

NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Henrique Luiz Pereira. *Os filhos da falha: assistência aos expostos e remodelação das condutas em Desterro (1828-1887)*. São Paulo. Dissertação de Mestrado em História, PUC, 1990.

PAULI, Evaldo. *Cruz e Sousa. Poeta e Pensador*. 1ª edição. São Paulo: Editora do Escritor, 1973.

PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas, mulheres faladas; uma questão de classe*. Florianópolis: UFSC, 1994.

PEREIRA, Helena Bonito Couto. *Araripe Júnior e o Simbolismo francês*. São Paulo. Tese de Doutorado em Teoria Literária, USP, 1996.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Literatura e cordialidade: o público e o privado na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Ed/UERJ, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. *A Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SCHWARCZ, Lílian Moritz. *Retrato em branco e negro. Jomais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SLENES, Robert. *Na senzala uma flor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

SOARES, Iaponan. *Ao redor de Cruz e Sousa*. Florianópolis: UFSC, 1988.

SOUSA, Cruz e. *Missal e Broquéis*. TEIXEIRA, Ivan (Org). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SOUSA, Cruz e. *Poesia Completa*. MUZART, Zahide Lupinacci (Org). 12ª edição. Florianópolis: FCC, 1993.

SOUSA, Cruz e. *Últimos Sonetos*. 3ª edição. KURY, Adriano Gama & GUIMARÃES, Júlio Castañon. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Florianópolis: Editora DaUFSC, 1997.

SOUSA, Cruz e. *Dispersos. Poesia e Prosa*. SOARES, Iaponan (Org). São Paulo: UNESP, Giordano, 1998.

THOMPSON, E.P. A experiência. IN: *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_ *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional.* São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TORRES, Marie-Helene Catherine. *Descida poética no inferno.* Florianópolis. UFSC. Dissertação de Mestrado em Literatura, 1995.

VALADÃO, Tânia C.T. *De arte e de dor. Proposta nova para a leitura de Evocações.* Florianópolis: UFSC. Dissertação de Mestrado em Literatura, 1989.

VÁRZEA, Virgílio. *Santa Catarina: A Ilha.* Florianópolis: Lunardelli, 1985.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. *Sonhos africanos, vivências ladinas. Escravos e forros em São Paulo.* São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

## FONTES

### Obras de Cruz e Sousa:

*Tropos e Fantasias* 1885 - Desterro

*Missal* \*1893 – Rio de Janeiro

*Broquéis* \*1893 – Rio de Janeiro

Evocações\*\*

Últimos Sonetos\*\*

Faróis\*\*

\* Obras publicadas quando já residia no Rio de Janeiro.

\*\* Obras Póstumas.

### Correspondências:

Carta a Germano Wendhausen. Desterro, 2 de abril de 1888.

\_\_\_\_\_ Corte, junho de 1888.

\_\_\_\_\_ a Virgílio Várzea. Corte, 8 de janeiro de 1889.

\_\_\_\_\_ a Araújo Figueiredo. Ondina, 2 de abril de 1890.

\_\_\_\_\_ Rio, 8 de janeiro de 1897.

\_\_\_\_\_ a Gonzaga Duque. Rio, 11 de abril de 1894.

\_\_\_\_\_ a Nestor Vitor. Rio, 16 de dezembro de 1894.

\_\_\_\_\_ Rio, 18 de março de 1896.

\_\_\_\_\_ a Carolina Eva da Conceição.

\_\_\_\_\_ a Guilherme de Sousa.

\_\_\_\_\_ a Gavita. Rio, 31 de março de 1892.

### Jornais:

*O Moleque* 1885.

*Regeneração* 1883, 1885 e 1886.

*O Conservador* 1875.

**Obras de críticas:**

MURICY, Andrade. *O Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 2 volumes, 1987.

ROMERO, Sílvio. *Teoria, crítica e história literária*. Seleção e apresentação de Antônio Cândido. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1978.

SOUSA, Cruz e. *Obra Completa. Poesia*. Organização geral por Andrade Muricy. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1961.

\_\_\_\_\_ *Obra Completa. Prosa*. Organização geral por Andrade Muricy. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1961.

\_\_\_\_\_ *Últimos Sonetos*. 3ª edição. KURY, Adriano Gama & GUIMARÃES, Júlio Castañon. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Florianópolis: Editora DaUFSC, 1997.

VERÍSSIMO, José. *Teoria, crítica e história literária*. Seleção e apresentação de João Alexandre Barbosa. São Paulo: Edusp, 1977.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)